

ZEILA COSTA

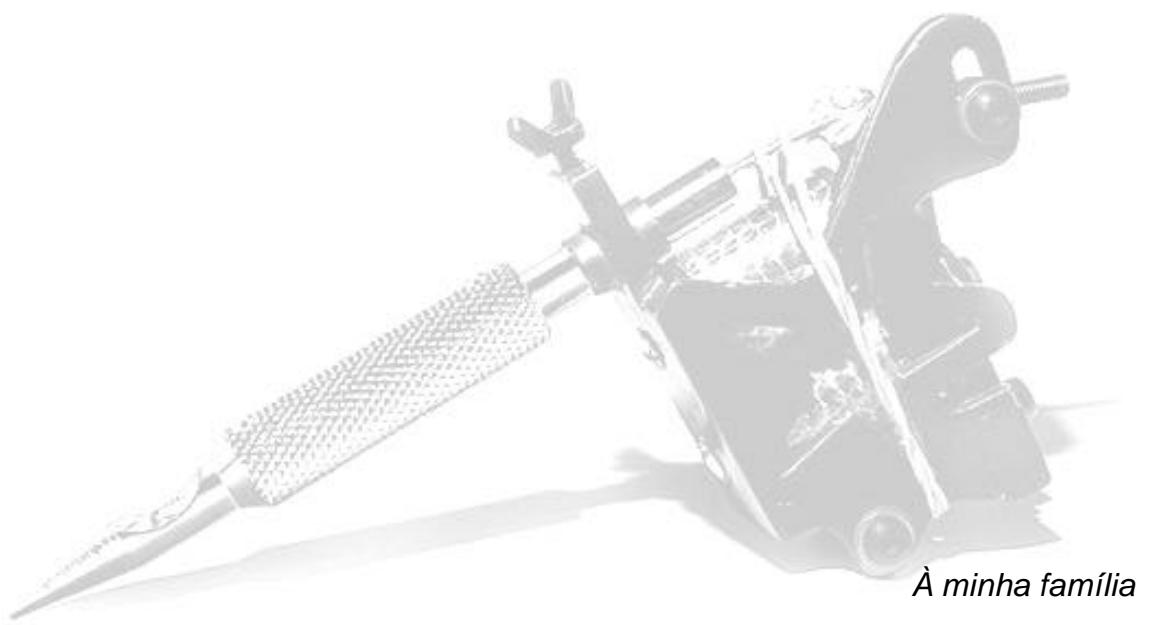
*Do Porão ao Estúdio:*

Trajetórias e práticas de tatuadores e transformações no  
universo da tatuagem.

Dissertação apresentada como requisito  
parcial à obtenção do grau de Mestre em  
Antropologia Social, curso de Pós-  
Graduação em Antropologia Social,  
Centro de Ciências Humanas,  
Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Weidner  
Maluf.

Florianópolis  
2004



*À minha família*

## Agradecimentos

A realização desse trabalho é resultado de um longo percurso que iniciou quando resolvi voltar aos “bancos escolares” há seis anos e ingressei no curso de ciências sociais nesta mesma Instituição. Durante esses anos, muitos foram os que contribuíram para que esse ‘projeto de vida’ se realizasse e a quem gostaria nesse momento de agradecer.

Às pessoas que foram minhas interlocutoras, portanto co-autoras deste trabalho e que se propuseram a dividir suas experiências comigo: os tatuadores Leco, Marquinhos, Edu, Anjo, Celinho, Alexandre, Natália, Stoppa e Daniel, assim como as pessoas que trabalham nos estúdios de tatuagem que estive.

À Sônia Weidner Maluf que orientou essa pesquisa com paciência e dedicação e possibilitou mais que uma relação acadêmica, a construção de uma amizade.

À Liliane Brum Ribeiro por suas leituras atentas e sugestões valiosas durante todo o trabalho, sua disponibilidade e carinho foram fundamentais.

Aos professores e professoras do PPGAS. Assim como aqueles que durante essa trajetória estiveram presentes em minha formação enquanto pesquisadora Janice Tirelli Ponte de Sousa (PPGSP/UFSC), Aneliese Nacke e Sílvio Coelho dos Santos (PPGAS/UFSC).

Aos professores Theóphilos Rifiotis e Miriam Hartung pelas valiosas contribuições dadas durante a banca de qualificação de projeto.

Aos colegas que participaram das discussões sobre o projeto deste trabalho, especialmente na disciplina *Redação de Tese e Dissertação*.

À banca de defesa dessa dissertação Elsje Lagrou, Miriam Hartung e Deise Lucy O. Montardo.

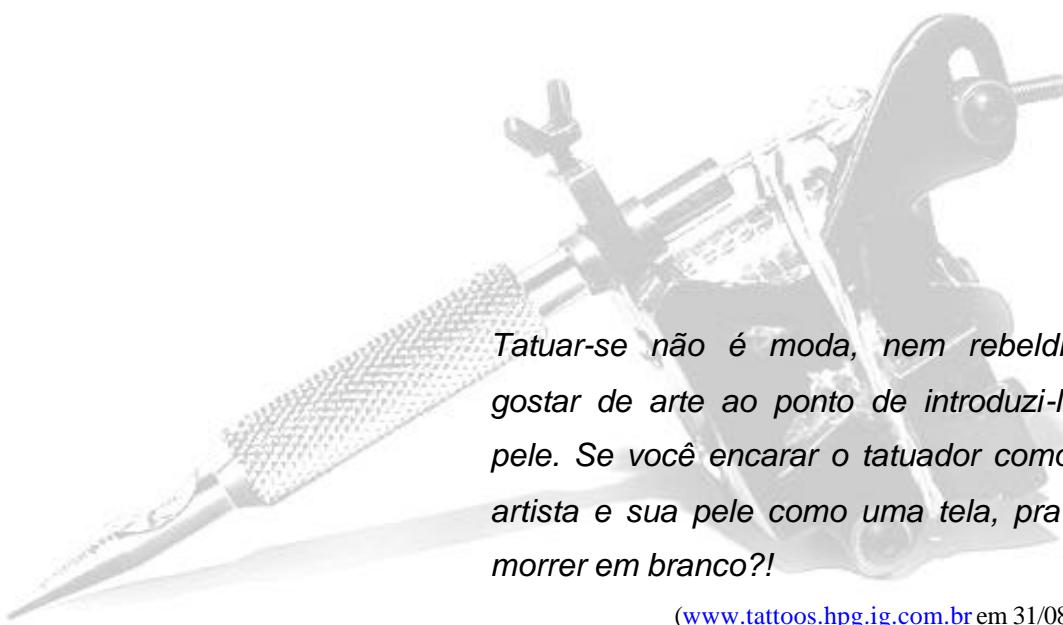
À Karla e Fátima pela atenção dada nos procedimentos administrativos.

À Daniele Costa pelas fotos, diagramação das imagens e pela força imprescindível neste trabalho.

À Conceição, Pedrinho e Suzi pela valiosa colaboração no final desta jornada.

À minha família que esteve sempre presente em todos os momentos com seu aconchego, incentivo e que compreendeu com sabedoria minhas ausências necessárias.

Às agências fomentadoras CAPES e CNPq por parte do apoio financeiro necessário a realização desta pesquisa.



*Tatuar-se não é moda, nem rebeldia, é  
gostar de arte ao ponto de introduzi-la na  
pele. Se você encarar o tatuador como um  
artista e sua pele como uma tela, pra que  
morrer em branco?!*

([www.tattoos.hpg.ig.com.br](http://www.tattoos.hpg.ig.com.br) em 31/08/2002)

## **Sumário**

Listas de Ilustrações.....	7
Resumo.....	8
Abstract.....	9
Introdução.....	10
CAPÍTULO 1 – NOVOS CAMINHOS: ESPAÇOS E TECNOLOGIA NA TATUAGEM	20
1.1 O estúdio de tatuagem.....	25
1.1.1 Os primeiros estúdios na Ilha.....	25
1.1.2 O estúdio na cidade.....	26
1.1.2.a O espaço físico.....	29
1.1.2.b Um espaço de sociabilidade.....	31
1.1.2.c O espaço de tatuar.....	35
1.2 Novos espaços, novas tecnologias: equipamentos e produtos utilizados na tatuagem hoje.....	38
Capítulo 2 - A TRAJETÓRIA DO TATUADOR	45
2.1 De tatuado a tatuador.....	46
2.1.1 Aprendiz de tatuador.....	48
2.2 De aprendiz a profissional.....	56
2.2.1 A experiência de tatuar profissionalmente.....	61
2.3 O tatuador artista.....	66
Capítulo 3 – TATUANDO: A TATUAGEM ENQUANTO PROCESSO	81
3.1 O processo da tatuagem.....	82
3.1.1 O projeto da tatuagem: a interação entre tatuador e cliente.....	82
3.1.1.a O repertório de imagens.....	83
3.1.1.b A construção da tatuagem: a negociação entre tatuador e cliente...	84
3.1.2 Observando uma sessão de tatuagem.....	86
3.2 A técnica na tatuagem.....	97
3.3 O tempo da sessão.....	100
3.4 Tempos modernos: a higienização na tatuagem.....	102
Considerações finais.....	111
Referências Bibliográficas.....	117
Anexos.....	121

## ***Listas de Ilustrações***

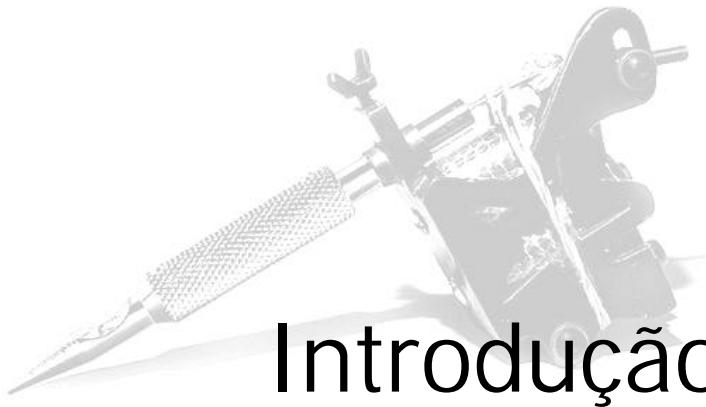
FOTO	TÍTULO	PÁG.
1	Studio Stoppa Tattoo da Pedra	27
2	Tattoomania Leco	28
3	Máquina de tatuar	39
4	Tatuagem estilo oriental	71
5	Tatuagem estilo tribal	71
6	Tatuagem estilo realista	72
7	Tatuagem estilo biomecânica	72
8	Tatuagem estilo new school	72
9	Tatuagem estilo cartoon	72
10	Tatuagem cobertura	76
11	O lavatório	90
12	Mesa de apoio	92
13	A cadeira	8392
14	Parte processo tatuagem, tatuador Alexandre	97
15	Tatuador Marco – Clínica Descartoo	109

## Resumo

Este trabalho é uma etnografia do fenômeno da tatuagem na cidade de Florianópolis (cidade localizada no Estado de Santa Catarina, sul do Brasil), focada nas trajetórias e práticas de nove tatuadores e tendo como *lócus* de observação cinco estúdios de tatuagem. Os procedimentos metodológicos utilizados foram entrevistas abertas e focadas com os tatuadores, conversas informais com as pessoas que transitam pelos estúdios e a observação participante em dois dos estúdios. Também utilizei informações de *home pages* e revistas de tatuagem. O foco central do trabalho são as transformações no universo da tatuagem nas últimas décadas. A partir das trajetórias de tatuadores contextualizo o espaço onde eles trabalham, o surgimento do estúdio de tatuagem e as mudanças tecnológicas e técnicas. Também destaco a construção da carreira dos tatuadores profissionais e artistas, que faz parte de um processo de singularização e individualização desses sujeitos e, por último, ressalto, a partir da descrição de uma sessão de tatuagem, a inserção da tatuagem de estúdio no processo moderno de higienização.

## ***Abstract***

This paper is an ethnographic study about the phenomena of tattoo in Florianópolis (a town located in the state of Santa Catarina, in the south of Brazil), with a focus on the courses and practices of nine tattooers who were observed in five studios of tattoo. The methodological procedures included open and focused interviews with the tattooers, informal conversations with people who passed the studios and a participative observation in two of the studios. I also collected information from homepages and magazines specialized in tattoo. The central issue of this paper is the changes that took place in the universe of tattoo in the last decades. Taking into consideration the courses of the tattooers, I contextualize the site where they work in, the emergence of tattoo studios as well as the technical and technological changes they went through. I also point out the career construction of professional tattooers and artists, which is part of the process of singularity and individualization of those subjects. Finally, through the description of a tattoo session, I emphasize the insertion of tattoo made in studios in the modern process of sanitization.



# Introdução

*Apresentando o tema*

**E**ste trabalho é resultado da pesquisa que venho fazendo sobre tatuagem desde o final do ano de 2002, quando comecei a entrar em contato com esse universo cultural até então desconhecido para mim.

Meu interesse pelo tema surgiu de várias fontes que, entrelaçadas, levaram-me a fazer este trabalho. Há uns dez anos, pensei em fazer uma tatuagem, algo não comum pois naquela época era muito difícil ver pessoas tatuadas. Hoje saindo pelas ruas de Florianópolis, tanto é possível ver muitas pessoas tatuadas (especialmente se estamos no verão, quando os corpos estão mais expostos), quanto ver pessoas com várias tatuagens. Somado a essa perplexidade que o fenômeno da tatuagem estava causando-me, está, certamente, a minha formação em educação artística e o interesse por expressões artísticas e corporais que sempre me acompanhou.

Uma outra fonte de interesse, surgiu especialmente após o contato com a literatura sobre iconografia indígena, obtida através do curso *Xamanismo, Arte e Estados da Consciência*<sup>1</sup> feito no primeiro semestre do mestrado. A leitura do artigo de Philippe Erikson (1999), *Toque Final: Los Tatuajes*, sobre marcas corporais entre os Matis, grupo da família indígena Pano - em que o autor refere-se às tatuagens como uma das partes dos rituais de iniciação Matis - foi o “toque final” para a decisão (não tranquila) de mudar o tema, os referenciais teóricos, enfim, “migrar” para a antropologia urbana<sup>2</sup> e abordar o fenômeno da tatuagem nas sociedades ocidentais contemporâneas. A partir dessa leitura, tive aguçada minha curiosidade sobre o significado da tatuagem nas sociedades urbanas contemporâneas onde percebi que não podia mais ser identificada somente com grupos urbanos específicos, algo que alguns autores sugeriam.

---

<sup>1</sup> A disciplina foi ministrada pela profa. Esther Jean Langdon

<sup>2</sup> Meu projeto de pesquisa inicial seria uma continuidade do trabalho que havia feito como conclusão do curso que tinha acabado de fazer, ciências sociais. O trabalho fazia parte da etnologia indígena e da antropologia do desenvolvimento, onde abordei os impactos de grandes projetos de desenvolvimento sobre populações indígenas, especificamente, um grupo avá-guarani atingido pela construção da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional.

A partir de então, minhas observações sobre a tatuagem se intensificaram, comecei a ter contatos mais sistemáticos com o fenômeno, pesquisando bibliografias, *home-pages* de tatuagens, visitando estúdios<sup>3</sup> e conversando sobre tatuagem com pessoas tatuadas e não tatuadas.

Desde então, uma rede de informações começou a formar-se e iniciei os contatos com os primeiros estúdios de tatuagem. No final de 2002, num pré-trabalho de campo, fui a três estúdios em Florianópolis, o *Stoppa Tattoo da Pedra* do tatuador Stoppa; o *Tattoomania* de Leco<sup>4</sup> e o *Experience Tattoo* de Mano. As informações que obtive nesse curto espaço de tempo já coloraram a minha frente várias possibilidades para o foco da pesquisa, entre elas o tatuador, o tatuado, a interação entre tatuador e tatuado, os meios de comunicação que abordam a tatuagem, a tatuagem em si. Constatei que seria necessário fazer um recorte empírico mais definido e específico, dada à complexidade do fenômeno.

Pensando que existe hoje algo que poderia ser denominado como uma vasta “cultura da tatuagem”, que envolve diferentes segmentos, grupos e classes sociais, as opções para uma abordagem eram muitas.

A noção de um “núcleo mais restrito” discutido por Maluf (1996), ao referir-se ao universo cultural das “terapias alternativas”, contribuiu para a definição da abordagem desta pesquisa. O núcleo mais restrito, no caso das “terapias alternativas”, é formado pelos terapeutas e pelos espaços por onde circulam, onde as informações sobre essa cultura estão mais densamente presentes.

No universo da tatuagem, um “núcleo mais restrito”, ou pelo menos uma parte dele, é formado pelos estúdios, enquanto espaço onde se experiencia a tatuagem, e pelos tatuadores, enquanto os sujeitos que possibilitam a experiência de uma tatuagem. Foi

---

<sup>3</sup> Estou utilizando a categoria êmica *estúdio* para referir-me ao local público com caráter comercial, onde são feitas as tatuagens. Uma outra categoria também utilizada nesse universo cultural é *loja* e *ateliê* de tatuagem.

<sup>4</sup> Estou utilizando os nomes como os tatuadores são conhecidos, na grande maioria por apelidos.

por perceber que é aí que as informações mais densas sobre o fenômeno da tatuagem e suas transformações estão mais evidentes que direcionei o foco da pesquisa para os tatuadores e, especificamente, os de estúdio.

Delimitado, então, o foco central da pesquisa no tatuador e em suas trajetórias e experiências e no estúdio de tatuagem como *lócus* de observação, retomei a rede de informações sobre tatuagem e entre fevereiro e maio de 2003 realizei o trabalho de campo.

Este se consistiu basicamente em incursões em estúdios de tatuagem. Fui a vários deles, sendo que em cinco retornei mais de uma vez. Em pelo menos dois deles, fiz observações participantes. Passei boas tardes desse tempo na sala de espera de dois estúdios e assistindo algumas sessões de tatuagem, o *Tattoomania* de Leco e o *Richter Tattoo*, de Alexandre. O número de estúdios foi determinado pelo próprio ritmo da pesquisa de campo, à medida que as informações começaram a recorrer. Devido ao tempo, considerei a recorrência das informações um indicativo para delimitar o campo. Em quase todos havia dois tatuadores trabalhando, assim, nesses cinco estúdios entrei em contato com nove tatuadores.

O acesso aos tatuadores nem sempre era fácil. Só entendi algumas das dificuldades que encontrei, quando um dos tatuadores contou-me que um grupo de estudantes estive em seu estúdio procurando informações sobre colocação de *piercing* e depois fizeram um trabalho utilizando as informações que receberam para reprimir a colocação de *piercing*, opinião que o tatuador diz não compactuar<sup>5</sup>.

Contudo, mesmo não conseguindo imediatamente a atenção dos tatuadores, o mesmo não posso dizer das pessoas que trabalham nos estúdios, sempre muito receptivas e dispostas a dividir suas experiências. Os dias que passei nas salas de espera me possibilitaram uma maior inserção nesse universo. Foi um período de muitas trocas com as pessoas que trabalham nos locais e com aquelas que os freqüentam. Com o

---

<sup>5</sup> É comum nos estúdios de tatuagem também se colocar *piercing*.

tempo, e certamente pela insistência, comecei a ter mais contato com os tatuadores. A confiança foi algo que se estabeleceu aos poucos e já nas últimas etapas de trabalho de campo, comecei a ser convidada para participar das reuniões da associação que alguns tatuadores criaram na cidade.

Além das conversas informais que aconteceram tanto com tatuadores quanto com as pessoas que transitavam pelos estúdios, realizei com todos os tatuadores entrevistas dirigidas, abertas e gravadas, e focando na trajetória de construção de suas carreiras; observei várias sessões de tatuagem feitas por Leco, Stoppa, Marquinho e Alexandre.

Como a proposta da dissertação foi realizar uma etnografia sobre a trajetória e as experiências de tatuadores, considero interessante fazer uma apresentação rápida dos sujeitos da pesquisa.

Comecei o trabalho de campo retomando um dos estúdios em que fui no ano anterior. O estúdio de Leco, o *Tattomania*. Cheguei ao estúdio a primeira vez, por indicação de uma pessoa que tinha feito uma tatuagem com Leco. O estúdio fica em uma galeria de lojas na parte comercial da Lagoa da Conceição, um dos locais da cidade mais freqüentado nas noites de verão. Leco tatua há 21 anos, começou a tatuar em sua cidade natal Laguna, e a convite de um outro tatuador Stoppa, veio trabalhar em Florianópolis. Leco trabalhou três anos com Stoppa e depois abriu seu próprio estúdio.

O outro tatuador que entrevistei foi Marquinho, que trabalha junto com Leco. Ele também é da cidade de Laguna. Aprendeu a tatuar com Leco e trabalhou em um de seus estúdios em Laguna. Depois teve seu próprio estúdio até receber o convite de Leco para trabalhar com ele novamente, mas dessa vez em Florianópolis. Quando fiz o trabalho de campo, fazia um ano que Marquinhos estava no estúdio. A esposa de Marquinhos, Fernanda, também trabalha com Leco como *body piercier*.

Cheguei ao estúdio de Stoppa por indicação de uma amiga. Fica numa das praias da ilha, a Barra da Lagoa. Stoppa é considerado um dos tatuadores mais antigos de Florianópolis. Tatua há vinte e seis anos, começou em São Paulo, na cidade de Santo

André e é considerado parte da primeira geração de tatuadores de estúdio do Brasil (Marques, 1997, p.192). Foi ele quem trouxe a primeira máquina de tatuar para Florianópolis há dezessete anos, quando também abriu o primeiro estúdio da ilha.

O outro tatuador que entrevistei foi Edu. O modo como cheguei a ele foi bastante ocasional. Certa vez, andando pelas ruas do centro da cidade, vi uma placa indicando um estúdio de tatuagem. Subi uma escada estreita e chequei a uma pequena sala com uma divisória, com a metade em vidro e um balcão, onde estava recostado Edu. Paulista, tatuador há vinte anos, acompanhou o processo de profissionalização que aconteceu com a tatuagem de estúdio no Brasil a partir da década de 80, principalmente. Faz cinco anos que está em Florianópolis e escolheu a cidade pela sua “qualidade de vida”, segundo ele. Edu não tem nenhuma pessoa trabalhando com ele, mas as vezes que estive em seu estúdio sempre estava com a companhia de um amigo.

Foi Edu que me indicou outros dois tatuadores, Anjo e Alexandre, que também têm estúdios no centro da cidade. O estúdio de Anjo fica num dos pontos comerciais privilegiados da cidade, a rua Felipe Schmidt. Meu primeiro contato no estúdio foi com a secretária e com Celinho, o tatuador que trabalha com Anjo. Conversei com Celinho, que me apresentou toda a estrutura do local. Ele está tatuando com Anjo há dois anos, é um dos tatuadores que fabricou uma máquina caseira antes de comprar uma profissional, trabalhou em casa alguns anos até ser convidado por Anjo para trabalhar no estúdio.

O atual local em que Anjo está atendendo é seu terceiro estúdio. O primeiro abriu com dois amigos num bairro fora da ilha, o segundo menor do que o atual, ficava no mesmo prédio que está agora, mas em outro andar. Está no estúdio atual há três anos, mas tatua há onze. Pode ser considerado como fazendo parte de uma segunda geração de tatuadores de Florianópolis, da primeira fazem parte Stoppa e Glauco<sup>6</sup>, os dois são considerados por Anjo como seus mestres. No ano de 2002, alguns tatuadores e *body*

---

<sup>6</sup> Stoppa considera Glauco o tatuador mais antigo de Florianópolis. Atualmente, Glauco não está tatuando mais na cidade.

*pierciers* de Florianópolis juntaram-se e criaram uma associação, Anjo é o presidente da associação e Alexandre, outro tatuador que entrevistei, é o vice-presidente.

Alexandre faz parte da mesma geração de tatuadores de Anjo, está tatuando há doze anos. Começou em Florianópolis, depois passou algum tempo em São Paulo, tatuando em casa e trabalhando em outras atividades, e resolveu voltar para Florianópolis. Desde então, trabalha somente com tatuagem. Natália, esposa de Alexandre, também é tatuadora e trabalha junto com ele. Foi a única tatuadora mulher que encontrei durante este trabalho, nenhum dos tatuadores conhecia outra tatuadora em Florianópolis. Natália começou a tatuar com Alexandre e está tatuando há quatro anos.

O último tatuador entrevistado foi Daniel. Entrei em contato com ele a partir de uma propaganda no muro de sua casa. Daniel é o único tatuador que entrevistei que não tatuá em estúdio. Mesmo assim, participa do universo dos tatuadores de estúdio. Daniel tatuá há três anos e, junto com Natália, é o tatuador mais novo que entrevistei.

Mesmo todos sendo parte de um mesmo universo, o estúdio de tatuagem, há grande diferença entre eles. Sobretudo no modo de ser de cada um. Todos têm uma performance muito marcante, que os singulariza, caracteriza o espaço onde trabalham e muitas vezes marca o estilo de tatuagem que produzem. Stoppa, o tatuador mais velho entre eles, é motoqueiro, gosta do mar e tem o estúdio na praia, anda de calção, camiseta e chinelo. Já Leco, que também é motoqueiro, gosta de ouvir rock, inclusive toca em uma banda de rock, anda sempre de preto e com vários acessórios, como anéis e colares de prata. Edu tem um estilo *hippie*, cabelos compridos, usa calça jeans e camiseta, sempre bem estampadas (uma característica de todos, usar camisetas muito estampadas) e Alexandre tem um estilo mais alternativo, tem os cabelos compridos, mas o raspa no alto da cabeça, tem um cavanhaque comprido, no qual às vezes faz uma trança.

Apesar das singularidades, desses e dos outros tatuadores, há algo que lhes aproxima, grande parte de seus corpos (com exceção de um deles) são tatuados, especialmente os braços, o local mais visível, quase todos têm os braços “fechados”<sup>7</sup>.

Quanto a produção acadêmica sobre tatuagens, encontrei poucas referências. David Le Breton tem publicado trabalhos a respeito de tatuagem e *piercings* sob a perspectiva destes serem um tipo de “rito pessoal de passagem”, que tem valor identitário, marcando o pertencimento a um grupo e consequente autonomia do sujeito em relação ao grupo familiar. Para o autor, através da tatuagem e do *piercing*, o indivíduo pode agir sobre seu corpo como um *bricoleur*. As marcas corporais são vistas como uma forma de fabricar uma estética da presença, que traduz a necessidade de completar, por iniciativa pessoal, um corpo insuficiente, criando uma identidade pessoal (Le Breton, s/d e 2002).

Tive contato com duas etnografias recentes sobre a prática da tatuagem. A de Krischke Leitão (2003), que discute os significados que mulheres tatuadas que pertencem às camadas médias da cidade de Porto Alegre dão à prática da tatuagem e articula com as representações que essas mulheres têm dos padrões estéticos e de feminilidade e masculinidade. A outra etnografia é de Fonseca (2003), que aborda a construção de uma subjetividade a partir da prática da tatuagem, focada na “interação e dinâmica” vivenciada por tatuador e tatuados em um estúdio de Florianópolis.

Uma outra abordagem é a de Ramos (2001), que faz uma análise semiótica da prática da tatuagem. Para a autora, a tatuagem é uma forma de “escrita no corpo” que denominou “corpo comunicação” (Ramos, 2001, p. 46). O “corpo comunicação” teria um objetivo estético na contemporaneidade: “Desde que obedecendo aos critérios legislados pelos sanitaristas brasileiros, essa interferência cirúrgico-estética no corpo, com o propósito de embelezá-lo, ganha *status de arte*” (*ibid.*, p.181).

---

<sup>7</sup> Expressão que indica que a parte do corpo em questão está toda tatuada.

Marques (1997), jornalista carioca, fez um precioso resgate da memória da tatuagem no Brasil<sup>8</sup>, utilizando, entre outras fontes, entrevistas que fez com tatuados e tatuadores de todo o Brasil, narrativas de viajantes, etnografias, obras literárias, documentos médicos e reportagens da imprensa.

Alguns outros trabalhos se referem à tatuagem, ainda que não a tenham como foco central, considerando-a uma marca identitária para vários pesquisadores que trabalharam com a temática da juventude. Diógenes (1998), ao analisar marcas de identidade em gangues urbanas na cidade de Fortaleza, Ceará, destaca que a construção da identidade desses sujeitos passa por seus corpos, em sua necessidade de visibilidade, o que a autora denominou “caráter panorâmico do corpo” (*ibid.*, p.189). A tatuagem é uma marca identificatória que sinaliza quem é e quem não é de determinada gangue. Para a autora, “as inscrições nos corpos dos tatuados cumprem a sua função, falar por imagens” (*idem*, p.193).

Também Abramo (1994) acena para a estética corporal entre grupos de jovens urbanos, os *punks* e os *darks*, na segunda metade do século XX. Segundo ela, *punks*, roqueiros, carecas, *darks*, rastafáris e *rappers* marcaram a geração dos anos 1980. Jovens dessa época, falam de si e da sociedade em que vivem a partir de posturas corporais e do que a autora denominou *estilos espetaculares*, ou seja, “uma encenação, como atuação para levantar problematizações e provocar reações” – as diferenças são marcadas pelas roupas, músicas, comportamento e formas de lazer (Abramo, 1994, p.148).

Atualmente grupos de jovens continuam a utilizar a tatuagem como um símbolo identitário, como os *clubbers*, motoqueiros, marinheiros entre outros, contudo a tatuagem está mais diluída e difundida. Parte do fenômeno está hoje ligada a formas de “culto ao corpo” nas sociedades urbanas contemporâneas<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> O livro está dividido em duas partes, na primeira Marques faz um resgate da tatuagem mais geral, se atendo ao Brasil na segunda parte.

<sup>9</sup> Ver Giddens (1994) e Goldenberg (2002)

As tentações de abordar a tatuagem para além do foco no tatuador e seu estúdio foram muitas no decorrer desta pesquisa. Via-me constantemente escorregando para os sentidos e significados dados pelos tatuados, o que percebi ser também comum na literatura sobre o tema, e mesmo para uma leitura das imagens tatuadas e a questão da corporalidade. Mas foi justamente por manter o foco sobre o tatuador e, mais precisamente, sobre tatuadores de estúdio, que foi possível perceber algumas questões que discuto no decorrer dessa dissertação.

No primeiro capítulo, contextualizo o campo onde foi realizada a pesquisa. A partir dos relatos dos tatuadores entrevistados e também de parte da bibliografia consultada, faço um resgate dos primeiros estúdios de tatuagem em Florianópolis e no Brasil, assim como dos materiais e tecnologias empregados para fazer as tatuagens. Apresento o espaço físico e social de alguns estúdios hoje e também os instrumentos e tecnologias utilizados pelos tatuadores. E a partir de comparações, destaco o processo de transformações pelo qual passou o universo da tatuagem nas últimas décadas.

No capítulo dois, destaco a construção da carreira do sujeito tatuador que passa por momentos paradigmáticos, três em especial, a primeira tatuagem, ou o tornar-se tatuado, a aprendizagem onde existe uma relação de *reciprocidade* entre “mestre” e “aprendiz” e a ruptura com o mestre, a para o profissional. Além do processo de profissionalização do tatuador, também ressalto uma especificidade destacada nos relatos desses tatuadores, a concepção de que a tatuagem que fazem é arte, que significa o envolvimento com uma série de valores entre eles a noção de “trabalho perfeito”.

E no terceiro capítulo, a partir da descrição de uma sessão de tatuagem, levanto elementos para discutir a inserção da tatuagem feita em estúdio em um processo de higienização que marca a modernidade. Nas considerações finais procuro sistematizar algumas das questões centrais que foram se apresentando no decorrer do trabalho.



# Capítulo 1

---

*Novos Caminhos:  
espaços e tecnologia na tatuagem*

ONDE VOCÊ FEZ A SUA PRIMEIRA TATUAGEM?

Foi no porão da casa do meu amigo. Na época, era um lance bem *underground*.

[...] Eu queria uma tatuagem.

[Anjo]

Neste primeiro capítulo, pretendo contextualizar o fenômeno da tatuagem em Florianópolis, que na última década passou por grandes mudanças. Entre elas, o advento do estúdio de tatuagem, o uso de novas tecnologias e o alargamento da clientela. O estúdio de tatuagem é um espaço onde a tatuagem está densamente presente em todos os “cantos”: paredes, corpos, material exposto etc. E, assim como as casas de dança freqüentadas por punks de São Paulo na década de 1980 que Caiafa identificou como um *point*, ou seja “um lugar onde se sabe que vai haver coisas punks: gente, informação, bandas, som de fita” (1985, p.26), me parece que o *estúdio* também pode ser visto como um *point* da tatuagem.

As informações que obtive durante o trabalho de campo mostraram que o estúdio é um fenômeno recente no universo da tatuagem, principalmente em Florianópolis. Até o início da década de 1970, a tatuagem no Brasil é identificada com situações de marginalidade, nas prisões, nas zonas de meretrício e no cais de portos marítimos. Uma nova demanda por tatuagem surge no final dessa mesma década, quando jovens das camadas médias urbanas e suburbanas da periferia começam a procurar por tatuagem. Marques (1997) identificou a tatuagem feita por esses jovens como estando no “período caseiro” da tatuagem: “feita no quarto de dormir, na sala, na cozinha ou no quarto de empregada, ou ainda na praia, na montanha, ou em qualquer outro lugar em que houvesse juventude reunida” (p.191). O que o autor está chamando de “período caseiro” já é uma configuração diferente da tatuagem feita por presidiários, prostitutas e marinheiros.

O tatuador Stoppa<sup>10</sup> participou desse processo quando resolveu fazer sua primeira tatuagem:

Aí, em 78, eu fiz uma tatuagem em mim<sup>11</sup>.

Eu conheci o Lucky, que saiu numa revista Cruzeiro, uma matéria dele falando que ele viajava por todos os continentes, tinha vindo da China, recém-chegado da China e tava tatuando em Santos. Fui lá, eu e mais quatro amigos. Tinha até aquela música do Caetano Veloso, “Menino do Rio, dragão tatuado no braço”. E aí começou essa onda de todo mundo querer se tatuar dragão, dragão, dragão. Aí eu fui lá tatuar, mas eu não queria um dragão, eu queria uma coisa que tinha a ver comigo, que eu sou motoqueiro, eu queria o desenho de uma moto. (Stoppa)

Lucky, a quem Stoppa se refere, pode ser visto como um tipo de “ancestral comum” dos tatuadores. No relato de alguns tatuadores e em vários *sites* de tatuagem na *Internet*, Lucky é visto como o pioneiro da tatuagem no Brasil<sup>12</sup>. Chegou ao Brasil em 1959, pelo porto de Santos e se estabeleceu na cidade para tatuar. Independentemente de existirem ou não, nessa época (1959), outros tatuadores no país, Lucky é visto como um marco na tatuagem, inclusive pelos tatuadores com quem conversei. Principalmente porque utilizava máquina de tatuar e tintas especiais, quando no Brasil, a tatuagem ainda era feita de forma “artesanal”, manualmente com agulhas de costura e tinta nanquim própria para canetas<sup>13</sup>.

Também é possível observar no discurso do tatuador Edu a importância que tem Lucky para a história da tatuagem no Brasil, quando lembra da primeira tatuagem que viu:

---

<sup>10</sup> Como já referi na introdução, Stoppa é conhecido como um dos tatuadores mais antigos de Florianópolis, o primeiro a ter um estúdio na cidade.

<sup>11</sup> Nas expressões utilizadas para indicar tanto o fazer uma tatuagem em alguém, quanto ter uma tatuagem feita no próprio corpo, utilizam a primeira pessoa verbal: “eu fiz uma tatuagem”, como a expressão: “cortei meu cabelo”, quando na verdade quem cortou o cabelo foi um/a cabeleireiro/a. Nesse caso específico, a tatuagem foi feita em Stoppa, e quem a fez foi Lucky.

<sup>12</sup> O mesmo pode-se ver no trabalho de, Krischke Leitão (2003), Fonseca (2003), Ramos (2001) e Marques (1997).

<sup>13</sup> Sobre a mudança nos instrumentos e materiais utilizados na tatuagem, abordarei com mais detalhes adiante.

Então foi o seguinte, meu tio tinha tatuagens feitas no porto de Santos. Na época, ele morava em Santos, e ele fez, escreveu mãe, fez aquele coração antigo, tinha uma sereia no braço. E quando ele ia em casa, eu ficava fascinado com aquilo lá. E ele sempre falava, não faz isso porque você vai se arrepender. Aí, eu comecei, sempre com aquela idéia fixa na cabeça, que eu iria ter uma tatuagem. Aí uma das primeiras reportagens, eu tinha uns 16, 17 anos, ele já tava falecido na época, [1978], eu descolei foi do famoso Lucky. Ele é o mais antigo tatuador daqui do Brasil, ele que trouxe a máquina. Ele que introduziu mesmo a tatuagem aqui no Brasil. Eu vi uma reportagem dele na época do “Menino do Rio”<sup>14</sup>, dragão tatuagem em braço, e tal. Essa época era o auge da tatuagem. E eram poucas pessoas que tinham, que faziam. (Edu)

Como Edu ressaltou, essa época do “auge” da tatuagem no Brasil, final da década de 70 e a década seguinte, foram marcadas por muitas novidades. Entre elas está o que me parece um novo marco na história da tatuagem do Brasil, o surgimento do estúdio de tatuagem.

Os primeiros pontos comerciais de tatuagem teriam aparecido somente no final da década de 70 no Rio de Janeiro e em São Paulo. O tatuador Marcos Leoni é destacado por Marques como o tatuador que abriu a primeira “grande loja brasileira, *Tattoo You*, em São Paulo”, em 1982 (Marques, 1997, p.202).

Nessa mesma época, estão abrindo o seu primeiro estúdio de tatuagem, em Santo André, também no estado de São Paulo, Stoppa e Alemão:

Eu comecei em Santo André. Tanto é que eu arrumei um amigo meu pra trabalhar comigo, de sócio, o Alemão. E a gente começou a trabalhar. A gente trabalhava em casa, não tinha sossego mais em casa, era gente duas horas da manhã chamando. Aí eu disse: não, meu irmão, vamos abrir uma loja no centro. Não dá pra gente ficar aqui, atendendo em casa. Nós não temos mais sossego. Às vezes, eu chegava de madrugada, e tinha um cara sentado na porta, lá esperando. Aí, abrimos uma loja no centro. Trabalhei cinco anos em Santo André, depois vim embora pra cá [Florianópolis]. E abri a loja aqui, tô aqui desde 1987. (Stoppa)

---

<sup>14</sup> Edu está se referindo a uma música de Caetano Veloso que fala de um surfista carioca que tatuou um dragão no braço.

Mais do que simplesmente uma forma de manter a independência, talvez a percepção dessa necessidade de ‘abrir uma loja no centro’ já fale de um novo momento que começava a viver a tatuagem no Brasil. A abertura dos estúdios, ou lojas, como chamou Stoppa, pode ser considerada parte de um processo de profissionalização que vem ocorrendo com a tatuagem nos últimos anos.

Para Krischke Leitão, uma “maior profissionalização” da tatuagem no Brasil e em Porto Alegre começou na década de 90, comparando com um processo similar ocorrido no início na década de 70 nos EUA, identificado por Margo Demellon (Krischke Leitão, 2003, p.83). Parece-me, porém que já nos anos 80 se possa identificar o início desse processo de profissionalização no Brasil. O que pude observar, a partir dos relatos de meus interlocutores e das leituras que tenho feito sobre tatuagem no Brasil, é que a abertura dos primeiros estúdios de tatuagem já pode ser considerada um dos marcos da profissionalização da tatuagem no Brasil. Com relação ao processo que a tatuagem vem passando a partir da década de 90, ressaltado por Krischke Leitão, parece-me que revela um outro aspecto desse processo: a medicalização da tatuagem<sup>15</sup>.

O advento do estúdio marca uma outra concepção de tatuagem. A tatuagem deixa a “periferia” e busca o “centro” da cidade, os pontos comerciais. A entrada da tatuagem no mercado é acompanhada de uma nova configuração no espaço de tatuar, onde a organização e a decoração representam e ao mesmo tempo contribuem para a construção de novos sentidos para a prática da tatuagem.

---

<sup>15</sup> Que pretendo abordar melhor no capítulo 3.

## 1.1. O estúdio de tatuagem

O advento do *estúdio de tatuagem* trouxe uma nova configuração para o espaço da tatuagem. Essa nova configuração começa a deixar sua posição marginal, *underground*, em busca de uma maior visibilidade. Do quarto de um colega, da garagem da casa dos pais, do banco na praça, a tatuagem ganhou um espaço institucionalizado. E isso significa uma determinada localização fixa e um espaço organizado e decorado especialmente para a tatuagem, onde se estabelecem formas próprias de comunicação e de trocas.

### 1.1.1. Os primeiros estúdios na Ilha

Quando Stoppa mudou-se de Santo André para Florianópolis, em 1987, e abriu seu estúdio, Glauco, que hoje está tatuando na praia da Guarda do Embaú, era uma das referências de tatuagem na cidade. Glauco tatuava na calçada da Praça XV de Novembro, no centro, em frente à catedral, ainda de forma artesanal, manualmente. Anjo, lembra de Glauco tatuando na Praça XV quando tinha uns 6 anos de idade, na década de 80.

A lembrança mais antiga de eu querer uma tatuagem, eu tava de mão dada com a minha mãe passando aqui na Praça XV, eu via os caras que tatuavam na praça. E eu devia ter o que ... 6 anos, 5 anos, eu já dizia que queria fazer uma tatuagem. E ela dizia: tem que crescer mais um pouquinho, tu é muito pequeno. E eu lembro, se eu não me engano, que era o Glauco, que tá na Guarda do Embaú, altos tatuador.  
(Anjo)

Glauco ainda tatuava na Praça quando Stoppa chegou e abriu seu estúdio na praia da Barra da Lagoa, considerado o primeiro estúdio de Florianópolis, marcando a entrada da tatuagem em um novo momento na cidade.

Em 1991, quando o tatuador Alexandre começou a se interessar por tatuagem, o estúdio do Stoppa era o único na cidade, alguns tinham sido abertos mas fecharam.

Segundo Alexandre, quem tatuava nessa época tatuava em casa. Para eles, foi nos últimos cinco anos que o número de estúdios teve um aumento significativo.

### 1.1.2. O estúdio na cidade

Cada tatuador tem seu modo de ocupar os espaços na cidade. Alguns escolhem as praias, outros preferem o centro. Atualmente, o centro é onde está a maior concentração de estúdios da cidade. Fui a seis deles, e sempre fico sabendo de algum novo que abre. A preferência pelo centro da cidade está relacionada a maior circulação de pessoas, que possibilitaria um aumento no número de clientes<sup>16</sup> potenciais. Como ilustração, farei a descrição da localização de três estúdios em que estive.

O *Studio Pirata*, do tatuador Anjo, é um dos estúdios do centro da cidade. Ocupa três salas no 5º andar de um prédio, numa das ruas mais centrais da cidade, a Felipe Schmidt, e ao lado de um dos espaços de encontro mais antigos da cidade, o bar café Ponto Chic, também conhecido como Senadinho. Não existe nenhum tipo de divulgação visual, como uma placa, indicando que naquele local há um estúdio de tatuagem. Cheguei até lá a partir da informação de outro tatuador, Edu. Só encontrei uma indicação do estúdio no 5º andar. Numa das portas do corredor, metade em madeira e metade em vidro, estava escrito *Studio Pirata*. Contudo, a pouca visibilidade do estúdio não é uma regra, pelo contrário, a maioria dos estúdios que fui tinham alguma forma de indicação, e alguns eram externamente bem visíveis, como é o caso do estúdio de Stoppa.

Stoppa escolheu a praia da Barra da Lagoa, que fica na parte leste da ilha, para abrir seu estúdio. Construiu, em cima de uma grande pedra na encosta da praia, um “barraquinho de madeira”, como ele mesmo diz, em 1987 e é considerado o primeiro estúdio da ilha, mas hoje ele calcula que já há uns 40 estúdios em Florianópolis. O seu também não é mais aquele “barraquinho”. O estúdio de Stoppa pode ser visto de

---

<sup>16</sup> Estou utilizando uma categoria êmica, “cliente”, para designar pessoas que procuram informações sobre tatuagem e pessoas que procuram os estúdios para fazer uma tatuagem.

qualquer parte da praia. No alto de uma pedra, surge uma construção no meio da vegetação. No prédio, além do estúdio, há quatro pequenos apartamentos. Em um deles, mora sua filha, que trabalha como sua secretária. Na fachada, sobre um dos beirais, Stoppa colocou um “esqueleto” de moto, e escreveu logo abaixo “Tatuagem, *body piercing*, Stoppa Tattoo da Pedra”. Para chegar no estúdio, é preciso atravessar uma pequena ponte pênsil sobre o Canal da Barra, por onde trafegam somente pessoas andando ou empurrando bicicletas e pequenas motocicletas. Entrando num labirinto de casas, por estreitos caminhos, logo se chega ao *Stúdio Stoppa Tattoo da Pedra*. Na entrada, há duas placas coloridas, uma escrita em português e outra em espanhol, avisando que é proibido entrar molhado e com areia de praia (recomendação que vi em outros lugares do estúdio, como no grande catálogo de desenhos).



Estúdio: Stoppa Tattoo da Pedra  
Foto: Daniele Costa, 2004

Ainda na parte leste da ilha, na Lagoa da Conceição fica o estúdio de Leco. O estúdio do tatuador Leco, está localizado no centrinho da Lagoa da Conceição, numa

galeria de lojas. Na galeria além do estúdio, há uma loja de roupas, outra que vende “complementos alimentares” para esportistas, uma relojoaria e uma lanchonete. A galeria está localizada num dos espaços mais movimentados do centrinho da Lagoa da Conceição, próxima ao shopping da Lagoa, de conhecidos cafés e de vários bares. No verão, quando a cidade recebe muitos turistas, são locais de grande circulação.



Estúdio: Tattoomania Leco  
Foto: Daniele Costa, 2004

Independentemente de onde estão localizados ou de como são decorados os estúdios, há uma configuração espacial básica: uma sala de espera, uma sala de tatuar, outra de colocação de piercing (que muitas vezes, é a mesma) e banheiro. Essa configuração marca e representa no plano espacial várias mudanças no universo da tatuagem. Descreverei esses espaços físicos, em especial a sala de espera e a sala de tatuar, onde é possível observar melhor esse processo de mudanças.

### 1.1.2.a. O espaço físico

Passando pela porta de entrada, a sala de espera é o primeiro espaço a que se tem acesso dentro dos estúdios e, em muitos casos, o único. É preciso entrar num acordo com o tatuador ou então um convite para ter acesso à sala de tatuar sem ser para fazer uma tatuagem, quando se vai somente olhar a tatuagem sendo feita. Esse foi o meu caso, quando observei alguns tatuadores trabalhando. Também é o caso de amigos ou namorado/a da pessoa que está sendo tatuada.

Na sala de espera, fiz grande parte de minhas observações em campo, até ser convidada a entrar na sala de tatuar. Foi onde conheci um pouco do dia-a-dia de um estúdio no lugar onde “as coisas acontecem”. As salas de espera são sempre locais de circulação de pessoas, sempre tem alguém dando uma olhada em desenhos, sempre passa um amigo para “bater um papinho”. É ali também, que são feitas as negociações entre tatuador e tatuado. É um espaço sempre em movimento.

Uma marca de singularidade dos estúdios é a decoração da sala de espera, que, de certa forma, está carregada do *ethos* do tatuador. A sala de espera do estúdio *Richter Tattoo*, por exemplo, tem um estilo místico-alternativo, como Alexandre também parece ter. Em uma das paredes, tem quadros com deuses indianos, que também estão representados em estatuetas dispostas nas prateleiras. Onde estão as prateleiras, há um grande espelho, uma das paredes tem a cor lilás e para completar o “clima”, quase sempre tem um incenso queimando. Um estilo de decoração e arranjo do espaço bem diferente da sala de espera de Leco, que tem junto uma loja de roupas e acessórios, administrada, assim como o estúdio, pela sua esposa. Nas roupas, vendidas na loja predominam os tons preto, vermelho e branco, com estampas de dragões e de bandas de rock. Também vendem acessórios como bolsas e carteiras feitas com lona de caminhão, anéis com imagens de caveira, gargantilhas e pulseiras estilo “punk” ou “metaleiro” (com pontas de metal). No espaço da sala de espera, em uma das paredes há panôs com estampas de grupos de rock norte-americano, como o Iran Maiden . A porta de entrada

da sala de tatuar é coberta por fotografias de tatuagens feitas por Leco. Em outra parede, há pequenos quadros com ideogramas japoneses e um quadro com uma caveira. Há sempre um DVD de shows de rock passando.

Independente da decoração, todas as salas de espera têm um lugar para se sentar. Pode ser um sofá, cadeiras e até mesmo caixotes, onde se pode folhear os catálogos de desenhos para tatuagem<sup>17</sup> e, eventualmente, revistas de tatuagem, que ficam por cima de mesas ou bancadas. Além dos catálogos de desenhos, também ficam à disposição o *portfólio* de fotografias de tatuagens feitas pelo tatuador. Muitas das tatuagens que fazem, tiram fotos, especialmente aquelas que consideram melhores. Estas compõem o *portfólio*, que é uma das formas que o tatuador têm para mostrar o seu estilo e a qualidade de seu trabalho<sup>18</sup>. E também uma forma de registrar os trabalhos que, de alguma forma, passarão a “ter vida própria” e sairão circulando. As revistas e vários sites de tatuagem dedicam grande parte de seu espaço para fotografias de tatuagens.

Voltando para a sala de espera, uma parte é sempre reservada à recepção, limitada por um balcão. Na recepção, há lugar para sentar, telefone, agenda de horários, material de escritório, e em alguns casos, microcomputador, impressora, telefone fax e câmeras de circuito interno.

Quase todos os estúdios têm uma exposição de *piercing*. O expositor do *Stúdio Pirata*, foi feito por um ex-sócio de Anjo, Duende. Tem a estrutura de madeira, fechada por vidro. É mais alto do que largo, mais ou menos uns dois metros de altura e, 60 ou 80 centímetros de largura. Por dentro tem várias prateleiras, também de vidro, onde

---

<sup>17</sup> Os catálogos de desenho são pastas tamanho de folha A4 com sacos plásticos onde ficam as folhas de desenho para tatuagem. No estúdio do Stoppa, os desenhos ficam expostos em *display*, que ele mesmo fez, e faz para vender também. Os *display* são expositores com estrutura de alumínio, fechada com vidro. Funcionam como quadros fixados na parede por uma de suas laterais maiores, de forma que se possa virar de uma lado para o outro, utilizando o mesmo movimento das páginas de um livro, sem que precise ser removido. Nos *display*, ficam expostos, além dos desenhos para tatuagem, reportagens de jornais e revistas sobre ele e fotografias de encontros com amigos. Encontrei esse mesmo tipo de *display* no estúdio do Anjo, onde estavam expostas algumas das fotografias de tatuagens que já fez e desenhos de tatuagem, que estão na grande maioria em catálogos.

<sup>18</sup> A qualidade do trabalho é um tema que sempre abordam. Desenvolverei uma reflexão sobre o que pode significar um trabalho bom e um ruim, e também um tatuador bom e um ruim no capítulo dois.

ficam expostos os *piercing*, no alto há uma pequena lâmpada fazendo uma iluminação direcionada.

Os apelos sonoros também estão sempre presentes; assim, aparelho de som, DVD, televisão a cabo fazem um “fundo musical” para o ambiente. O estilo musical, evidentemente, depende do tatuador, mas o rock é uma das preferências.

### 1.1.2.b. Um espaço de sociabilidade

A sala de espera é um espaço de circulação constante de pessoas. Entre elas, estão as que trabalham no local, os clientes, representantes de material para tatuagem e até de medicamentos (como o utilizado para a cicatrização), amigos, familiares, pesquisadora, entre outras pessoas que por algum motivo resolva entrar num estúdio de tatuagem. Não fosse pela decoração, lembraria muito a sala de espera de um consultório médico.

O número de pessoas que trabalham nos estúdios pode variar dependendo da época do ano. É comum, alguns tatuadores receberem amigos, também tatuadores, que vêm trabalhar em seus estúdios, o que pode acontecer em outras estações, mas o mais recorrente é no verão, época do ano que o movimento dos estúdios aumenta. Existe uma evidente sazonalidade no trabalho com tatuagem claramente percebida e definida por eles. Celinho disse-me que dividem o ano em verão e inverno, para eles o verão, a alta temporada, vai de novembro a abril. O aumento da demanda estaria relacionado à maior exposição dos corpos nessa época, principalmente nas praias. O corpo está exposto, a tatuagem “está exposta”, e essa exposição estaria acompanhada de dois movimentos: um deles seria despertar nas pessoas a vontade de ter uma tatuagem para “enfeitar” seu corpo; o outro, a divulgação para os tatuadores.

É raro o tatuador trabalhar sozinho em um estúdio. Em geral, além dele, há “segundo/a-tatuador/a”, um/a secretário/a e um/a *body piercer*. Somente em um dos estúdios pesquisados o tatuador trabalhava sozinho.

Em quase todos os estúdios de tatuagem, é possível também colocar *piercing*. O *piercing* é um tipo de brinco ou adereço, que pode ser colocado em locais específicos do corpo, como a orelha, a sobrancelha, a língua, o umbigo. É chamado de “jóia” e feito de material cirúrgico, segundo os colocadores de *piercing*, para prevenir rejeições e inflamações, em alguns casos é banhado em ouro branco. Muitas vezes o próprio tatuador coloca o *piercing*. Mas também há profissionais especializados na colocação de *piercing*, os *body piercer*.

Em quase todos os estúdios em que fui, havia dois tatuadores. Os tatuadores podem ser sócios ou trabalhar em forma de parceria. A parceria é um acordo informal que fazem, no qual um tatuador, ou mesmo *body piercer*, utiliza as instalações do estúdio e o material, em alguns casos até a máquina de tatuar, e paga por isso com uma porcentagem dos trabalhos que faz. Vou chamar esse tatuador de “segundo-tatuador”.

A posição de “segundo-tatuador” pode significar uma fase no processo de profissionalização do tatuador. Trabalhando com um tatuador mais experiente, ele pode ter acesso às técnicas. Stoppa chega a relacionar o prestígio do tatuador, a essa fase no processo de construção da carreira do tatuador:

O tatuador pra ser um bom tatuador, ele tem que trabalhar numa loja junto com um profissional, pra aprender a técnica, não adianta ele comprar um kit e sair se achando que é um tatuador. Geralmente os melhores tatuadores já trabalharam em loja de algum outro. (Stoppa)

Trabalhar no estúdio de um tatuador mais experiente significa continuar o contato de aprendizagem de novas técnicas e a possibilidade de divulgar o próprio trabalho e entrar no mercado, tornar-se conhecido, “ter o nome reconhecido”<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> No capítulo 2, estas questões referentes à aprendizagem, a formação do tatuador e a construção de um “nome” serão melhor desenvolvidas.

O resultado do trabalho é o principal diferencial para os tatuadores de estúdio. No mercado da tatuagem, a divulgação mais eficaz é a que chamam de “boca-a-boca”. O corpo do tatuado é visto como um tipo de “mostruário”, um “*out-door* ambulante”, como disse Stoppa. Em muitos casos, o próprio corpo é o primeiro mostruário do tatuador. Alexandre quando começou a tatuar em São Paulo, para conseguir clientes, fez uma tatuagem em seu próprio corpo, que passou a ser a forma de expor seu trabalho. O mesmo aconteceu com Stoppa:

Quando eu comecei tatuar, não tinha tatuadores. Aí então, como era muito caro a tatuagem, eu tinha que ser o meu álbum ambulante, né? Essa aqui, foi meu sócio que traçou ela e eu colori. Aí eu já tinha dois trabalhos grandes, divulgava bem o trabalho. Onde eu ia, todo mundo queria saber onde você fez. [Eu dizia:] eu faço, aí eu já dava meu cartão. Então eu fazia minha propaganda. (Stoppa)

Em quase todos os estúdios em que estive, era muito presente, a participação do casal, o tatuador e sua mulher. Geralmente, o homem tatua e a mulher cuida da parte administrativa. Uma das exceções, está no estúdio *Richter Tattoo*, onde Natália, a mulher de Alexandre, também é tatuadora.

Uma outra função dentro do estúdio é o de secretario/a, que em geral é uma mulher. Nos sete estúdios em que fui, só encontrei um rapaz nessa função. A secretaria é um tipo de “braço direito” do tatuador. Recebe os telefonemas, marca os horários das tatuagens, organiza a compra de materiais, “monta” a mesa de tatuagem<sup>20</sup>, organiza a sala de tatuar. É quem faz um tipo de primeira triagem, recepcionando os clientes, conversando com quem está procurando informações, sugere desenhos e opina sobre locais do corpo a serem tatuados. Nos casos em que a mulher do tatuador é a secretária, a opinião delas sobre o valor do trabalho é determinante.

Quanto à clientela dos estúdios, arrisco caracterizá-la, grosso modo, em três grandes grupos: o de clientes-amigos, o de clientes-eventuais e o de clientes-potenciais.

---

<sup>20</sup> “Montar” a mesa de tatuagem, significa organizar a mesa que o tatuador vai utilizar para o trabalho, na mesa ficam os instrumentos e pigmentos que o tatuador vai utilizar para fazer a tatuagem. Mais detalhes sobre a mesa de tatuar, no cap.3.

Durante o tempo que passei nas salas de espera de vários estúdios, pude perceber que existem diferentes graus de ligação dos clientes com o universo da tatuagem. Muitas pessoas, adultos e muitas vezes crianças, entram nos estúdios para conhecê-lo, para satisfazer a curiosidade em relação a um “local exótico”. O que pode significar uma primeira aproximação com a tatuagem. Observam a decoração, olham os *portfólios* de fotografias, os catálogos de desenhos e vão embora. A essas pessoas estou chamando de “clientes-potenciais”. Já os “clientes-eventuais” são aqueles que estão fazendo pela primeira vez uma tatuagem, ou pelo menos, com aquele tatuador. Em tese, todo cliente vira um amigo depois que faz uma primeira tatuagem com determinado tatuador.

Eu adoro, porque é um amigo a mais que eu vou conquistar. Isso aqui é uma fonte de amizade, a tatuagem. Eu faço uma tatuagem o cara nunca mais vai esquecer de mim. (Stoppa)

E a gente vai vendo se conquista clientes, amizade, que é mais importante pra mim, a gente faz cliente, de cliente vira amigo, e isso é mais importante, porque é através deles, é que a gente começa a crescer. (Edu)

A esse cliente que passa a procurar o tatuador não só para fazer uma tatuagem, mas também para conversar, “bater papo”, ou seja, que passa a fazer parte da rede de relações e de freqüentadores do estúdio, é que estou chamando de “cliente-amigo”. Que não são poucos, durante as observações que fiz nos estúdios, foi muito freqüente a visita de amigos do tatuador. Esses, geralmente, têm acesso livre a sala de tatuar. Muitos chegam, ficam um pouco conversando e vão embora. O que aponta também para o estúdio como um espaço de sociabilidade das pessoas que têm um vínculo mais próximo com os tatuadores e com a tatuagem.

### 1.1.2.c. O espaço de tatuar

Certa vez, Stoppa falando sobre a sala de tatuar disse-me:

[...] não pode subir ~~mais~~ do que um pra tatuar<sup>21</sup>. Tem que ser como uma sala de cirurgia. É porque sobe outra pessoa, fica botando a mão aqui, ali, pode se contaminar, ou contaminar alguém, por que tá com a mão suja. (Stoppa)

Nesse discurso do Stoppa, é possível perceber que muitas mudanças aconteceram na concepção de higiene, de sujeira e de limpeza, que os tatuadores tinham em relação ao ato de tatuar. Isso fica mais claro se compararmos a citação acima com a descrição que Anjo me fez da segunda tatuagem que foi feita nele, no início dos anos 90:

Eu tenho uma tatuagem que foi feita embaixo da figueira<sup>22</sup>. Hoje em dia eu já cobri com outra. [Mostrou a tatuagem]. Eu tenho um restinho dela aqui embaixo ainda. Isso aqui [apontando para o “restinho” da tatuagem que tinha feito embaixo da figueira], era eu sentado num caixote de madeira, ele numa cadeirinha dobrável, pequeninha, embaixo mesmo da figueira, pra mais de 50 pessoas em volta, ele com um tubo de nanquim de papelaria, porque [disse]: *Pô, acabou a minha tinta, vou na papelaria ali comprar.* Comprou “Faber Castell” ainda. E a maquininha, improvisada ali [...]. (Anjo)

É possível perceber entre essas duas descrições, o quanto mudou a concepção do espaço de tatuar, que, nesse caso específico, estou pensando como o local onde a tatuagem é feita, e não o espaço onde todo o processo da tatuagem acontece, esse é muito mais amplo. Com o estúdio, esse espaço sai do âmbito público, dos olhares dos curiosos; e vai para o privado, de acesso restrito. É ali que geralmente o tatuador prepara o desenho que vai ser utilizado, onde acontece a transformação de não-tatuado para tatuado, ou de tatuado para “mais tatuado”, onde ficam os equipamentos e produtos que serão utilizados. É um espaço que tem organização e decoração próprias. E que, de

---

<sup>21</sup> Ele fala em subir, porque seu estúdio tem dois pisos, embaixo fica a sala de espera e a sala de tatuar fica em cima.

<sup>22</sup> A “figueira” a que Anjo está se referindo é uma árvore centenária que fica na praça central de Florianópolis, praça XV de Novembro.

certa forma, está simbolizando um novo momento no universo da tatuagem: a sua entrada no processo de higienização que acompanha a modernidade.

Farei a descrição de um desses novos espaços para ilustrar o que venho percebendo. Escolhi o estúdio de Anjo, porque parece ser o que chega mais perto do ideal transmitido nos discursos sobre higienização na tatuagem.

Anjo pegou três salas em um prédio e as transformou no estúdio, que tem uma sala de espera, duas salas de tatuar, uma sala de colocação de *piercings* e um largo corredor. Além desse espaço redesenrado por Anjo, há dois banheiros, um com a porta para a sala de espera e outro que fica ao lado das salas de tatuar, esse é usado como depósito para o material que utilizam no estúdio.

Na maioria dos estúdios em que fui, a sala de tatuar é um local restrito, no qual só tem acesso, além do tatuador, as pessoas que trabalham no local, a pessoa que vai ser tatuada e eventualmente, um conhecido do tatuador ou do tatuado. Essa restrição aos olhares dos curiosos, parece criar uma “aura” de mistério envolvendo o local onde o tatuador trabalha. Observei várias vezes pessoas que circulam pelos estúdios “esticando o pescoço” para dar uma olhadinha na sala de tatuar, quando a porta ficava entreaberta . Até cheguei a ver em alguns estúdios a sala de tatuar visível da sala de espera, mas separada por uma meia parede de vidro<sup>23</sup>. Mas, na maioria dos casos, é uma sala fechada.

No estúdio de Anjo, separando a sala de espera das outras salas, há uma porta que tem na parte superior um vidro, com um adesivo avisando que pessoas estranhas não devem ultrapassar aquele limite. Passando por essa porta, chega-se ao corredor de circulação das “salas de trabalho”. As paredes são brancas, em uma delas há dois quadros com a imagem de deuses indianos, um espelho, um outro quadro de um cartaz de estúdio de tatuagem, uma prateleira com um aparelho de som e vários CDs e um bebedouro. Na parede em frente, tem uma janela de onde é possível ver o movimento do centro da cidade, nas imediações do antigo terminal de ônibus urbano. Embaixo da

---

<sup>23</sup> Por exemplo, o *Luckfel Tattoo Studio*, do Edu.

janela, há uma mesa de luz<sup>24</sup> com uma cadeira. Todo o piso do estúdio é de cerâmica, tem a aparência de um tabuleiro de xadrez, com cerâmicas brancas intercaladas por pretas. A pouca decoração e as paredes brancas dão ao ambiente um aspecto asséptico, que a sala de tatuar também tem.

A sala de Anjo tem um quadro afixado na parede, é a reprodução de um cartaz cujo original está em frente a um museu de tatuagem no Japão. A quantidade de móveis da sala é pequena. Há uma pia com balcão, onde, além dos equipamentos utilizados para tatuar, tem um porta-retrato com a fotografia de seu filho. Uma cadeira giratória e com rodas, usada por Anjo quando está trabalhando, e uma cadeira, reclinável, como as de dentistas, onde fica a pessoa que será tatuada (na maioria dos estúdios em que fui, a cadeira onde fica a pessoa a ser tatuada é do tipo de dentista). Na sala, ainda tinha uma máquina fotográfica num tripé.

Um aparelho que todos os estúdios têm é o de esterilização dos equipamentos não-descartáveis, como a biqueira<sup>25</sup> e a haste onde ficam soldadas as agulhas, duas partes que compõem, com outras, a máquina de tatuar. Esse aparelho pode ser uma estufa, ou então o autoclave, um aparelho de alta precisão em esterilização. Para os tatuadores, o uso de um aparelho como esse indica o nível de profissionalismo do tatuador, que está relacionado tanto com o resultado final de seu trabalho, como com seu cuidado com relação à assepsia. Essa questão também pode ser observada nos *sites* sobre tatuagem na *Internet*, nas formas de divulgação dos espaços de tatuagem, e nas recomendações que os tatuadores fazem para as pessoas que pretendem fazer uma tatuagem.

---

<sup>24</sup> A mesa de luz é um dos equipamentos utilizado pelo tatuador para preparar os desenhos que serão tatuados. Não existe um padrão de tamanho para a mesa, a de Anjo tem aproximadamente, 15cm de altura, 1m de largura e 60cm de profundidade. Há um tampo de vidro e um fundo de madeira, no interior desse espaço fica uma luz fluorescente. A luz incide sobre o tampo de vidro onde fica o desenho que será copiado, a incidência da luz intensifica os traços do desenho.

<sup>25</sup> Os instrumentos utilizados durante o processo da tatuagem, serão descritos mais detalhadamente no capítulo 3, onde abordarei especificamente o processo de tatuar.

## 1.2. Novos espaços, novas tecnologias: equipamentos e produtos utilizados na tatuagem hoje

Eu fui pra casa. Já passei no barzinho de um amigo meu, e disse: *Comprei minha máquina!* (Anjo)

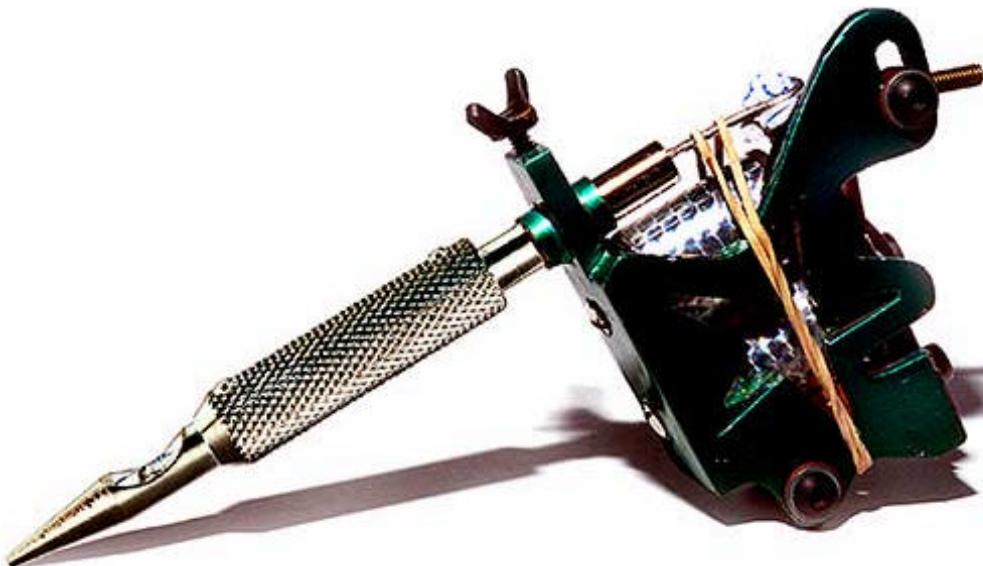
Não é só no espaço que é possível perceber as mudanças que aconteceram na tatuagem. O processo de profissionalização também foi acompanhado por mudanças tecnológicas, equipamentos e produtos passaram a ser idealizados especialmente para a tatuagem, os principais são a máquina de tatuar, os pigmentos e as agulhas.

A tatuagem consiste em perfurações feitas na epiderme, e posterior introdução de tinta nessas perfurações, que vai se alojar na derme. A forma como são feitas essas perfurações também mudou bastante com o advento dos novos equipamentos.

Antes, era comum, por exemplo, a utilização manual de agulhas de costura para as perfurações. Todos os tatuadores que entrevistei tiveram algum tipo de contato com essa forma manual de tatuar, ou fazendo uma tatuagem com agulhas manualmente, ou tiveram essas tatuagens feitas em seus corpos. Essa técnica de tatuar consiste em juntar três agulhas de costura e amarrá-las com uma linha. Com as três agulhas juntas, molham as pontas na tinta e injetam na pele, fazendo perfurações umas próximas das outras. Essa técnica foi superada pela máquina de tatuar, que é um marco importante na carreira de um tatuador. A aquisição da primeira máquina é lembrada com ar de conquista, de estar entrando num universo considerado por eles próprios fechado e de difícil acesso, o universo dos tatuadores profissionais.

Hoje, nos estúdios, as tatuagens são feitas com máquinas elétricas idealizadas especialmente para tatuar. A primeira patente de uma máquina de tatuar, chamada de *Tattaugraph*, foi adquirida pelo irlandês Samuel O'Reilly, em Nova York no ano de 1891. O mecanismo de uma máquina consiste em “bobinas que acionam um martelo que

bate numa haste, em cuja ponta ficam, soldadas, as agulhas” (Marques, 1997, p.58), que perfuram a pele injetando tinta na derme.



Máquina de tatuar

Fonte: <http://www.lost.art.br/tattoo.htm>, capturado em 22/02/2004

Marques (1997) registra que a fabricação de máquinas no Brasil, aconteceu somente no final da década de 70. Em uma cidade do interior de São Paulo, Rio Claro, uma pessoa conhecida por Mr. Rudy foi fazer uma tatuagem em Santos com Lucky, quando observou o mecanismo da máquina de tatuar. Sendo técnico em mecânica, idealizou um projeto de máquina e passou a fabricá-las. Mr Rudy é considerado pelo autor como um dos primeiros fabricantes de máquinas de tatuar do Brasil. Até então, a aquisição de máquinas só acontecia via importação, ou então estas eram feitas de forma artesanal, eram as chamadas “máquina caseira”. Anjo, relatando como foi feita a primeira tatuagem em seu corpo, destacou:

Eu, empolgado, nem tava aí. A máquina que ele segurava era ainda uma caneta de metal, daquela de duas cores, social. Ali, ele adaptou, fez com um motorzinho de autorama, e era a máquina. Pra mim, aquilo era uma máquina, eu não conhecia outra, tá ótimo. (Anjo)

O advento da fabricação de máquinas de tatuar no Brasil, localizado por Marques, como no final da década de 70, não foi um evento isolado. Enquanto Mr Rudy estava na cidade de Rio Claro criando uma máquina nacional, em Santo André, Stoppa, também depois de fazer a tatuagem com Lucky, procurou fabricar sua própria máquina. Sua primeira foi uma “máquina caseira”:

Aí eu falei, vou tentar fazer uma maquininha. Fiz uma maquininha com uma bobina de moto, não funcionou. Ela vibrava, mas não tinha força pra furar a tinta na pele. Fiz um risco num amigo meu ... aí no outro dia, disse: vou ver se eu faço uma máquina com motor de toca-fitas. Aí, fiz com o motorzinho de toca-fitas. Ele voltou no outro dia, e eu comecei a tatuar ele, e foi até o fim a tattoo.

[...]

Eu tatuei dois anos com essa máquina. Uma época que eu tatuei muito, muito mesmo [aproximadamente 1980], apareceu um tatuador que também tatuava em São Paulo, Marcos Leoni, que trouxe da Itália uma máquina. Eu peguei aquela máquina, desmontei e copiei a máquina, e comecei a fabricar máquina. Eu sou um dos primeiros a fabricar no Brasil. E ele levava máquina pra vender daqui, pra fora, pra Itália, pra África, pra Amsterdã, todo lugar que ele ia, ele levava a maquinazinha pra vender. (Stoppa)

O resultado do trabalho de um tatuador depende muito do seu equipamento. Atualmente, as máquinas de tatuar estão cada vez mais potentes. Marques fala em máquinas que fazem três mil perfurações por minuto, comparando às perfurações manuais feitas por “grandes mestres japoneses”, cento e vinte perfurações por minuto (1997, p.58 ). Leco adquiriu uma nova máquina em 2003 que, segundo ele, faz 4000 perfurações por minuto.

A importância de um bom equipamento, ou seja com uma boa potência, é um dos elementos que interfere no resultado final do trabalho. As máquinas atuais permitem uma maior precisão na perfuração da pele, o que significa tanto um melhor resultado no trabalho, quanto menos dor para a pessoa que está sendo tatuada. Isso pode ser observado no que Stoppa diz:

Porque não é como você desenhar no papel, entendeu? A pele, se você não souber aplicar a tinta, você vai estourar a pele toda, não vai dar uma perfeição no trabalho, vai dar um borrão.

#### O QUE SERIA APLICAR DIREITO A TINTA?

Você tem que ter o material todo próprio, profissional. Não adianta, porque eles vendem esse material aí, não é profissional, é amador. Tem que ser agulha especial, a máquina tem que ter uma potência perfeita pra furar a pele, não rasgar a pele. Porque eles fazem uma máquina fraca que ao invés de furar, ela fica esfregando na pele e rasga a pele. (Stoppa)

Pelo que Stoppa fala, é possível perceber que outros elementos interferem no resultado do trabalho, além da máquina, estão as agulhas, que, assim como as máquinas também sofreram grandes modificações. Como já citei anteriormente, as primeiras agulhas que utilizavam eram agulhas de costura comuns. Com o tempo, os próprios tatuadores começaram a “fabricar” agulhas para tatuagem. Anjo e Alexandre fizeram isso:

Na época, a tinta era horrível, as agulhas não eram boas, eram agulhas corrente daquelas de fazer coisa de miçanga, número 12, eram aquelas ali. Ou então, agulha feita com corda de guitarra. Corda de violão. O pessoal fazia à mão, uma por uma. Eu até aprendi a fazer também. Fiz bastante. A agulha mais fina que tinha na época, eram as que eram feitas a mão, uma por uma, feitas de corda de violão. Eu fazia, fazia cem agulhas de um dia pra outro. Vários tatuadores compraram agulhas minhas, eu comprava do Stoppa, já comprei de outros tatuadores. [...]

A outra agulha que tinha era grossa pra caramba, fazia um tração grosso. *Ah! Mas eu quero um traço fino.* Aí, tinha que inventar a agulhinha. (Anjo)

Nessa mesma época, início da década de 90, Alexandre também fez agulhas para tatuar:

A gente fazia agulha. Com corda de violão, corda de aço inox. Tinha que primeiro limar, depois passava uma lixinha bem fininha, pra não ficar rebarba, não ficar nada. (Alexandre)

Hoje há empresas que fabricam agulhas especialmente para tatuagem. Encontrei em um site de uma tatuadora de Santos, São Paulo, Malu Santos<sup>26</sup>, uma propaganda de venda de uma determinada marca de agulhas para tatuar. As agulhas que estão a venda têm espessura de 0.25 mm até 0.35 mm.

A espessura da agulha é um elemento importante para o que eles chamam de “qualidade” da tatuagem. Agulhas idealizadas especialmente para a tatuagem possibilitam utilizar um maior número de agulhas, ultrapassando as três do “período caseiro”. Hoje as três agulhas, ainda são utilizadas quando fazem os traços do desenho, mas para preencher, ou seja, colorir e sombrear, chegam a usar mais de dez agulhas. A possibilidade de usar um maior número de agulhas depende tanto da qualidade e espessura da agulha, quanto da potência da máquina. Sobre o número de agulhas, certa vez Stoppa me disse:

Maior o trabalho, mais agulha. Quando eu vou colorir, eu chego a usar 15 agulhas. Soldo tudo assim [mostrou com as mãos o formato, em forma de espátula], soldo oito [embaixo] e sete em cima. E ela fica assim, uma por cima da outra [mostrou novamente, com os dedos]. Assim, você faz um pincel, espalhando bem rápido. Por isso hoje é rápido. (Stoppa)

O número de agulhas está tanto relacionado com a rapidez com que o trabalho é feito, como mencionou Stoppa, quanto com o resultado final, como ele mesmo destaca:

Você vai fazer um trabalho grande, tem que saber que vai usar tantas agulhas. Vai fazer um trabalho pequeno, menos agulhas. E aí, é que dá a definição de um trabalho bem feito ou mal feito. (Stoppa)

Ainda com relação às agulhas, alguns tatuadores estão utilizando agulha de acupuntura para tatuar. É uma agulha mais fina do que a que costumam usar, mas que se adaptada bem à tatuagem. Para eles, uma das vantagens é o preço, mais baixo, comparado às agulhas importadas que costumam utilizar.

---

<sup>26</sup> Site: <http://www.satattoo.com/index1.htm> A informação sobre as agulhas retirei do site no dia 25 de maio de 2003

Além das máquinas e das agulhas, a tinta utilizada na tatuagem, também passou por grandes modificações. Atualmente, a maioria dos tatuadores de estúdio utilizam tintas importadas, que adquirem, assim como as agulhas, de distribuidores geralmente de São Paulo e Rio de Janeiro. A opção pelo produto importado está relacionada à qualidade do produto, que segundo eles interfere no resultado do trabalho. Leco disse-me certa vez que já tentou utilizar tintas nacionais:

Já tentei trabalhar com equipamento nacional, na hora fica bonito, mas o resultado depois ... Ele pega, mas na hora de descascar, parece que a tinta fica fraca, fica aquela pigmentação fraca, porque é uma tinta mais aguada. (Leco)

Segundo Stoppa, os “tatuadores profissionais” compram tintas importadas. Quando ele começou, em 1987, o acesso à tinta importada era muito difícil, assim como a todo material de tatuagem. A tinta que costumavam utilizar era o nanquim, o mesmo utilizado para canetas e desenhos em papel. Para que ficasse mais espessa, ferviam o nanquim.

As tintas importadas são naturais, de origem vegetal e mineral. São pigmentos feitos especialmente para tatuagem. Anjo disse-me que algumas indústrias estão fazendo tintas que utilizam material anti-alérgico. Atualmente, há uma grande preocupação, nesse universo da tatuagem que venho apresentando aqui, com a “biossegurança”, como ouvi um tatuador falar certa vez. Assim, a preocupação com higiene, materiais anti-alérgicos, medicação para cicatrização são lugares-comuns nos estúdios e são inclusive utilizados como propaganda e divulgação.

A dificuldade em encontrar material para tatuagem em Florianópolis foi um problema até o início da década de 90, o que é possível observar a partir do discurso de Anjo:

E O COMEÇO É DIFÍCIL?

Hoje em dia tá bem mais fácil. Hoje em dia com 200, 300 reais, você compra um kit, que vem [com] 10 cores de tinta, uma máquina, duas ponteiras, vem tudo, luva, o que for.

Na época, não tinha nem revista de tatuagem. A gente sabia que em São Paulo se vendia material. Mas ir pra São Paulo, como? Comprar de alguém em São Paulo, como? Não tem telefone, eram poucas lojas.

Então, a gente tinha que comprar dos tatuadores daqui. O que a gente comprava era caro pra caramba. Vinte e cinco reais, eu lembro que pagava um tubinho de 15ml. Hoje em dia, a melhor tinta que existe não tá esse preço. Tá o mesmo preço, ou menos ainda. Uma coisa que é bem melhor. Na época, a tinta era horrível, as agulhas não eram boas, eram agulhas corrente daquelas de fazer coisa de miçanga, número 12, eram aquelas ali. Ou então, agulha feita com corda de guitarra. (Anjo)

No relato de Anjo, é possível perceber o quanto o mercado de produtos para tatuagem mudou nesses poucos anos. A aquisição dos produtos pode ser feita de várias formas, a partir de distribuidores de São Paulo e Rio de Janeiro, em alguns estúdios da cidade, pela *Internet*, e a partir de revistas de tatuagem, que são vendidas atualmente em todas as bancas de jornal. Há mais possibilidades de acesso a material de qualidade, mas há também a possibilidade de encontrar material com menos qualidade de menor preço. É possível encontrar *kits* para tatuagem, que vêm com todo o material necessário para começar a tatuar<sup>27</sup>, uma boa oportunidade para os iniciantes adquirirem o primeiro equipamento.

A transformação do espaço de tatuar, dos equipamentos utilizados e dos próprios procedimentos para tatuar é uma das mudanças significativas por qual passou a tatuagem feita pelos tatuadores entrevistados. O novo espaço, o estúdio de tatuagem, veio acompanhado pelas novas tecnologias. A tatuagem dos *porões*, das agulhas de costura e nanquim, se transferiu para espaços de maior visibilidade com máquinas, agulhas e tintas específicas. Isso também acompanhou e foi acompanhado por uma mudança no *status* desses tatuadores, algo que pretendo desenvolver no próximo capítulo a partir de suas trajetórias.

---

<sup>27</sup> Ver anexo 1 a descrição de um kit de tatuagem vendido pela *Internet*.



# Capítulo 2

---

*A trajetória do tatuador*

*N*este capítulo, pretendo apresentar, a partir das trajetórias dos tatuadores que entrevistei, algumas recorrências que se evidenciaram em seus relatos e tornaram possível perceber como esses sujeitos se constroem enquanto tatuadores.

A trajetória da construção da carreira de tatuador é marcada por momentos paradigmáticos, momentos que marcam passagens em suas trajetórias: por exemplo a passagem de tatuado a tatuador ou a de aprendiz a profissional. Uma outra recorrência importante é a conceção de que a tatuagem é uma arte e o tatuador um artista.

## 2.1. De tatuado a tatuador

É difícil definir uma “figura típica” de tatuador. Nos estúdios que percorri encontrei pessoas com diferentes trajetórias e experiências de vida.

Mas nos relatos de suas trajetórias como tatuadores, percebe-se aspectos que são comuns. Eles em geral lembram do primeiro contato com a tatuagem, muitos ainda crianças, a partir da observação no corpo de outra pessoa, geralmente um parente ou amigo. Esse momento é relatado como o momento onde o interesse pela tatuagem desperta, como pode ser observado no relato de Edu:

O primeiro contato que eu tive com tatuagem foi com 5, 6 anos”.

QUE IDADE VOCÊ TEM AGORA?

Tô com 42. Então foi o seguinte, meu tio tinha tatuagens feitas no porto de Santos. Na época, ele morava em Santos, e ele fez, escreveu mãe, fez aquele coração antigo, tinha uma sereia no braço. E quando ele ia em casa, eu ficava fascinado com aquilo lá. E ele sempre falava, não faz isso porque você vai se arrepender. Aí, eu comecei, sempre com aquela idéia fixa na cabeça, que eu iria ter uma tatuagem. (Edu)

Ou então Stoppa,

Eu tinha vontade de ter uma tatuagem desde moleque. Mas eu não fazia uma tatuagem em mim, porque na época era coisa de marinheiro ou presidiário.

QUANDO ISSO?

70 ... [19]70 mais ou menos. (Stoppa)

Ter sido tatuado, e sobretudo a lembrança da primeira tatuagem, é um elemento central na trajetória do tatuador<sup>28</sup>, mesmo quando o interesse em ser tatuador aparece bem mais tarde. Daniel começou a pensar em ser tatuador quando foi fazer sua segunda tatuagem. Anjo já tinha várias tatuagens quando Stoppa lhe perguntou se ele não tinha interesse em aprender a tatuar.

Eu era amigo dele [Stoppa], amigo assim, cliente amigo. Fazia umas tatuagens em mim, eu ia lá sempre conversar, ele via que eu gostava disso aí, e eu desenhava direto.

Eu desenho desde que eu nasci, desde que eu me entendo por gente, eu desenho. Eu gostava de desenhar, não fazia altos desenhos, mas meu brinquedo era papel, canetinha, lápis.

Então, chegou um dia, o Stoppa perguntou pra mim: *Pô, não se encarna em tatuar?*

Eu adoro tatuagem, tenho várias, eu desenho, mas eu não sei se eu ia conseguir tatuar. Porque eu endeusava muito o pessoal que tatuava, meus ídolos então ... botava eles num altar, eu nunca ia conseguir, só tinha tatuagens deles, mas não sabia se eu ia conseguir.

Ele [disse]: *não cara, tu desenha legal, porque tu não começa? Tu gosta disso aí, tens um monte de tatuagem.*

Boa pergunta, porque eu nunca fiz isso né? Daí, ei saí de um serviço que eu tava, tava louco pra sair, pra pegar o dinheiro. (Anjo)

Já com Stoppa, a primeira tatuagem coincidiu com o interesse em aprender a tatuar. Seus amigos, quando viram sua tatuagem, o incentivaram a aprender, já que ele desenhava. Isso, segundo Stoppa, o impulsionou a voltar ao estúdio do tatuador onde tinha feito a tatuagem, o estúdio do Lucky, mas dessa vez para aprender a tatuar:

Então eu vou voltar lá [no estúdio do tatuador [Lucky], levar mais gente, vou olhar a hora que ele tatua, como é que ele faz, pra mim aprender.

---

<sup>28</sup> Como os xamãs, descritos por Lévi-Strauss (1996), que foram um dia curados por um xamã (p.208), ou os terapeutas alternativos, pesquisados por Maluf (1996), que foram eles próprios pacientes, todos os tatuadores entrevistados foram antes tatuados.

Aí, eu ia lá e ficava lá na loja<sup>29</sup> dele. Levava o pessoal, ficava ajudando, pondo o papel pra ele na mesa, pra ele tatuar, quando ele terminava, eu varria, pra agradar. Mas ele não gostava que ninguém ficasse lá. Não queria que ninguém ficasse. Mas eu dava um jeitinho de ... via que ele precisava de papel, já rasgava o papel colocava na mesa pra ele, aí, varria lá, ficava assim. Aí, fui levando vários amigos lá. Quando eu vi que: ô, acho que dá pra mim fazer. (Stoppa)

Como no relato de Stoppa, todos os tatuadores iniciaram sua aprendizagem indo ao estúdio de algum tatuador para poder observar o trabalho, a fim de conseguir ser um aprendiz. Ao mesmo tempo, todos apontam para um interesse e uma habilidade anterior, desenhar como o começo de tudo.

### 2.1.1. Aprendiz de tatuador

A aprendizagem de um tatuador, esta baseada no esforço contínuo e permanente, já que devem estar sempre se aperfeiçoando, treinando, desenhando, participando de convenções para conhecer as novidades que surgem sobre tatuagem. Nos relatos dos tatuadores, o início da trajetória é marcado pela busca de um “mestre”, um tatuador disposto a dividir seus “segredos”, sua técnica, suas formas de fazer tatuagem.

Mas nesse percurso, duas características aparecem como fundamentais e complementares: a acentuação da existência de uma espécie de “dom”, uma característica particular daquele indivíduo que é saber desenhar ou “ter um jeito” para o desenho; e o domínio de técnicas específicas da tatuagem. Enquanto o “jeito” deve ser aperfeiçoado constantemente através do treino e da prática, o domínio das técnicas parece ser o que define a qualidade da arte do tatuador. Ele deve estar sempre se atualizando em *sites*, em convenções, em revistas especializadas, em trocas com outros tatuadores.

---

<sup>29</sup> Como já mencionei no capítulo anterior, o estúdio de tatuagem também é denominado loja ou ateliê de tatuagem. Stoppa é um dos tatuadores que utiliza a denominação loja de tatuagem.

Assim, o primeiro requisito principal para ser um tatuador, segundo os relatos, é saber desenhar, e essa é uma marca de distinção e de classificação dos tatuadores. Ao falarem do aprendizado, as habilidades com o desenho sempre são ressaltadas, como é possível perceber com Edu, que estava orientando um rapaz interessado em aprender o “ofício”:

É uma coisa que você tem que ter uma atenção, tem que ter um preparo. E tem que fazer muito desenho, eu falo pra ele [o rapaz], ele tá querendo aprender a fazer tatuagem, aí eu falo: “meu, cê quer aprender a fazer tatuagem, pega um lápis e um papel, senta e faz desenho”. É importante isso, você ter uma noção de desenho, como sombrear um rosto, como é ... tem aquele processo todo, tem que estudar, estar sempre estudando, técnicas e técnicas, e técnicas e técnicas. (Edu)

Todos destacam em suas trajetórias que já desenhavam quando se interessaram em ser tatuadores. Dominar o desenho é uma das formas de legitimar a pretensão a ser tatuador. Vou destacar dois relatos, de Natália e Leco, onde é possível observar essa relação:

Como eu já tenho jeito pra desenho, desenho desde pequena, eu uni o útil ao agradável. (Natália)

Eu vi o cara fazer, perguntei pro cara qual era o esquema pra fazer tatuagem. Ele falou: *O que tem de saber, o primeiro passo, é desenho.* Desenhar não é problema, porque eu sei. (Leco)

Anjo falando sobre a formação do tatuador, também destaca a importância do desenho:

Acho principal o curso de desenho, pra mim, a diferença de um bom tatuador, pra um tatuador, geralmente o tatuador é aquele que marca a pele internamente. Um bom tatuador é aquele que é um bom desenhista, é um artista. Um tatuador é aquele que simplesmente passa por cima de um decalque, e a hora que o decalque apaga, ele se perde todo, vai tentar inventar o desenho e não consegue, daí faz aquelas coisas. Marcou a pele, é um tatuador, só que ele não tem traço na pele. Pra mim a diferença tá aonde? no desenho, na sensibilidade de tu interpretar um desenho. (Anjo)

Nesse relato acima, é possível perceber não só a importância dada ao desenho na construção do tatuador, como a referência à habilidade de desenhar como forma de classificação e de distinção do “bom tatuador”, que corresponde a uma outra classificação: a de “artista”. “Bom tatuador” e “artista” são vistos como sinônimos pelos tatuadores.

Além de desenhar, é preciso dominar técnicas que são tradicionalmente transmitidas entre os tatuadores. Todos passaram por um período de aprendizagem que, além da observação, também inclui as instruções e a orientação de um tatuador experiente. E isso significa entrar num grupo que eles mesmos denominam “círculo fechado”:

É um círculo bem fechado da tatuagem. Por mais que agora tá abrindo um pouco. Mas é assim, até por tradição, muito fechado. Não são todos que passam segredos pro outro. Tem muito segredo, muita técnica. (Anjo)

Celinho contou-me que no início chegou a ir a vários estúdios a fim de conseguir informações sobre as técnicas da tatuagem, mas a maioria lhe negou informações, segundo ele por receio de concorrência. Anjo e Duende, tatuador que trabalhava com Anjo naquela época, foram os poucos que aceitaram ajudá-lo. Alexandre também destaca a dificuldade por que passou para encontrar algum tatuador que desse informações quando estava começando:

Toques na realidade ninguém deu, no início não. Tive que quebrar a cabeça primeiro. Depois que eu comecei a fazer é que fui conhecer alguns tatuadores que foram me dando uns toques. (Alexandre)

A importância da relação entre tatuador e pretendente a tatuador pode ser observada no discurso de Leco, quando fala sobre os tatuadores que lhe ajudaram no começo de sua carreira:

Se a pessoa não bebe alguém que sabe, tu até chega, mas até tu chegar,  
um monte já passou na tua frente. (Leco)

Encontrar um tatuador que passe informações sobre a arte de tatuar é uma das primeiras grandes dificuldades do futuro tatuador, pois a transmissão do conhecimento sobre essa arte se dá quase que exclusivamente a partir da transmissão de um tatuador mais experiente para o aprendiz. Os relatos de Daniel, Edu e Anjo demonstram isso:

#### COMO FOI QUE VOCÊ APRENDEU A TATUAR?

Eu comecei com ele, vendo ele tatuar. Ele tava tatuando e eu tava ali, em cima dele, só olhando. (Daniel)

Eu desenhava pra ele, e ele dizia: “ô meu, tá legal”. A pessoa vinha, conversava comigo, eu desenhava pra pessoa, ele já tatuava. Eu só lá, vendo o que ele fazia, como era o processo. Eu ia quase todo fim de semana lá, enchendo o saco dele. (Edu)

E, em troca de eu aprender isso aí, eu montava e desmontava a barraca dele, preparava desenhos pra ele. Quando eu tinha um tempinho, eu ia ajudar ele, e ficava aprendendo, vendo ele trabalhar. (Anjo)

A forma mais complexa que observei de um processo de aprendizado é esse em que o aprendiz - como estou denominando esse neófito na arte da tatuagem – passa a observar um tatuador profissional. Esse aprendiz pode ser um ajudante do tatuador que recebe uma remuneração por isso, ou então é alguém que está trocando as informações do tatuador por pequenos serviços, o que, de certa forma, caracteriza uma relação de reciprocidade que tem como base uma tríplice relação: dar-receber-retribuir (Mauss, 1974b). Anjo relata como se dá um desses momentos:

E a mesma coisa, se o cara vem aqui: *Pô, eu quero aprender a tatuar.* O pessoal diz: é *sacanagem*, mas se eu for colocar o cara de ajudante aqui, a primeira coisa que ele vai fazer é lavar o material, é passar pano na loja, é fazer uma volta pra gente<sup>30</sup>. Ali, além dele ser útil, e tá acompanhando também o nosso dia-a-dia, ele tá mostrando que tem humildade. (Anjo)

---

<sup>30</sup> Lembrei de certa vez que trabalhei num escritório de engenharia civil. Estava como aprendiz de desenhistas de edificações, antes de sentar na prancheta e pegar nas canetas e régulas, passei um bom tempo lavando o material.

Quando ele próprio procurou aprender a tatuar passou por situação semelhante:

E, em troca de eu aprender isso aí, eu montava e desmontava a barraca dele, preparava desenhos pra ele. Quando eu tinha um tempinho, eu ia ajudar ele, e ficava aprendendo, vendo ele trabalhar. (Anjo)

Stoppa também passou por esse processo, como já citado anteriormente:

Aí, eu ia lá e ficava lá na loja dele. Levava o pessoal, ficava ajudando, pondo o papel pra ele na mesa, pra ele tatuar, quando ele terminava, eu varria, pra agradar. Mas ele não gostava que ninguém ficasse lá. Não queria que ninguém ficasse. Mas eu dava um jeitinho de ... via que ele precisava de papel, já rasgava o papel colocava na mesa pra ele, aí, varria lá, ficava assim. (Stoppa)

Os relatos de Anjo e Stoppa permitem perceber a relação de reciprocidade que se estabelece no estúdio entre o *mestre* e o aprendiz. Não basta estar ali olhando para, aprender, é necessário a disposição de receber o *dom* (Mauss, 1974b), que é dado com aparência de gratuidade, mas é necessário também que esse seja retribuído em forma de pequenos serviços, de elogios ao trabalho do tatuador. Entre as características da dádiva, segundo Mauss (1974b), está a incondicionalidade do *dom*, algo que parece não existir na relação entre aprendiz e tatuador, pois o próprio discurso do tatuador que hoje me relata seu aprendizado estava indiretamente ligado aos serviços gerais que devia realizar. Algo que se espera, logicamente, de todo o pretendente a tatuador que o procura para ser iniciado na arte de tatuar. Assim, o *dom* é feito com aparência de gratuidade, existindo nesse caso uma “incondicionalidade condicional”<sup>31</sup> (Caillé, 1996), ou seja, tal sistema de reciprocidade pode ser rompido.

Algumas características da *dádiva* aparecem nessa relação do aprendiz com o tatuador, como a obrigatoriedade ‘escondida’ sob a aparência de gratuidade; o prazer que, necessariamente deve acompanhar (ou nascer) no/do ato de dar-receber-retribuir, o

---

<sup>31</sup> Segundo Caillé, enquanto o *individualismo* gera sujeitos incapazes de dar, fechados em si, no *holismo* esses sujeitos só agem por ação do social, controlados pelo exterior. A dádiva, pelo contrário, agiria como complementaridade entre o que a sociedade prescreve e estabelece e a liberdade criativa do indivíduo, pois mesmo sendo uma obrigação, existindo regras sobre o que pode ser dado, quando e como dar, existe espaço para a iniciativa pessoal.

contrato que se estabelece, que torna aquele que recebe devedor, preso pela obrigatoriedade de retribuir, a humildade no dar e a submissão de quem recebe a quem dá.

Todo tatuador sabe que esse aprendiz será no futuro um ‘concorrente’, ainda que um amigo, e a gratuidade do *dom* denota também que existe uma incondicionalidade na atitude do *mestre* da arte de tatuar em relação a seu aprendiz. A condicionalidade está posta no processo, ou seja, podem acontecer conflitos, como me relataram alguns tatuadores em campo<sup>32</sup>.

Por outro lado, fazer os serviços gerais para poder estar perto de um tatuador e aprender com ele a arte de tatuar, parece fazer parte de um estado de “liminaridade” (Turner, 1974)<sup>33</sup> pelo qual passa o aprendiz de tatuador.

Ainda que nos relatos a informalidade que caracterizava o aprendizado de Stoppa, Edu e Anjo, apareça como algo central, hoje é possível encontrar outras formas de estabelecimento desse aprendizado – como uma ‘primeira etapa’ do mesmo -, sendo uma delas a do aprendiz que trabalha como secretária/o no estúdio. Esse é o caso do secretário do estúdio do Leco, Charles, e foi o caso de Natália, que trabalhou como secretária no estúdio de Alexandre:

Quando eu comecei a trabalhar com ele de secretária, eu já tinha a intenção de aprender. Antes de eu trabalhar com ele, eu não tinha intenção nenhuma em aprender a fazer tatuagem. Quando eu comecei a trabalhar com ele, automaticamente já veio a intenção. Como eu já tenho jeito pra desenho, desenho desde pequena, eu uni o útil ao agradável. (Natália)

---

<sup>32</sup> Essa situação de conflito ficará mais clara no decorrer do texto.

<sup>33</sup> Turner falando sobre rituais entre o povo Ndembo de Zâmbia, utiliza o modelo classificatório de Van Gennep para os rituais: separação/ margem/ agregação. Sobre o estado de margem ou liminar, ou estado de liminaridade, Turner destaca ser um estado de reeducação onde há uma mistura entre submissão e humildade. A passagem acontece de uma situação mais baixa para uma mais alta. Segundo o autor, a vida em sociedade é feita constantemente de processos dialéticos que abrangem experiências sucessivas de alto/baixo, momento que chama de liminaridade ou ausência de *status* (cf Turner, 1974).

Isso é paradigmático de uma nova forma de relação que passa a se estabelecer entre o aprendiz e o tatuador, caracterizado pela diminuição da informalidade e aumento da formalidade na relação. Ainda assim, a formalidade passa pelas relações de trabalho; enquanto aprendiz, porém, ele ainda é um neófito que recebe o *dom* – ou ‘segredos’- da arte de tatuar do tatuador.

Outra forma de aprendizado, atualmente, são cursos de tatuagem. Há cursos em fitas de vídeo cassete, que podem ser encontrados em *sites* de tatuagem na *Internet*, e também há tatuadores que estão oferecendo cursos. Dentre os tatuadores que entrevistei dois deles já deram alguns cursos. Um deles descreveu o “programa” do seu curso, que tem a duração de três dias, no primeiro faz a apresentação do material, no segundo é a observação do tatuador trabalhando, e no terceiro dia a pessoa vai colocar em prática o que aprendeu, para isso tem que conseguir uma pessoa que queira ser tatuada por ela. Durante a tatuagem, o tatuador vai dando instruções.

Apesar das inovações, a forma tradicional de transmissão do conhecimento, não é apenas a mais recorrente, mas é a forma de ingresso do neófito no circuito dos estúdios e tatuadores. O aprendizado consiste basicamente em aprender uma série de técnicas envolvidas na tatuagem, que vão desde o conhecimento da máquina que usam, até a profundidade que a agulha pode penetrar na pele. Tamanho de desenho, formato da parte do corpo, localização no corpo, cor do pigmento, cor da pele, são questões que envolvem diferentes técnicas, muitas adquiridas no decorrer da carreira de tatuador.

No caso desses tatuadores, com idades variadas entre 21 e 50 anos, o encontro com a tatuagem se deu em momentos diferentes. Para todos um momento marcante é a aquisição do primeiro material de tatuar, especialmente a máquina<sup>34</sup>. Destaco a importância desse momento, pois ele marca a passagem do “aprendiz” a “tatuador”. Quando adquirem a primeira máquina de tatuar podem começar a colocar em prática tudo o que observaram e ouviram até então. As primeiras pessoas que tatuam são

---

<sup>34</sup> Como já foi abordado mais detalhadamente no capítulo 1.

chamadas de “cobaia”, que geralmente é um amigo ou um primo que submete seu corpo ao aprendiz sem pagar pelo trabalho:

Eu fui pra casa. Já passei no barzinho de um amigo meu e disse: *Comprei minha máquina*. Eu já tava falando há tempo que eu ia comprar.

Já arrumei um rapaz que tava dormindo lá em casa e disse: *Vamos fazer uma tatuagem?*

[O rapaz] *Vamos*.

Naquele dia mesmo, foi a primeira. Arrumei papel toalha, improvisei lá no meu quarto mesmo. Naquela ali, eu aprendi a fazer a tinta pegar. Eu fiquei das dez [horas] da noite até a uma [hora] da manhã fazendo, e no outro dia ainda fui terminar. Dois dias seguidos. (Anjo)

Alguns tatuadores fizeram de si mesmos suas cobaias, como Natália:

Depois, a primeira que eu fiz foi uma no tornozelo, um simbolozinho do OM. Primeira tatuagem feita por mim, e feita em mim também. (Natália)

E Edu:

Era época de ...72, por aí. Poucas pessoas faziam tatuagem. E nessa reportagem que eu tinha descolado, falava que ele fazia, tipo, amarrava três agulhinhas, molhava no nanquim, e tal. Foi aí que eu comecei a ... pegar e ver como que era, né? Em mim mesmo, como eu tinha já um [jeito] pra desenho, na época, foi um pulinho. Eu desenhava na pele e ficava né<sup>35</sup>, com nanquim... ia picando com nanquim. É um processo bem demorado. Aí, foi indo, e eu comecei a fazer tatuagens em amigos, que naquela época, já tinha o movimento punk-rock, lá em São Paulo, eu fazia parte do movimento punk-rock. (Edu)

Quase todos ficaram algum tempo, que varia de um para outro, fazendo tatuagens sem cobrar nos cobaias, para se adaptarem às técnicas da tatuagem.

Em geral, o processo de aprendizagem é um processo relacional hierárquico entre mestre e aprendiz. Durante esse processo, o “tatuador-mestre” determina o ritmo da aprendizagem. Mas sempre chega o momento em que há uma ruptura, quando o novo tatuador começa a construir sua própria carreira. Stoppa, que já “formou” vários

---

<sup>35</sup> Fez como se estivesse tatuando o braço com as agulhas.

tatuadores (dois dos tatuadores que entrevistei tiveram ele como mestre em algum momento da aprendizagem), e que também já passou por esse momento, descreve como o sente:

**TE PROCURAM PARA APRENDER A TATUAR?**

Muitos. Alguns trabalham comigo, aqui. Depois, quando aprende, bate asas e vai embora. Cada um vai pra um lugar. (Stoppa)

É um novo momento na trajetória. Depois de passarem pelo processo de aprendizagem, que foi marcado pela primeira tatuagem feita em seu corpo, pela primeira máquina e pela primeira tatuagem que fizeram, começam a construir suas carreiras, ou seja, é a passagem de aprendiz a profissional. Já não é mais o neófito que se encontrava em uma situação liminar, agora – novamente na estrutura – busca a consolidação profissional.

## 2.2. De aprendiz a profissional

A ruptura com o mestre, que pode ser marcada pela saída do local onde se era aprendiz para ‘montar’ seu próprio estúdio, marca um novo momento na trajetória do tatuador, indicando uma nova etapa no processo de profissionalização.

Discutindo o *prestígio* e a *ascensão* social a partir da trajetória de um jovem que inicia seu processo de profissionalização num bairro carioca, Velho (1987a) mostra a *ruptura* como algo constitutivo do processo de individualização e singularização que caracterizam a construção da identidade social desse indivíduo. Para ele, as atribuições, singularidades, desempenho de papéis etc., garantem a individualidade e revelam a tensão presente no processo de individualização<sup>36</sup>. No texto o autor mostra que “ao sair da cidade, do bairro, da vizinhança, e ao afastar-se dos parentes, o agente empírico sublinha sua particularidade” (Velho, 1987a, p. 48). A individualização, como a discute

---

<sup>36</sup> É importante salientar que o autor chama a atenção ao fato que: “é perigoso confundir a ideologia individualista, analisada por Dumont, com toda e qualquer possibilidade de o indivíduo-agente empírico encontrar espaços e manipular situações” (Ibid., p.50)

Velho, acontece pela ruptura, fruto de um conflito familiar, mas também da *ascensão social* e do *prestígio* que conquistou:

O fato de sair, principalmente quando decorrente de uma *decisão voluntária*, marca e enfatiza a existência do indivíduo enquanto *sujeito moral*, unidade mínima significativa que se destaca para fazer a sua vida, lutar (...), tornar-se um *stranger* em algum outro lugar ou meio. (idem)

A “alternativa individualizadora”, para Velho, acontece dentro de um “campo de possibilidades”, como afirma em *Projeto, Emoção e Orientação em Sociedades Complexas*: “o processo de individualização não se dá fora de normas e padrões por mais que a liberdade individual possa ser valorizada” (1987b, p. 25).

Ainda que a ruptura entre o tatuador aprendiz e o mestre não aconteça exatamente na forma como é evidenciada por Velho<sup>37</sup>, a discussão sobre singularização, ascensão e prestígio realizada pelo autor serve para pensar a trajetória de construção do tatuador enquanto profissional, que tem como ápice de sua individualização e singularização o estúdio.

O início de carreira de quase todos os tatuadores que entrevistei foi tatuando em casa. Como é o caso de Alexandre:

Eu comecei em casa [Florianópolis], mas rapidinho eu fui pra São Paulo. Fiquei tatuando lá no meu apartamento, que eu morava, e rodando nos ateliês, mais pra pegar material ... Eu trabalhava de martelinho de ouro<sup>38</sup> lá, a tatuagem era mais um *hobby*. (Alexandre)

E também Stoppa:

Eu comecei em Santo André. Tanto é que eu arrumei um amigo meu pra trabalhar comigo, de sócio, o Alemão. E a gente começou a trabalhar. A gente trabalhava em casa, não tinha sossego mais em casa, era gente duas horas da manhã chamando.(Stoppa)

---

<sup>37</sup> Ainda que algumas vezes essa ruptura pareça ser realmente conflituosa, como relatam alguns dos tatuadores.

<sup>38</sup> Trabalhar como martelinho de ouro significa tirar pequenos amassados de carros somente com uma série de pequenas marteladas na lata.

Alguns tatuaram em locais que não eram próprios para a tatuagem, como Anjo, que tatuou na vitrine de uma loja de discos numa cidade do interior do Rio Grande do Sul:

Trabalhei numa loja de CD, tipo, eu tatuava na vitrine da loja, não dava ninguém na loja, só a gurizada que ficava conversando [...]. Eu ficava tatuando na vitrine, e cercava de gente na frente da loja, que era numa galeria. (Anjo)

Além de tatuar na vitrine de uma loja de CD, Anjo também já tatuou em festas. Na década de 80 era mais comum encontrar tatuadores trabalhando em diversos espaços, Edu lembra de um tatuador trabalhando em um bar. Stoppa nessa época além de tatuar em seu estúdio em São Paulo, também viajava pelo interior de alguns estados do Brasil fazendo tatuagens:

A gente [ele e o sócio, Alemão] viajava de ônibus, conhecia uma pessoa e tatuava na loja dele, no shopping. Depois quando a gente vinha embora, eles continuavam tatuando e aprendiam com a gente. Depois que eu vim pra cá, eu comecei a viajar sozinho, eu e minha mulher no furgão. A gente viajava com o furgão por toda cidade, interior, capital, a gente ia. Só não fui pro nordeste. Mas fiz Rio de Janeiro, Minas, Belo Horizonte. (Stoppa)

Atualmente é mais difícil de se encontrar tatuagens feitas em locais destinados a outro tipo de atividade, como os relatados, em lojas, vitrines ou mesmo na rua. A prática da tatuagem está restrita aos estúdios. As exceções têm um caráter mais efêmero, como uma aparição na televisão, por exemplo. Em janeiro deste ano, um programa de auditório transmitido pela televisão aberta, tinha como tema para debate tatuagens e colocação de *piercing*. Durante o programa, um dos tatuadores mais conceituados de São Paulo, Led, tatuou uma moça. Nesse caso, a tatuagem está sendo feita fora do local de praxe, mas em caráter eventual, como uma forma de divulgação e de espetacularização da tatuagem.

Também fez parte da trajetória de alguns dos tatuadores, e em alguns casos ainda faz, trabalhar no estúdio de outro tatuador como *segundo-tatuador*. Como já mencionei no capítulo anterior, o segundo-tatuador não é o dono do estúdio onde trabalha. A relação que existe entre os tatuadores é reconhecida por eles como uma relação de parceria, algo completamente diferente de quando estava no estúdio como aprendiz. Sem vínculos empregatícios, o reconhecimento e transmissão de suas normas acontece informalmente. O segundo-tatuador utiliza a estrutura, os equipamentos e o material (além do prestígio do tatuador e do estúdio), e paga com uma porcentagem dos trabalhos que faz.

Daniel, o único tatuador que entrevistei que tatua em casa, destaca em seu projeto de carreira trabalhar como segundo-tatuador em um estúdio de Curitiba:

Na real, é porque eu não tenho aquela clientela certa, e pretendo sair daqui. Se eu for ficar aqui pelo centro, provavelmente eu vou entrar [na Associação], mas lá em Curitiba não sei se tem isso<sup>39</sup>. (Daniel)

Daniel marcou em seu relato a trajetória de um tatuador de estúdio, ao falar de seu projeto de ser um segundo-tatuador no estúdio de um tatuador mais experiente (que foi seu “mestre”), em Curitiba, ou ter um estúdio no centro da cidade. O importante não é a realização ou não do projeto, mas o destaque para esses dois momentos na carreira dos tatuadores, o de “segundo-tatuador” e o de ter um “estúdio no centro”.

Entre os tatuadores que entrevistei, dois são segundos-tatuadores. Um já teve seu estúdio, e agora está trabalhando no estúdio de outro tatuador; o outro trabalhava em casa antes de trabalhar no estúdio onde está. Esses dois tatuadores estão procurando projetar seus nomes a partir do nome do dono do estúdio, ou seja, estão em início de carreira, num momento de consolidação da mesma e em busca de *prestígio*.

---

<sup>39</sup> Em um outro momento disse que pretende trabalhar no estúdio de um tatuador que conhece em Curitiba.

Trabalhar num estúdio já estabelecido muitas vezes é a oportunidade de continuar a receber orientações no início da carreira, mas também começar a tornar o próprio trabalho conhecido e começar a construir uma clientela própria.

A noção de prestígio é muito presente entre os tatuadores. Em vários momentos o prestígio do tatuador é acionado, como no caso dos segundos-tatuadores. Um outro momento onde foi possível perceber a importância do prestígio foi em uma reunião de tatuadores em que estive presente, e surgiu um comentário sobre um tatuador que estava abrindo seu estúdio em um bairro no lado continental da cidade, e que estaria utilizando o nome de um deles para se projetar comercialmente, dizendo que já haviam trabalhado juntos.

Outro marco na trajetória dos tatuadores é o estúdio. Os diferentes estúdios pelo qual passaram marcam mudanças em suas trajetórias e indicam um processo de consolidação na carreira e superação de dificuldades.

Logo botei uma loja pra mim, com mais dois sócios. Não era aqui [no centro], mas aqui em Florianópolis, no Kobrasol<sup>40</sup>. Tinha dois sócios. Dei um tempo assim, não tive muita afinidade com um, a gente se separou da sociedade. Fiquei só com um, que é meu amigo, a gente trabalhou um tempão, a gente veio, montou aqui no centro, a gente ficou um ano lá no Kobrasol. A gente montou aqui no centro depois, nesse mesmo prédio, só que no 3º andar, uma lojinha menor<sup>41</sup>. (Anjo)

Leco também, ao falar de seu primeiro estúdio, acaba descrevendo os outros que já teve:

Tudo em Laguna. Montei a minha primeira loja na garagem da minha casa.

VOCÊ MORAVA COM SEU PAIS?

Não, eu já era independente. Eu morava independente.

Eu já tava junto, com quem hoje é minha esposa, a gente já morava junto. Montei na garagem da nossa casa e ... dali, montei minha

---

<sup>40</sup> Kobrasol é um bairro que fica na grande Florianópolis.

<sup>41</sup> Atualmente Anjo está no mesmo prédio no quinto andar, ocupando o espaço de três salas, não tem mais sócios, Celinho é o segundo-tatuador do estúdio.

primeira loja num quiosquezinho na praia. Comecei a pegar nome. Dali, montei outro, maiorzinho, e o negócio foi crescendo. (Leco)

Hoje Leco tem um estúdio num dos pontos comerciais mais valorizados da cidade, a Lagoa da Conceição, numa galeria de lojas, como já citei no capítulo anterior.

Todos os tatuadores que entrevistei, e alguns com a família, vivem do que ganham tatuando, tornaram-se profissionais (reconhecidos publicamente) em seu ramo e potencialmente aptos a serem mestres<sup>42</sup>. A tatuagem entra no mercado como um tipo de “prestação de serviço”. A partir da trajetória desses tatuadores é possível observar o processo de profissionalização não só do tatuador, mas do próprio ofício de tatuar.

### 2.2.1. A experiência de tatuar profissionalmente

Atualmente há equipamentos e materiais, principalmente a máquina, as agulhas e os pigmentos, produzidos exclusivamente para a tatuagem. É possível encontrar na Internet muitos *sites* vendendo esse material. Já existe uma rede de interesses em torno da tatuagem de estúdio, empresas que produzem os equipamentos, revendedores, entre tantos outros. Há nesse universo uma sofisticação constante de equipamentos, produtos e técnicas, tornando o aperfeiçoamento do tatuador praticamente uma obrigação, para que possa disputar o mercado consumidor da tatuagem.

As transformações que ocorreram na própria confecção da máquina de tatuar<sup>43</sup> são um exemplo dessa sofisticação. As máquinas atuais, mais potentes e projetadas especialmente para a tatuagem, possibilitam o aperfeiçoamento do trabalho. Stoppa diz que um trabalho profissional precisa de um material profissional:

---

<sup>42</sup> Potencialmente, porque Daniel, que está trabalhando em casa, já teve um aprendiz, disse-me isso quando estava mostrando algumas de suas tatuagens: “essa aqui foi um gurizão que fez em mim, fazia um ano que ele tava tatuando [...], eu tava ensinando ele. Eu tava dando uns toques pra ele, e deixei ele fazer em mim”. (Daniel)

<sup>43</sup> No capítulo anterior, detalho melhor essa mudança: em síntese, as máquinas de tatuar passaram de uma fabricação caseira, improvisada, para uma fabricação industrial ou semi-industrial em grande escala de máquinas projetadas especialmente para a tatuagem.

Você tem que ter o material todo próprio, profissional. Não adianta, porque eles vendem esse material aí, não são profissional, são amador. Tem que ser agulha especial, a máquina tem que ter uma potência perfeita pra furar a pele, não rasgar a pele. Porque eles fazem uma máquina fraca que ao invés de furar, ela fica esfregando na pele e rasga a pele. (Stoppa)

Anjo também destaca a influência que o material especialmente projetado para a tatuagem tem:

O material tem muita diferença. As agulhas hoje em dia são afiadas com diamante, que afia as agulhas. É tudo coisa que é feita só pra tatuagem. Agulhas de várias espessuras, tudo. Então, é um material que é próprio mesmo. (Anjo)

O resultado do trabalho é a meta desses tatuadores e, para eles, a qualidade do material tem influência; um material ruim prejudica o resultado final. A comparação entre trabalhos feitos na época em que o acesso a equipamentos e produtos próprios para tatuagem era mais restrito, como a que Leco faz, destaca essa diferença:

#### QUAL A TATTOO QUE VOCÊ FEZ?

Essa no antebraço aqui.

[...]

Foi, essa, essa aqui ... Essa tattoo aqui eu fiz em 83. Quantos anos, 20 anos. Era no tempo do nanquim, não tinha tinta ainda, pigmento ...

Essa aqui é nanquim, original. Olha como os traços eram grossos por causa das agulhas. Na época, era tattoo. Hoje em dia ... (Leco)

O resultado final do trabalho também está relacionado à formação da “clientela”. O corpo dos tatuados é visto como uma forma de divulgação para os tatuadores. Um trabalho bem feito chama atenção e aumenta a clientela:

Quando eu comecei tatuar, não tinha tatuadores. Aí então, como era muito caro a tatuagem, eu tinha que ser o meu álbum ambulante, né? Essa aqui, foi meu sócio que traçou ela e eu colori. Aí eu já tinha dois trabalhos grandes, divulgava bem o trabalho. Onde eu ia todo mundo queria saber onde você fez. [Eu dizia:] eu faço, aí eu já dava meu cartão. Então eu fazia minha propaganda. A propaganda é assim, pra você ver, no inverno é a melhor época pra se tatuar, só que não dá pra se tatuar no inverno muito, não tem muita tatuagem, porque o cara não tá divulgando. Entendeu? Ninguém tá divulgando. Agora no verão, tá

todo mundo exposto a tatuagem, aí o cara olha: pô a tattoo! Aí, pergunta onde fez, ou já vê a loja aqui, vem e faz.

[...]

É, o corpo é o mostruário. Um *out-door* ambulante. (Stoppa)

Edu confirma a idéia de que a própria tatuagem é a forma de divulgação do trabalho do tatuador quando relata as dificuldades que enfrentou quando chegou em Florianópolis e montou seu estúdio. O seu problema era fazer uma primeira tatuagem para que seu trabalho fosse visto:

É uma batalha ... é assim, eu saí de São Paulo onde eu tinha uma clientela, eu conhecia, muita gente me conhecia lá em São Paulo, principalmente no lugar onde eu tava, eu já estava há quatro anos naquele local. É difícil você sair de um estado pro outro. Não conhecem seu serviço, não conhecem seu estúdio, seu trabalho, então torna meio difícil a primeira tatuagem que você faz. Porque é importante você fazer a primeira tatuagem pro pessoal ver como que é. (Edu):

Todos os tatuadores que entrevistei trabalham somente com tatuagem (ou pelo menos a tem como atividade principal) e consideram a tatuagem uma profissão:

Eu já estou há 24 anos tatuando e não é profissão? Então o que que é isso? Até ladrão é profissão, pô. (Stoppa)

Na exclamação de Stoppa é possível observar uma certa reivindicação e indignação. Isso porque a tatuagem, como outras “atividades”, não está regulamentada como profissão, mas é exercida há muito tempo. A tatuagem feita em estúdio, que tem um formato próprio, no Brasil tem registros pelo menos desde a década de 70, como ressaltei no capítulo anterior.

A reivindicação da regulamentação da profissão surge, principalmente, pela inserção que está tendo no mercado. A visibilidade que a tatuagem de estúdio passou a ter, lhe trouxe, além do aumento de clientela, a vigilância do Estado. A tatuagem feita em um espaço fixo, como os estúdios, passa a ter outras referências. Uma delas são os alvarás de funcionamento, que incluem exigências sanitárias, como paredes laváveis, piso em cerâmica, móveis adequados, matérias descartáveis, equipamentos de

esterilização, entre outras<sup>44</sup>. A falta de regulamentação da profissão prejudica as tentativas de acordos entre tatuadores e Estado, já que as exigências feitas pelo Estado aconteceram muito recentemente e necessitam de um momento de transição, o que a legislação muitas vezes não contempla. A existência de normas que exigem determinados procedimentos e a falta de regulamentação da profissão criou uma situação, em que qualquer necessidade de negociação com os órgãos fiscalizadores era feita individualmente pelos tatuadores. Quanto às exigências feitas pelo Estado, estas são bem recentes; as mais complexas, que são as que citei acima, aconteceram no ano de 2002. Nessa época, alguns tatuadores e *body piercers* resolveram formar uma associação de tatuadores, facilitando as negociações com os órgãos de vigilância sanitária, Secretaria da Saúde e outros naquele momento.

Não vai ser um indivíduo, vai ser uma classe, entendeu? Então a gente sentiu essa necessidade. Daí aconteceu: *Pô, vamos chamar o fulano, ele também tatua!* Quando a gente viu tinha trinta e tantas pessoas, a gente nem imaginava que tinha tanto. (Anjo)

O presidente da Associação é Anjo e Alexandre é o vice-presidente. Algumas reuniões são realizadas no estúdio de Alexandre, que tem um espaço maior. Outro local freqüentemente utilizado para as reuniões é uma praça de alimentação em um centro comercial no centro da cidade. Fazem parte da Associação, segundo Alexandre, vinte e cinco estúdios e cinqüenta associados. Tive a oportunidade de participar de uma dessas reuniões, que foi feita na praça de alimentação. A pauta da reunião eram os problemas trabalhistas pelos quais alguns tatuadores estavam passando.

Problemas trabalhistas são questões recentes que estão surgindo no universo dos tatuadores. As negociações “empregatícias”, até então feitas informalmente, como ressaltei no caso do segundo-tatuador, começam a sofrer modificações. Um novo elemento está surgindo nas relações entre donos de estúdios e pessoas que prestam algum tipo de serviço em estúdios de tatuagem, principalmente ameaças de abertura de

---

<sup>44</sup> Questões ressaltadas com mais detalhes no capítulo anterior, onde o foco é o espaço onde os tatuadores atuam.

processos, alegando falta de pagamento de direitos trabalhistas. Um caso paradigmático aconteceu com um dos tatuadores e um aprendiz. O aprendiz passou por todo o processo de aprendizagem e depois passou a trabalhar no estúdio em forma de parceria. Passados dois anos, foi à justiça reivindicar direitos trabalhistas que lhe teriam sido negados pelo tatuador durante esses dois anos que trabalhou no estúdio.

Questões como essas estão levando os tatuadores a discutir sobre as relações que têm com as pessoas que trabalham nos estúdios. A Associação passou a atuar nesses casos também, propondo a legalização das relações trabalhistas nos estúdios.

Uma outra atuação da Associação foi junto à Secretaria de Saúde do Estado. Conseguiram um convênio com o órgão público, passando a participar como sujeitos agentes do processo de fiscalização pelo qual os estúdios estão passando:

A gente montou uma associação, e essa associação vai e vistoria a loja pra junto, em convênio com a Secretaria da Saúde, ver se tá nas condições de funcionamento. Pra evitar esse tipo de coisa, que venha um monte de gente no verão e começa a tatuar na praia, na rua. (Stoppa)

Como venho ressaltando, as tatuagens feitas em estúdio têm determinadas características, uma delas é a preocupação com a assepsia<sup>45</sup>, o que vai, de certa forma, ao encontro das expectativas da Secretaria da Saúde do estado. A fiscalização que começa a se fazer nos estúdios acaba legitimando o processo de profissionalização do tatuador. Pode-se dizer que a profissão de tatuador de estúdio está sendo reconhecida e legitimada publicamente e socialmente a partir desse processo, especialmente porque a maioria desses tatuadores estão propondo participar ativamente desse processo:

Mas é legal, a parte da Associação é legal [...], a gente não se reúne toda hora também, porque cada um tá na sua função. Mas sempre, pelo menos uma vez por mês, a gente faz uma reunião pra botar em dia, porque, ... agora a gente tá fazendo o certificado que cada loja vai ter, de qualidade, que segue um padrão de qualidade. Com fiscais, da

---

<sup>45</sup> No capítulo seguinte, abordarei mais detalhadamente a relação entre a tatuagem feita em estúdio e a assepsia, discutindo o processo de higienização da tatuagem.

própria Associação, que vão fiscalizar as lojas, pra ver se elas têm todas as condições de higiene, que são exigida pela Vigilância Sanitária. Vai ter certificado, cada profissional vai ter a sua carteirinha, como sócio, como profissional mesmo. Porque não é qualquer um, também que entra. Não é quem tem peixada, tem boi. Tem que comprovar que é um bom profissional, com fotos, com tempo de profissão.

Então, a gente tá meio que ... botando nível. Daí, a gente vai fazer divulgação, tipo pela *Internet*, uma página que a gente vai fazer, página da Associação, onde vão ter fotos dos estúdios. (Anjo)

Essa proposta da Associação, que ainda não foi colocada em prática, de formalização a partir de certificados e carteirinhas, é uma outra forma de legitimação da profissão de tatuador de estúdio. O objetivo é comprovar quem são os “bons profissionais”, que serão avaliados a partir de três aspectos: as normas de higiene exigidas pela vigilância sanitária; o tempo de trabalho e o próprio trabalho, a arte, de acordo com suas concepções. Para os tatuadores que entrevistei, o “bom tatuador” é um artista.

### 2.3. O tatuador artista

Era um trabalho artístico, quando eu vi na revista um trabalho artístico ... [eu disse] é isso que eu quero, não quero aquela tatuagem de cadeia, de bandido que é feita com agulha. (Stoppa)

Em 1978, Stoppa, antes de fazer sua primeira tatuagem, viu uma reportagem na revista *O Cruzeiro*, sobre um tatuador dinamarquês que tinha chegado em um navio no porto da cidade de Santos e que tinha se estabelecido lá, Lucky. Decidiu fazer sua primeira tatuagem com Lucky porque era um “trabalho artístico”. Em seu relato, me parece bastante evidente o processo de construção de um tatuador enquanto *artista*, algo significativamente presente tanto no discurso, quanto na trajetória dos tatuadores que entrevistei.

A idéia da tatuagem enquanto arte é amplamente divulgada nos *sites*, revistas e estúdios de tatuagem e muito presente na fala dos tatuadores. Há uma naturalização da

concepção de que a tatuagem é arte. Contudo, não é qualquer tatuagem que consideram arte, como pode ser observado no relato acima de Stoppa, e isso culturaliza o conceito<sup>46</sup>. O que se evidenciou em campo foi que o diferencial está no próprio tatuador. E isso fica explícito na trajetória dos tatuadores, na ênfase que dão a determinadas questões, algumas consideradas “naturais” ou “inatas”, como desenhar, e outras que devem ser constantemente conquistadas como a técnica, com treino e atualização constante, como já abordei anteriormente.

Geertz (1999, p.156), analisando a pintura italiana *quattrocentista* em *A arte como um sistema cultural* diz que:

O que, no entanto, é ainda mais importante é que estas habilidades apropriadas, tanto no caso do observador como do pintor, não são, em sua maioria, inatas, como a sensibilidade retínica para distância focal, mas sim adquiridas através da experiência total de vida, neste caso, a de viver uma vida *quattrocentista*, vendo o mundo de um modo também *quattrocentista*.

A ênfase do autor nas habilidades que são adquiridas através da experiência de vida, uma vida *quattrocentista* no caso, remete ao modo como tatuadores retratam a trajetória de sua ‘especialização’ artística.

A ‘entrada’ da tatuagem no projeto da modernidade, algo que busco evidenciar no decorrer deste trabalho, encontra aqui mais um dos elementos que caracteriza a concepção moderna de arte: a figura do *artista*. A noção de artista é uma construção histórico-cultural, sendo que as discussões a respeito da ascensão de um “artista individual” acontecem no Renascimento. Até a Idade Média, as obras de arte eram consideradas resultado de um trabalho coletivo, cujo valor não está no seu produtor ou criador individual. Somente no século XV os artistas aparecem como figuras individuais e o resultado de seus trabalhos passa a ter um valor ligado a essa autoria. É na

---

<sup>46</sup> A esse respeito, Geertz diz que: “se é que existe algo em comum entre todas as artes em todos os locais onde as descobrimos (em Bali fazem estátuas com moedas, na Austrália desenhos com lixo) que justifique incluí-las sob uma única rubrica inventada no mundo ocidental, certamente não será o fato de que afetam algum sentido universal de beleza” (Geertz, 1999, p.180).

Renascença que o artista passa a ser visto como um gênio que tem um dom inato. Também o artista moderno é considerado um gênio com um dom inato, contudo o que os diferencia é que o artista moderno busca inspiração em si mesmo e não no exterior (Wedekin, 2000). Danush (1984) destaca que o artista moderno surge como “modelo do indivíduo, do sujeito autônomo liberto de todos os laços, que parece contar consigo apenas, aquele que tudo devia extrair das próprias vísceras” (p.70). Louis Dumont, na esteira de Mauss (1974a)<sup>47</sup>, evidenciou, o *Indivíduo* como sendo o valor predominante na sociedade ocidental contemporânea. O Indivíduo é um sujeito histórico que tem como característica central as noções de liberdade e igualdade. Para o autor, “... cada homem é uma encarnação da humanidade inteira e, como tal, é igual a qualquer outro e livre...” (2000, p.15).

Em seus discursos, os tatuadores evidenciam que o tatuador-artista é resultado de um processo que acontece a partir da trajetória individual e da singularização de cada tatuador. Para eles, não basta tatuar para que o resultado seja considerado arte. É preciso que o tatuador entenda da “arte de tatuar”, o que acontece com dedicação, interesse e técnica pois, como já ressaltei no início deste capítulo, ele deve estar sempre se aperfeiçoando, treinando, desenhando, participando de convenções para conhecer as novidades. É possível observar no relato de Edu, quando me falava que o tatuador tinha que estar sempre melhorando a qualidade do seu trabalho, o quanto o conhecimento e aperfeiçoamento são importantes:

#### COMO É QUE SE MELHORA A QUALIDADE?

Fazendo desenhos. Ter muita noção de desenho, principalmente rosto, porque rosto é bem difícil fazer, é bem difícil. Eu ainda, até hoje tô ... aperfeiçoando meus traços, até hoje. Quer dizer, é uma coisa assim, tipo, você nunca aprendeu nada. Na última Convenção, há dois anos

---

<sup>47</sup> No artigo “Uma categoria do Espírito Humano: A noção de pessoa, a noção do “eu”, escrito no final do século XIX, início do século XX, Mauss propõe que a noção que temos de “Pessoa” é uma construção social. Segundo o autor, a noção atual de Pessoa é resultado da soma de diversas noções que foram se construindo no tempo e resultaram na noção contemporânea que temos, e que está representada pela categoria do “eu”, que está diretamente relacionada à consciência, é o “ser psicológico”. Segundo Mauss, essa noção marca a “revolução das mentalidades . A partir de então, cada um de nós passa a ter o seu *eu*” (p.239).

atrás, que tive, lá em São Paulo, tinha pessoas que tinham muito menos tempo de tatuagem do que eu e têm uns trabalhos lindos, tipo Mordenti e Mário Vitor têm uns trabalhos assim de rosto, que você diz, pô bicho, é demais, é perfeito, é perfeito. Então eu fico pensando, eu nunca vou falar que eu sei alguma coisa, sempre vou falar que eu tô aprendendo alguma coisa. E todo dia é uma coisa nova, e quando eu tive lá, eu aprendi muita experiência, muita técnica, de gente que tá começando agora, e eu já tenho experiência. (Edu)

Há uma série de valores envolvidos com o trabalho do tatuador-artista, entre eles está uma categoria central para definir a tatuagem-arte, a idéia de *perfeição*. A *perfeição* marca a fronteira entre o tatuador artista e o que não é, entre a “tatuagem-arte” e a “tatuagem”. A tatuagem-arte, é uma “tatuagem-perfeita”. Certa vez conversando com Leco, ele falou em “tribal perfeito”, perguntei a ele o que significava “tribal perfeito”<sup>48</sup> e ele me disse:

Tribal perfeito são as linhas bem simétricas, não ver a máquina correndo, os traços. Isso aí é que é um trabalho perfeito. Bem preenchido de preto, tudo conta. Em convenções de tatuagem, é um encontro de tatuadores de todo o mundo, eles apresentam os trabalhos, melhor rosto, melhor preto e branco, melhor tribal, melhor costas inteira tatuada, melhor *cartoon*, que é desenho animado. Tem várias categorias. Tem os jurados, onde cada pessoa vai. Eles vão ver se ficou bem coberta a tattoo, bem preenchida. Olham bem os traços. E, é ali que eles vão pontuando o trabalho de cada um. (Leco)

Leco destaca os concursos de tatuagem feitos em uma convenção de tatuagem que acontece todos os anos em São Paulo, e que tem muito prestígio entre os tatuadores. É a “Convenção Internacional de Tatuagem no Brasil”, que vem acontecendo há vários anos em São Paulo, em 2003 aconteceu sua sétima versão. É uma grande feira onde tatuadores do Brasil e de fora do país, mostram seus trabalhos, há *stands* de venda de materiais para tatuagem e *piercing*, além do concurso de tatuagem.

Em 2003, compareceram à Convenção aproximadamente 15.000 pessoas. E essa não é a única convenção ou encontro de tatuadores que acontece no Brasil, no estado do Rio de Janeiro, em julho de 2001 aconteceu a “Tattoo Expo Rio 2001”; em Salvador, no

---

<sup>48</sup> Tribal é um estilo de imagem na tatuagem. Sobre estilos de imagens de tatuagem abordarei mais a frente.

estado da Bahia, o “I Nighth Custom Suppless Brasil” e no mesmo ano aconteceu também uma convenção nacional de tatuagem em Brasília (Tattooart, 2001, p.9). As convenções são espaços de legitimação da tatuagem-arte. No caso da convenção que Leco se referiu, a “Convenção”, como os tatuadores se referem à Convenção Internacional de Tatuagem do Brasil, os concursos são formas de premiar as melhores tatuagens, ou seja, as “tatuagens perfeitas”.

No concurso, a *perfeição* da tatuagem é o principal elemento para classificar os melhores em cada estilo. As imagens utilizadas para a tatuagem são classificadas ou classificáveis em estilos. As categorias premiadas no concurso são: melhor tatuagem tribal, melhor tatuagem realista, melhor tatuagem costas, melhor tatuagem preto e branco, melhor tatuagem colorida, melhor tatuagem *comics*, melhor tatuagem oriental, melhor coleção desenhos coloridos, melhor coleção desenhos preto e branco, melhor *portrait*, melhor categoria revelação, premiação especial, prêmio de participação<sup>49</sup>.

A classificação de uma tatuagem seja em um concurso ou dentro de um estúdio está relacionada à perfeição em cada um desses estilos. Isso é obtido, como Leco ressaltou, pelo traço, pelo preenchimento que conseguem a partir de suas habilidades técnicas e tecnológicas. Eventos como a Convenção reforçam a concepção de “tatuagem-arte” que passa por critérios convencionados. Os trabalhos premiados são uma forma de reconhecimento do artista, um meio de adquirir prestígio entre os próprios tatuadores e divulgar o trabalho. Além disso, esses eventos dão uma maior “visibilidade” à tatuagem nos centros urbanos brasileiros. Além de ser uma das formas de legitimação do profissional e do artista.

Uma noção que sempre aparece nas falas sobre a tatuagem é a de estilo, que significa o tipo de desenho feito (tema, escola, traço etc). Anjo me fez uma descrição dos estilos de tatuagem:

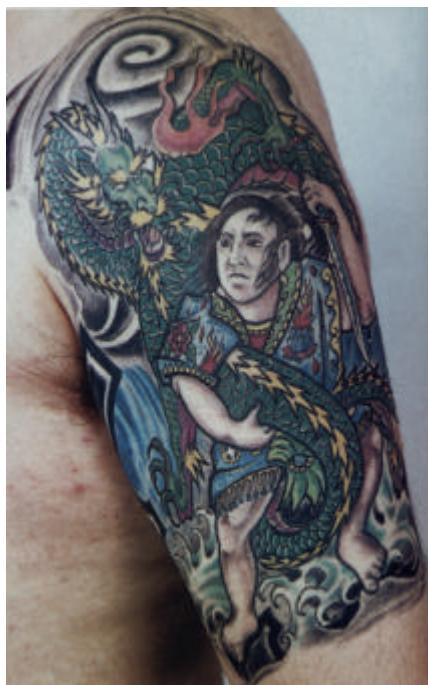
---

<sup>49</sup> Retirado do site: <http://www.tattoobrazil.com.br/release.html> em 24/08/03.

Tem o estilo “oriental”, mais antigo. Estilo “tribal”, que é mais antigo ainda, que é usado geralmente mais o preto, em contraste com o tom de pele. Tem o “realismo”, que pode ser retrato. Tem estilo que é “porta-retratos”, que aí é tudo realismo. Tem o realismo, também a parte que é retratar a natureza. Exatamente como tá numa foto. Tirada numa foto, e outras coisas.

#### E O ANIMAL?

É “realismo” também, se tirado de uma foto. Mas se tu tirar de um desenho, é estilo mais “tradicional”, de um desenho mesmo. Tem estilos mais “macabros”. O *new school* que é um dos estilos mais modernos. Que é tatuar qualquer coisa que venha na mente, desde um palito de fósforo, até uma xícara, uma torradeira. Qualquer coisa bem estilizado, bem tipo *cartoon*. Bem estilo *cartoon*, que são desenhos animados. Tem o “sombreado”, que é feito em preto e cinza e talvez um pouco de branco, usa muito para os desenhos macabros, a maioria dos desenhos macabros, usam mais sombreado. Tem “biomecânico”, “cibernético”, que é bem futurista, como se fossem assim, peças de máquinas ... Engrenagens, ou tubos, válvulas, o que seja, na pele da pessoa, como fosse uma pele rasgando, e dentro peças como de um robô. Têm muitos ... (Anjo).



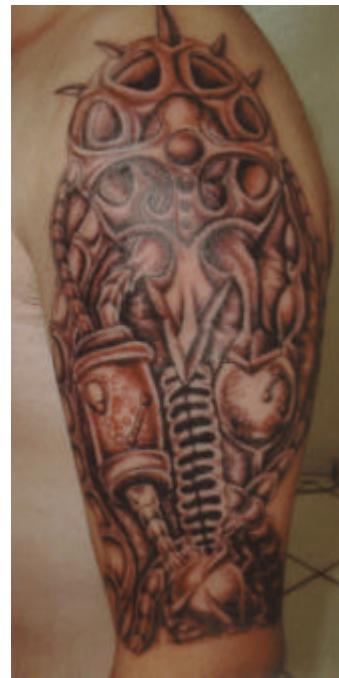
Estilo Oriental  
Fonte: *Tattooart*, nº. 4, s/d.



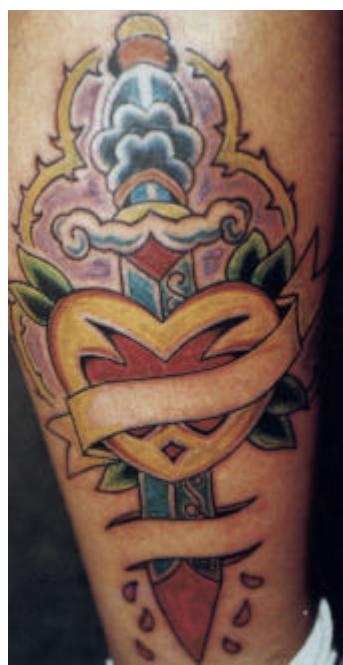
Estilo Tribal  
Fonte: *Metalhead Tattoo*, nº. 33, 2002.



Estilo Realista  
Fonte: *Metalhead Tattoo*, nº. 37, s/d.



Estilo Biomecânica  
Fonte: *Metalhead Tattoo*, nº. 37, s/d.



Estilo New School  
Fonte: *Tattooart*, nº. 4, s/d.



Estilo Cartoon  
Fonte: *Metalhead Tattoo*, nº. 37, s/d.

O estilo da tatuagem também pode ser visto como algo que singulariza o tatuador. Ainda que tatue todos os estilos, existe uma especialidade, algo que ele gosta mais de fazer. Os relatos de Leco, Stoppa e Anjo evidenciam isso:

É assim. Então é ... a arte é de repente pegar e fazer... porque, tem vários tatuadores, mas cada um tatua de uma maneira. Pra cada tatuador tem um tipo de cliente. Eu já sou mais versátil, eu já abranjo tudo. O que eu mais gosto de fazer é fsionomia. Mas ... vem dragão, vem tribal, eu faço. Mas cada um tem um gosto pela coisa. Têm uns que gostam só de tatuar dragão, têm outros que gostam só tatuar tribal, assim vai, eu faço tudo. (Leco)

Eu gosto mais do trabalho tradicional, que foi o que eu aprendi com o meu mestre o Lucky, então eu gosto muito do meu trabalho. Tradicional é mais esse trabalho assim, oriental, japonês, trabalho mais definido o desenho. Você faz um traço mais definido. Porque tem um trabalho que o pessoal usa muito pra rosto, pra fazer paisagens, umas coisas assim, que usa muita cor, e não o preto. Eu gosto mais de trabalhar no preto. Pra praia, principalmente, fica mais definido. (Stoppa)

Eu gosto bastante de “oriental”, dragões, carpas, gueixas e fênix. Qualquer coisa tipo oriental. Porque, a gente fecha um braço inteiro, meio braço, costas. Mas tem que ser feito grande. Um painel. (Anjo)

A linha imaginária que divide os tatuadores-artistas, ou seja, que cria e produz a tatuagem-arte, dos outros tatuadores remete a uma forma de distinção recorrente entre os tatuadores entrevistados e à identificação do tatuador-artista como um “bom tatuador” em oposição ao “tatuador”, como pode ser observado no relato de Anjo, ao falar sobre o processo de aprendizado:

Mas tem que começar de baixo. Senão, tu não aprende. Por isso que eu não dou valor a esses cursos, como tem curso de tatuagem em vídeo. Vai aprender alguma coisa, vai, se realmente tu não sabe nada. Pô, só que tu vai começar a fabricar um artista. E não é assim. Tu vai levar anos.

Acho principal o curso de desenho, pra mim, a diferença de um bom tatuador, pra um tatuador, geralmente o tatuador é aquele que marca a pele internamente. Um bom tatuador é aquele que é um bom desenhista, é um artista. Um tatuador é aquele que simplesmente passa por cima de um decalque, e a hora que o decalque apaga, ele se perde todo, vai tentar inventar o desenho e não consegue, daí faz aquelas coisas. Marcou a pele, é um tatuador, só que ele não tem traço na pele. Pra mim a diferença tá aonde? No desenho. Na sensibilidade, de tu interpretar um desenho. (Anjo)

E o trabalho desse “bom tatuador” tem um valor no mercado. Segundo Danusch, uma outra característica do artista moderno, o artista autônomo, é o valor de troca que tem o resultado de seu trabalho enquanto mercadoria, um valor que depende do contexto onde está inserido (1984, p.75). A valorização da tatuagem-arte é uma questão importante entre os tatuadores, está tanto relacionada ao “trabalho perfeito”, como a outras questões como o público consumidor, a classe média principalmente. Entre os tatuadores entrevistados, com exceção de dois deles, há um tipo de acordo tácito sobre a valorização das tatuagens, que são cobradas principalmente por hora de trabalho, valor que pode sofrer modificações dependendo da época do ano, durante o inverno, quando a demanda é menor, fazem descontos nos preços, o mesmo constatou Krischke Leitão na cidade de Porto Alegre (2003, p.86)<sup>50</sup>. Alexandre falando sobre o valor da tatuagem comparou-a com a pintura em tela:

#### O QUE VOCÊ ACHA DO VALOR DA TATUAGEM?

Eu acho barato se você for comparar com uma pintura de óleo sobre tela ... eu tava vendendo um desenho, vai lá no Angeloni<sup>51</sup> e olha a exposição de grafite que tá lá, olha os desenhos que tão feitos lá, fala se isso ali é quadro pra 300 reais, 400 reais, não é. Eu acho caro, mas é a opção de quem tá comprando. Eu acho caro não pelo valor da arte que tá ali, eu acho caro pela qualidade da arte, que não me agrada. Eu não pagaria jamais. Até pagaria num quadro 400 reais, mas num quadro que me agradasse. ... Não uma pintura, uma folha toda em branco, desenha aqui no meio um grafite e bota uma moldura em volta, um vidro e fala que vale 400 paus. Neguinho paga aquilo, com o maior valor e acha *pá*. Uma tattoo, que porra, não tenho margem de erro, é pra sempre, e o cara acha caro. O mesmo cavalo, daquele tamanho, se eu fosse fazer na pele do cara, eu ia cobrar 400 paus, o cara olha ali dá valor, eu vou cobrar 400 paus, acha caro. Então esse cliente não me interessa também. Me interessa cliente que vai dar valor à arte, tá procurando uma coisa ... tem cara que tatua uma arte no corpo, o outro tá procurando qualquer desenho. Qualquer tatuagem, você mostra qualquer desenho, ele fala: é esse. Que cor: a cor que você quiser. Esse cliente não me interessa, é um chorão. (Alexandre).

---

<sup>50</sup> No capítulo um, trato melhor da sazonalidade que há no universo da tatuagem de estúdio

<sup>51</sup> Alexandre se refere a uma das lojas de uma rede de supermercados da cidade, que fica na Avenida Beira-Mar Norte. Nessa loja, há um saguão de entrada onde há eventualmente apresentações artísticas: grupos musicais, grupos de dança, exposições de pintura entre outros.

Para Alexandre, a tatuagem não é um trabalho, uma arte como outra qualquer. Com a tatuagem, eles não podem ter “margem de erro”, e esse é um de seus valores. Um pintor de quadros a óleo, por exemplo, pode desistir de determinado traço e cobrir com outro, o tatuador, ou melhor, o “bom tatuador” não comete erros, os tatuadores artistas, fazem “tatuagens perfeitas”. Os erros existem mas provém de trabalhos feitos por “tatuadores” ou “tatueiros”, como disse certa vez Stoppa.

A demanda por tatuagens atualmente nos estúdios, está acompanhada de uma outra demanda, resolver problemas de “trabalhos mal feitos” ou de arrependimentos<sup>52</sup>. Durante o tempo que fiz o trabalho de campo, pude observar várias vezes pessoas procurando informações sobre como desfazer ou remediar tatuagens mal feitas. As soluções apontadas pelos tatuadores eram três: a cobertura da tatuagem, também conhecida como *cover up*; a reforma da tatuagem, ou a sua eliminação através de aplicações de raio *laser*.

Somente os dois primeiros procedimentos são efetuados pelos tatuadores. Contudo as aplicações de raio *laser* com o objetivo de retirar tatuagens indesejáveis é um assunto sempre presente nos estúdios de tatuagem, não pela sua eficácia ou eficiência, mas justamente por sua quase inexpressiva utilização, em muitos casos relacionada, pelo tatuador, ao alto custo das aplicações.

A “cobertura” e a “reforma” de tatuagens são duas técnicas que não tiram a tatuagem. Na reforma, a imagem recebe retoques, podendo inclusive receber novos elementos, compondo uma nova imagem. Já na cobertura, a que tem maior procura, como o próprio nome diz, a tatuagem antiga é coberta por uma nova e isso significa

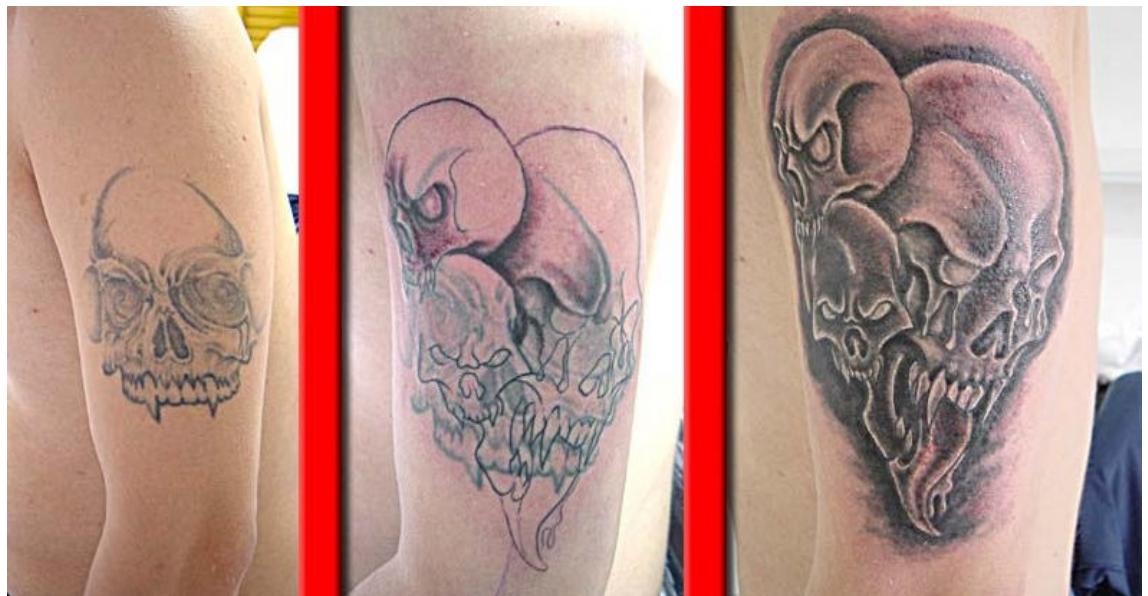
---

<sup>52</sup> Vários motivos levam as pessoas a se arrependerem de uma tatuagem, um recorrente é a retirada de nomes do/a companheiro/a, como pode ser observado no relato de Edu:

“Eu já tirei várias vezes nomes que eu mesmo coloquei. E eu falava pra pessoa: “meu, você tem certeza que quer colocar o nome da pessoa aí, nessa tatuagem? Põe, põe”. A mesma pessoa que veio comigo uma vez e eu coloquei, a mesma pessoa veio pra mim tirar. Nome de amor Paula, Joana, Ana Paula, mulheres já não colocam tanto nome de homem, o homem coloca bem mais nome de mulher. Eu só tirei uma vez uma tatuagem, tava escrito na virilha de uma menina “amor de Gil”, bem mal feita mesmo, mas aí eu joguei uma cobertura lá e aí saiu, e ela, puta, agradeceu pro resto da vida.”

ficar com uma tatuagem maior. O resultado de uma cobertura depende muito das características da tatuagem que vai ser coberta, como a quantidade e a qualidade da pigmentação. Muitas pessoas procuram cobrir tatuagens antigas, feitas com menos recursos e material não apropriado para tatuagem, já que a qualidade das tintas melhorou muito nos últimos tempos. Para Alexandre, a melhor qualidade das tintas, que por um lado dá destaque ao trabalho do tatuador, por outro lado pode vir a dificultar uma cobertura, dependendo da intensidade da cor:

Se ela é de melhor qualidade, é mais difícil de cobrir também. Fazer uma ‘cagada’ com uma tintazinha vagabundinha, que fica mais clarinho na pele, com uma tinta boa fica fácil cobrir. Mas pega uma ‘cagada’ com uma tinta boa ... (Alexandre)



Cobertura

Fonte: [http://www.tattooshimizu.com.br/fotos\\_new.htm](http://www.tattooshimizu.com.br/fotos_new.htm), capturado em 22/02/04

Tudo isso denota que um erro tem consequências grandes e, por isso, Alexandre diz que a tatuagem trabalha com “margem de erro zero”, particularmente para um tatuador que se pretende artista. Essa especificidade também torna a primeira tatuagem que fazem um ritual de passagem pelo peso e significado daquele momento. Quando perguntei a Natália se a primeira tatuagem que fez tinha sido difícil, ela respondeu: “Não, o mais difícil foi segurar a tremedeira. Nervoso ...” (Natália). O mesmo falou Alexandre.

Quando falam sobre tirar tatuagens, relacionam o fato a escolhas “erradas” feitas pelo tatuado, ou seja, não fez uma tatuagem-arte, uma tatuagem-perfeita:

Tem essa também, que as pessoas vão atrás de preço também não de qualidade. O preço mais baixo: “Vou fazer onde? Lá porque o preço é mais baixo”. Não tão vendo a qualidade do trabalho, mas sim o preço, são pessoas que não tem nenhum valor sentimental da pele. Eles podem pegar aqui atrás<sup>53</sup>, tem tatuador fazendo tatuagem no meio da rua, 10 conto. Eles vão lá e fazem porque é 10 conto. Mas o barato vai sair sempre caro.

#### SAIR CARO COMO?

A tatuagem não vai ficar perfeita, ele não vai gostar da tatuagem. Aí, ele vai procurar um outro tatuador pra ver se pode ou cobrir, ou reformar aquela tatuagem, aí vai sair caro, bem mais caro que se ele fosse fazer uma tatuagem, porque uma cobertura é bem mais caro. (Edu)

Para os tatuadores que entrevistei, a escolha “errada”, na maioria das vezes se deve a pesquisa de mercado que os tatuados fazem para escolher o tatuador. E esse é o “grande erro” dos “tatuados arrependidos”, ignoram que o mercado da tatuagem-arte tem normas próprias, não é regido por regras de custo/benefício. A tatuagem-arte tem seus próprios valores, um deles é ser uma “tatuagem-perfeita”, como já foi abordado anteriormente, um outro é a exclusividade.

Mesmo trabalhando com imagens comerciais, ou seja, folhas de desenho que compram em lojas especializadas em materiais para tatuagem, ou então números extras de revistas sobre tatuagem, que formam boa parte dos catálogos de desenhos dos estúdios que estive; os tatuadores dizem garantir exclusividade da imagem:

#### MAS QUANDO A PESSOA ESCOLHE UM DESENHO DO CATÁLOGO, NÃO HÁ A POSSIBILIDADE DE REPETIÇÃO?

Mesmo que seja o mesmo desenho, nunca vai ficar igual a de outra pessoa. A gente sempre muda um pouquinho pra não ficar igual. Vai olhar o outro, vai falar: parece com o meu. Mas não é igual. (Stoppa)

---

<sup>53</sup> Apontou em direção ao terminal de ônibus urbano, que estava na direção de suas costas.

É a habilidade do artista-tatuador que garante a exclusividade das imagens comerciais. Mas há outras formas de garantirem a exclusividade, uma delas é criando os desenhos:

A maior parte dos meus desenhos, eu faço quando a pessoa quer, depois eu rasgo e jogo fora. Porque é exclusivo. (Stoppa)

Esses são desenhos que o tatuador cria no papel e mostra antes para o cliente, para a sua apreciação. A idéia da imagem pode ser diversa, pode ser do cliente, do tatuador, mas geralmente é o resultado da interação dos dois. Certa vez no estúdio do Leco, um rapaz português, que estava em férias no Brasil, pediu que Leco fizesse o desenho da tatuagem que ele pretendia fazer, uma onda do mar com o formato de uma mão, Leco fez três desenhos para o rapaz, que depois de apreciar os três, escolheu um.

Mas o desenho não tem que ser necessariamente desenvolvido antes no papel. Pode ser feito diretamente na pele da pessoa, sem fazer risco nenhum. Esse é um dos estilos mais valorizados no universo da tatuagem-arte, o *free hand*. Uma tatuagem feita “à mão livre”, ou seja, sem modelos ou decalques. A maioria das pessoas que vão aos estúdios, levam o desenho ou procuram nos catálogos dos estúdios. Para solicitar um *free hand* é preciso confiança total no trabalho e traço do tatuador. Ter uma *free hand* de um tatuador famoso é quase como ter um troféu assinado, uma atribuição de prestígio. Krischke Leitão (2003, p.85), referindo-se ao *free hand* diz que: “Comparando a tatuagem às artes plásticas ouso dizer que o valor dado a um desenho livre de um tatuador famoso equivaleria a uma pintura de um grande artista”.

O traço é um outro valor para a tatuagem-arte. O tatuador é reconhecido, admirado e mesmo ignorado pelo seu traço, é o traço do tatuador que confere a tatuagem a qualidade de “perfeita” ou não, e maior ou menor *prestígio* ao tatuador. Anjo, referindo-se à autoria do trabalho diz que quando alguém chega no estúdio com um trabalho, já calcula mais ou menos de quem seja, por outros trabalhos que já viu e por conhecer muitos tatuadores de Florianópolis. Segundo ele, é possível perceber semelhanças no traço, nas cores, na aplicação de cores, no tipo de pigmento, se está bem vivo, se está

mais fraco: “tudo isso aí, a gente vai reconhecendo. Se é retrato, se é oriental. Fulano de tal não faz retrato, então deve ser de outro”.

A tatuagem não necessita de uma assinatura, ela é dada pelo traço. Segundo Anjo, não há necessidade de um bom artista assinar uma tatuagem, já que o próprio traço, a própria cor, o próprio estilo, já é um tipo de assinatura entre os tatuadores. Stoppa também destaca que o traço marca a autoria do tatuador:

Ah, dá pra saber. Da pra conhecer pelo traço. Pela definição do trabalho. Se você vê um trabalho com os traços bem definidos, aí você sabe que é um profissional. Porque o cara, às vezes, pega três agulhas e solda, pra fazer o trabalho de um palmo. É a mesma coisa de você fazer uma letra na parede, de um metro, com um pinzelzinho de dez milímetros. Se você fizer com um pincel de 5 centímetros, você vai ver mais de longe bem definido. E às vezes, as pessoas usam três agulhas pra fazer um trabalho grande, fica passando, repassando, passando, repassando, não fica um traço perfeito um em cima do outro. Então você tem que ter definição no trabalho. (Stoppa)

Todo processo descrito até aqui de construção do tatuador-artista está relacionado ao que chamam de “construção do nome”. A meta de todos os tatuadores é construir e manter seus nomes. Ter um nome significa que seu trabalho já está sendo reconhecido e indicado. Questão fundamental para a sobrevivência do profissional tatuador, é a construção de sua clientela. Quando perguntei a Anjo se ele havia trabalhado com Stoppa, respondeu-me que não, mas que certa vez Stoppa ofereceu seu estúdio para ele trabalhar, enquanto viajava, mas Anjo negou a oferta, apesar de “irrecusável”, segundo ele, porque estava preocupado em “fazer o seu nome”:

Eu pensei muito. Só que tinha o outro lado. Que eu tinha montado, naquela época, uma lojinha aqui no centro, no centro não, acho que até no Kobrasol. Eu pensei, puta, tá na hora de eu fazer o meu nome. Se eu trabalhar lá, vai ser sempre assim, [as pessoas vão dizer]: Vou fazer lá no Stoppa. Não interessa se sou eu que faço. Como tem o Celinho que trabalha aqui pra mim, que trabalha super bem, mas o pessoal diz: Vou fazer minha tatuagem lá no Anjo.

Vou tentar fazer o meu nome. Pra mim, eu vou crescer pra caramba trabalhando lá. Mas eu não vou tá fazendo o meu nome.

A hora que ele chegar, eu vou embora com uma mão na frente e outra atrás, não só em dinheiro. Eu vou começar do zero o meu nome. Os meus clientes que eu já tinha. Que era em outro lugar, vão procurar

naquela [loja] e eu não vou tá mais. Então, meio que eu começo do zero de novo.

Eu disse, cara, é uma ótima oportunidade, agradeci muito, mas pra mim não, nem que eu comece de baixo, aos pouquinhas, mas eu prefiro fazer o meu nome. [...]. Agradeci muito, mas a gente nunca trabalhou junto. (Anjo)

Além de construir um nome o tatuador precisa garantir esse nome, isso consegue a partir do seu trabalho. Alexandre disse que não abre espaço para outro tatuador em seu estúdio, o que é muito comum nos estúdios, porque se o trabalho do tatuador não for bom, pode comprometer o nome do estúdio. Se o tatuador fizer um trabalho ruim, a pessoa não diz que fez uma tattoo ruim com “fulano”, mas que foi feito no “Richter Tatuagem”. A mesma preocupação em proteger o nome também foi destacada por Edu, relacionando o resultado do trabalho à qualidade do material utilizado. No caso, uma tinta fluorescente que estava surgindo no mercado. Edu comenta:

Ela é fluorescente, mas esse fluorescente aí, eu não sei exatamente como é usado, como é o diluente dela, porque já deu problema em pele de pessoas, se eu começar a usar ela, e começar a dar problema, aí vão começar [a falar do] nome *Luckfel Tattoo Studio*, falar: ‘hão vai lá que a tinta do cara não é boa. (Edu)

A trajetória dos tatuadores que entrevistei mostra que a carreira do tatuador de estúdio é uma construção. O tatuador de estúdio é um profissional e um artista, noções que aparecem muitas vezes como contraditórias. O artista é descrito por eles como resultado de um processo que acontece a partir da trajetória individual e de um processo de singularização dos tatuadores. Já a construção do profissional é descrita como um processo relacional. A arte da tatuagem não pode ser totalmente atribuída a uma “inspiração”, individual, mas à transmissão de conhecimentos de um “mestre” para um “aprendiz”, como foi observado durante este capítulo. Mas ambos fazem parte de um mesmo processo, um processo de individualização e singularização, característicos da modernidade.



# Capítulo 3

---

*Tatuando:  
A tatuagem enquanto processo*

A tatuagem feita pelo “tatuador de estúdio” tem características que lhe são singulares e parece-me importante elucidar alguns desses elementos. Neste capítulo, abordarei o trabalho do tatuador a partir da descrição do espaço onde é feita a tatuagem e do “processo” que envolve a realização de uma tatuagem.

Ter feito o trabalho de campo em mais de um estúdio proporcionou-me a oportunidade de assistir diferentes tatuadores trabalhando e observar o processo da tatuagem várias vezes. A partir dessas informações, descreverei um desses processos, iniciando pelo momento compreendido desde a chegada do cliente ao estúdio até a definição de como será a tatuagem. Tatuador e cliente estabelecem uma série de trocas, onde o cliente externaliza suas expectativas, que serão concretizadas pelo artista, o tatuador. Juntos projetam o que seria a tatuagem; nesse processo estão implicadas escolhas de imagens, cores, localização no corpo, tamanho, definição do preço, de sessões necessárias para a realização, entre outras questões. O que requer, muitas vezes, vários encontros.

### 3.1. O processo da tatuagem

#### 3.1.1. O projeto da tatuagem<sup>54</sup>: a interação entre tatuador e cliente

Nas salas de espera dos estúdios de tatuagem, percebi que alguns clientes já chegam ali com a imagem que pretendem tatuar, outros estão em busca dessas imagens. Há os que chegam, sentam e começam a folhear os catálogos de desenho, outros conversam com a secretaria ou com o tatuador e começam a falar de suas preferências e o que têm pensado em fazer. Junto com o tatuador buscam encontrar e definir uma imagem. Nesse caso, acessam o acervo que os estúdios disponibilizam. E, nesse

---

<sup>54</sup> A partir desse ponto, quando utilizo o termo “tatuagem”, estou me referindo à tatuagem de estúdio, à tatuagem-arte, o mesmo com o tatuador.

momento, iniciam um processo de trocas entre cliente e tatuador, onde estão presentes elementos como idéias, estética e preço.

### 3. 1.1.a. O repertório de imagens

O acervo de imagens é constituído por várias fontes, a mais comum é o catálogo, em geral uma pasta com vários envelopes plastificados onde ficam desenhos para tatuagem. Esses desenhos são adquiridos pelos tatuadores em lojas que vendem material para tatuagem e com revendedores<sup>55</sup>. Além dos desenhos comprados, os catálogos também contêm desenhos do próprio tatuador e muitos são fruto de troca que fazem com outros tatuadores.

Outra fonte de imagens são as edições especiais de revistas especializadas em tatuagem, somente com desenhos e que são vendidas em bancas de jornal. Com relação a essas revistas (que se constituem quase que exclusivamente de fotografias das tatuagens de tatuadores de várias partes do país, mas especialmente São Paulo) só um dos tatuadores que entrevistei confirmou que as utiliza como fonte de imagens. Outras duas fontes, que estão começando a ser exploradas por alguns tatuadores, são imagens em CD Rom e sites da Internet. A imagem que serve como modelo pode tanto ser um desenho como uma fotografia.

A escolha de uma imagem em um desses meios não implica que a tatuagem será exatamente como o modelo. Há sempre a possibilidade do tatuador fazer algumas modificações para que a tatuagem seja ‘exclusiva’. Um recurso bastante utilizado é a montagem. Muitas vezes, a partir das idéias que a pessoa tem, o tatuador faz uma montagem com imagens que já possui. Ou então ele mesmo cria a imagem. A criação é muito valorizada entre os tatuadores, e mesmo entre alguns tatuados. Dentro dessa

---

<sup>55</sup> Há estúdios de tatuagem em Florianópolis que vendem material para tatuar. Contudo, quase todos os tatuadores com quem conversei compram seu material de revendedores de São Paulo, Rio de Janeiro e, atualmente, Porto Alegre. Mas a fonte pode ser diversa; quando utilizam agulhas de acupuntura por exemplo, compram em farmácias de manipulação na própria cidade. Stoppa que tem vários amigos tatuadores em outros países, consegue seu material com esses amigos.

categoria, ainda há duas possibilidades de trabalho. Uma delas é quando o tatuador cria a imagem no papel e depois leva para apreciação do cliente. Todos os tatuadores que entrevistei criam desenhos. Como Stoppa, por exemplo:

A maior parte dos meus desenhos, eu faço quando a pessoa quer, depois eu rasgo e jogo fora. Porque é exclusivo. (Stoppa)

Essas imagens às vezes passam por um processo mais longo. O cliente fala de suas expectativas e, a partir dessas informações, o tatuador concebe a tatuagem. Esse processo pode levar alguns dias, se forem necessárias modificações.

Um outro tipo de criação, ainda mais valorizado, é a técnica chamada *free-hand*, em que o tatuador cria a imagem diretamente na pele do cliente enquanto vai tatuando. Nesse caso, como eles mesmos falam, é preciso “confiar no tatuador”.

Atualmente, com máquinas, agulhas e tintas próprias para tatuagem, a possibilidade de imagens que podem ser tatuadas é quase infinita. A imaginação e a criatividade, tanto de tatuadores, quanto de tatuados é que passa a ser o limite.

### 3.1.1.b. A construção da tatuagem: a negociação entre tatuador e cliente

A relação entre o tatuador e o tatuado vai se construindo durante aquilo que chamo de ‘negociação’. A partir das idéias do cliente, o tatuador vai dando sugestões. Enquanto estão discutindo sobre a imagem, o local do corpo onde será tatuado já está sendo especulado. Durante todo o processo, o tatuador vai esclarecendo aspectos relacionados à tatuagem, onde a preocupação central é a estética, o objetivo é fazer uma “tatuagem perfeita”. Assim, o tamanho do desenho de acordo com a localização no corpo ou tipo de desenho são alguns dos fatores que podem influenciar no resultado final do trabalho, no conjunto harmonioso entre tatuagem e corpo. Certa vez, vi um rapaz falar para Leco que estava pensando em tatuar a imagem de São Jorge na parte interior do braço. Leco argumentou que essa imagem não “combinava” esteticamente

com a parte do corpo que ele tinha escolhido, pois a imagem era mais horizontal, e para essa parte do corpo eram melhores as imagens com sentido vertical, seguindo a anatomia do braço.

Para ilustrar um “projeto de tatuagem”, transcreverei uma das anotações de meu diário, quando presenciei o início de um processo de negociação entre Alexandre e um rapaz.

Enquanto estive lá, um rapaz estava procurando o desenho de um tubarão martelo pra tatuar em sua perna, no lado interno. Primeiro ficou um longo tempo, quase quatro horas, olhando fotos e desenhos de tubarão em *sites da Internet*, junto com Natália. Alexandre entrou no papo, e começaram a discutir sobre a qualidade do desenho [questões de perspectiva]; o tamanho que ficaria, local do corpo e a possibilidade de aumentar a tatuagem posteriormente. Depois de escolhido o desenho, Natália o imprimiu. Alexandre argumentava que a tatuagem naquele local do corpo não ficaria boa se fosse pequena, porque estava muito distante do olhar, e num ângulo de difícil visualização. Além disso, tinham os pêlos que cresceriam por cima. Um tamanho bom seria 15 cm, pensando em uma tatuagem pequena, argumentou Alexandre. Já o rapaz, pensando em quanto iria gastar, pegava o desenho e ficava colocando sobre sua perna, simulando posições, argumentando que posteriormente queria aumentar a tatuagem com outros elementos, e questionava sobre o preço, se ela tivesse 10cm ou 12cm. Depois de algum tempo nessa negociação, o rapaz pegou o desenho e foi para casa, disse que iria pensar e ligaria marcando uma hora para fazer a tatuagem.

(Diário de Campo, 03/04/2003 – Estúdio *Richter Tattoo*)

Quando cliente e tatuador entram num acordo, o passo seguinte é a preparação do desenho, do material que será utilizado e da sala de tatuar. Como referência farei a descrição de um processo de tatuagem que presenciei, Alexandre tatuando a imagem de uma máscara na panturrilha de um rapaz, que vou chamar de Duda.

### 3.1.2. Observando uma sessão de tatuagem

Quando cheguei ao estúdio, Alexandre estava fazendo o decalque do desenho que iria tatuar: uma máscara tirada de uma revista que Duda<sup>56</sup> levou. O desenho foi copiado em um *scanner* e, utilizando um programa de computador com recursos gráficos, Alexandre fez algumas modificações, propondo deixar as laterais do desenho da máscara simétricos. Depois decidiram trocar os olhos e a boca. Juntos foram escolhendo, entre uma série de modelos de bocas e olhos, a que mais lhes agradava. Alexandre disse que consegue esses modelos “navegando” à noite pela *Internet*<sup>57</sup>. Quando terminaram de modificar o desenho, Alexandre imprimiu uma cópia para fazer o decalque.

O decalque é um tipo de molde que os tatuadores fazem da imagem escolhida, com a ajuda de um lápis cópia ou de uma folha de estêncil. Alexandre utiliza esta última. Colocou a imagem que iria tatuar sobre a parte carbonada da folha e foi contornando a imagem com um lápis, para que o carbono passasse para os traços que fez. Ele não chegou a cobrir todos os traços, somente os principais que dão forma à imagem. Quando terminou de contornar a figura, recortou com as mãos perto de seus limites, deixando uma pequena margem ao redor. O decalque, ou molde, estava pronto para posteriormente ser transferido para a perna de Duda, e servir de guia para Alexandre tatuar. O próximo passo foi preparar as agulhas que seriam usadas e a sala de tatuar.

Um dos ambientes do estúdio é reservado para a preparação das agulhas, esterilização e depósito de material. É uma pequena sala separada da recepção por uma parede divisória de eucatex. No local tem um lavatório com torneira, uma autoclave e

---

<sup>56</sup> Duda é o nome fictício que dei ao rapaz que foi tatuado.

<sup>57</sup> Alexandre não busca os desenhos em sites de tatuagem, prefere sites de artistas plásticos.

um balcão com vários objetos em cima, foi nele que Alexandre preparou as agulhas que iria usar para tatuar Duda.

A máquina de tatuar não funciona com uma única agulha, mas com várias. Mas para fazer os traços, ou “riscar” como eles dizem, precisam de um número menor de agulhas, geralmente três. Para pintar, o número depende do tipo de trabalho que vai ser feito, do estilo do tatuador, e algumas vezes da espessura das agulhas<sup>58</sup>. Como explicou Stoppa:

QUANTAS AGULHAS VOCÊ USA PARA TATUAR?

Eu tenho três agulhas. Dependendo do traço.

Igual o dele ali [um rapaz que tinha feito um lagarto de uns 10cm na costela, todo pintado de preto], eu usei oito agulhas.

E QUANTO MAIOR O TRABALHO...

Maior o trabalho, mais agulhas. Quando eu vou colorir, eu chego a usar 15 agulhas. Soldo tudo assim [em formato de espátula], soldo oito [embaixo], e sete em cima. E, ela fica assim uma por cima da outra [mostrou como fica entrelaçando os dedos]. Assim, você faz um pincel, espalhando bem rápido. (Stoppa)

No discurso de Stoppa, é possível observar a importância que têm as agulhas de tatuar para o resultado final do trabalho. Assim, é possível também perceber o quanto o fenômeno da tatuagem vem se especializando. Novas tecnologias são permanentemente incorporadas na arte da tatuagem, feita em estúdio:

Antes a gente usava só três agulhas. Eram três agulhas pra colorir e três agulhas pra pintar. Depois é que a gente foi achando, que: pô, se a gente puser mais agulhas ... a máquina na época não tinha força, se você pusesse cinco agulhas, porque era motorzinho de toca-fitas. Então, cê punha três agulhas, tinha que colorir com três agulhas, senão ela não tinha força de infiltrar a agulha na pele. Quando, depois que eu peguei, esse meu amigo que eu te falei lá de São Paulo, o Marcos Leoni, que trouxe as máquinas, aí a gente pegou uma máquina importada, da *Micky Sharpz*<sup>59</sup>. Aí, a gente viu que era outra coisa. Cê

---

<sup>58</sup> Para se ter uma idéia, em um site de tatuagem, o <http://www.satattoo.com/index1.htm>, há uma propaganda de venda de agulhas com 0,25mm, 0,30mm e 0,35mm de espessura.

<sup>59</sup> A máquina Michy Sharpz é americana, considerada entre os tatuadores uma das melhores. Leco chegou a dizer o seguinte sobre ela:

podia por oito agulhas, dez agulhas e coloria rápido. Aí, o trabalho começou a se tornar mais rápido.

[...]

E, às vezes, as pessoas usam três agulhas pra fazer um trabalho grande, fica passando, repassando, passando, repassando, não fica um traço perfeito um em cima do outro. Então você tem que ter definição no trabalho. Você vai fazer um trabalho grande, tem que saber que vai usar tantas agulhas. Vai fazer um trabalho pequeno, menos agulhas. E aí, é que dá a definição de um trabalho bem feito ou mal feito.  
(Stoppa)

As agulhas precisam ser preparadas antes de serem utilizadas, isso significa soldá-las. Soldar as agulhas é uma etapa importante no processo da tatuagem, tão importante que faz parte do aprendizado de um tatuador. Além disso, saber soldar as agulhas faz diferença no desenvolvimento e no resultado final do trabalho. Anjo relacionou reclamações que ouve de alguns tatuadores sobre textura da pele, como uma “pele dura”, que dificultaria o trabalho, mas que, para ele, se deve a agulhas mal soldadas:

Eu aprendi que 70% dos casos são pessoas que não sabem regular a máquina. Tem dificuldade de regular, ou a máquina é muito fraca. Têm que ser uma máquina melhor.

Ou não está soldando as agulhas direito. Até a forma das agulhas é feita. As agulhas vêm separadas, tem que soldar três pra fazer o contorno, fina, ou cinco pra contorno mais grosso. Pra pintura são 7 ou 5 agulhas em formato de um pente<sup>60</sup>. Tudo isso aí, tem técnica pra soldar. Pra preparar. (Anjo)

Portanto, a técnica parece ser fundamental na arte de tatuar. E isso se expressa em todos os detalhes que darão consistência ao trabalho do tatuador, como soldar as agulhas, que consiste primeiramente em saber o número de agulhas necessário para o tipo de trabalho. Depois, é importante ainda soldá-las todas juntas, em uma haste de metal de aproximadamente 12cm, que é o meio que liga as agulhas à máquina. É sobre a haste que o martelo, acionado pelas bobinas, vai bater e empurrar as agulhas e perfurar a pele, injetando tinta na derme. E tudo isso requer habilidade técnica do tatuador.

---

Uma máquina legal custa uns 800 [reais]. É um material caro. A mais cara que tem é a *Micky Sharpz*. A *Micky Sharzp* é como a *Ralley Davidson* [uma marca de motocicleta], quem tem é igual a moto, se apaixona, é uma máquina bem boa.

<sup>60</sup> Anjo está chamando formato de pente a mesma forma que Stoppa destacou anteriormente.

Enquanto preparava as agulhas para soldar, me explicava o que estava fazendo. Depois que pegou o número que precisava de agulhas, colocou todas num molde que ele mesmo fez. Esse molde é um objeto de madeira que tem cavidades com o formato que ele espera ter com as agulhas.

Há, pelo menos, duas formas de soldar as agulhas para pintura, como descreve Natália:

Tem vários formatos de se montar uma agulha. A gente usa ... eu uso mais o tucho, são agulhas redondas, elas ficam juntinhas, redondinhas<sup>61</sup>. Tem gente que prefere fazer com shaider, que é em forma de espátula<sup>62</sup>, fica reto. Fazem shaider de uma fileira só, [ou] trançada. (Natália)

Alexandre também trabalha com o formato que Natália chamou de “tucho”, aproximando-se do formato de um pincel redondo. Depois que as agulhas estão dentro da moldeira, deu várias voltas com uma linha de costura em uma de suas extremidades para amarrá-las. A pressão colocada na amarração é importante para que as agulhas fiquem bem soldadas. Depois disso, tirou as agulhas da moldeira e começou a observar se todas estavam na mesma altura, disse-me que essa parte é uma das principais, as agulhas têm que estar todas no mesmo nível para que o traço fique homogêneo. As agulhas juntas têm que funcionar como se fossem uma só. É importante salientar que essa precisão também qualifica o trabalho do tatuador.

Depois que as agulhas estavam na posição desejada, Alexandre pingou uma gota de ácido na parte de trás das agulhas, o ácido é necessário para a solda pegar, encostou na parte inferior da haste e com a ajuda de um aparelho e um fio de solda, soldou as agulhas na haste. O próximo passo foi limpar as agulhas e a haste com iodo e álcool 70º (hospitalar, como disse).

---

<sup>61</sup> No formato de um pincel redondo.

<sup>62</sup> O formato que Anjo e Stoppa usam, assim como outros tatuadores. Segundo Leco, esse é o formato mais utilizado pelos tatuadores que ele conhece. Alexandre utiliza o formato em tucho como Natália.

Quando terminou de soldar as agulhas, Alexandre foi para a sala de tatuar, que já estava preparada. Isso significa que o ambiente já havia sido higienizado e a mesa de apoio para tatuar montada. Freqüentemente, quem prepara tudo é a secretária do estúdio, Patu.

Ao entrar na sala de tatuar (o estúdio tem duas delas) é possível observar uma grande mudança na decoração do ambiente. É uma sala pequena, com aproximadamente 3X4 metros. As paredes são todas brancas, sem nenhum tipo de decoração, o piso é recoberto por uma forração emborrachada branca, quadriculada com linhas pretas. Há uma janela de vidro, de onde se pode ver a rua que fica em frente ao estúdio, na janela há uma cortina persiana vertical branca. Quanto ao mobiliário do local, há um lavatório com torneira, com gabinete branco, sobre o lavatório ficam alguns materiais utilizados durante as tatuagens, como papel toalha, tubos de tinta e pote de vaselina sólida. Além do lavatório, há uma mesa de apoio pequena, com área aproximada de 60 por 40 cm, com tampo de material tipo fórmica, na cor branca e pés com rodinhas.

Certa vez, Stoppa falando sobre a sala de tatuar disse-me:

[...] não pode subir mais do que um pra tatuar. Tem que ser como uma sala de cirurgia. É porque sobe outra pessoa, fica botando a mão aqui ali, pode se contaminar ou contaminar alguém, por que tá com a mão suja. (Stoppa)



O lavatório  
Foto: Zeila Costa

O primeiro procedimento, de Patu, para preparar a mesa de apoio foi jogar álcool sobre a mesma e passar um papel toalha. Não há no ambiente nenhuma toalha de tecido ou algo parecido, tudo é feito com papel toalha descartável. Depois de passar o álcool, cobriu o tampo com filme PVC<sup>63</sup>. Colocou sobre a mesa o material que Alexandre iria utilizar para fazer a tatuagem, um recipiente de plástico com muitas toalhas de papel descartadas; um borrifador com álcool 70º e um outro com uma mistura de água mineral e sabonete neutro (usado para limpar a tinta excedente e o sangue que sempre aparece), os dois recipientes são envolvidos com filme PVC; colocou também um copo de água mineral, descartável, usado para limpar as agulhas, na troca de cores; os tubos das tintas que seriam utilizadas, também são envolvidos com filme PVC (praticamente, tudo que é tocado por Alexandre é envolvido com filme PVC, além dos tubos de tintas e os borrifadores, o *clip cord*, fio que liga a máquina à fonte de energia, e o botão da fonte de energia). Ainda, colocou alguns batoques<sup>64</sup>; dois abaixadores de língua<sup>65</sup>; um barbeador descartável<sup>66</sup>; luvas descartáveis e uma máscara cirúrgica; a máquina de tatuar e a biqueira<sup>67</sup>. A mesa estava “montada”. O próximo passo era preparar a cadeira onde Duda iria sentar.

---

<sup>63</sup> O mesmo material utilizado para acondicionar alimentos na geladeira.

<sup>64</sup> Os batoques são pequenos recipientes de tinta arredondados de plástico, com aproximadamente um centímetro de diâmetro, utilizados durante a sessão de tatuagem (foto anexo 2)

<sup>65</sup> Objeto usado por médicos para observar as amígdalas, que auxilia abaixando a língua do paciente. No caso dos tatuadores, são usados para manusear a vaselina sólida que utilizam durante a tatuagem.

<sup>66</sup> O barbeador é utilizado para retirar os pelos da parte do corpo a ser tatuada.

<sup>67</sup> A biqueira da máquina de tatuar é o meio que liga as agulhas à máquina, funciona como um invólucro de uma caneta (foto anexo 2)



Mesa de apoio  
Foto: Zeila Costa

A cadeira onde o cliente senta é uma cadeira reclinável tipo de dentista. Sobre ela, Patu colocou um forro descartável que, segundo Alexandre, muitos dentistas não utilizam<sup>68</sup>. Os braços da cadeira são envolvidos com filme PVC.



A cadeira  
Foto: Zeila Costa

---

<sup>68</sup> Stoppa, por exemplo, não usa o forro de cadeira, mas envolve toda a cadeira, que também é como uma de dentista, com filme PVC.

Agora, a sala está pronta para ser usada. Alexandre entrou, colocou um CD de reggae em um pequeno aparelho de som que estava no chão perto de sua cadeira, estilo escritório com rodas, e começou a preparar a tatuagem.

A tatuagem seria feita na panturrilha de Duda. Antes de passar o decalque para a perna, Alexandre borrifou álcool na pele e limpou com um pedaço de papel toalha, depois tirou os pêlos, somente da parte que seria tatuada, com o auxílio de um aparelho de barbear descartável (utilizado uma única vez) e limpou novamente com álcool. A pele estava preparada para receber o decalque. O decalque passa para a pele com o auxílio de um desodorante em bastão. Alexandre passou um papel toalha no desodorante antes de passar na perna de Duda. Depois, passou o desodorante no local onde tinha retirado os pêlos, pegou o decalque com o desenho, colocou exatamente no local onde seria tatuado e pressionou bastante sobre todos os lados, para que o desenho passasse todo para a perna. Tirou o decalque e as linhas do desenho, que estavam carbonadas, foram transferidas para a perna de Duda. Alexandre falou para Duda olhar no espelho o decalque, para ter uma idéia de como ficaria a tatuagem, e se era aquilo mesmo o que ele queria. Nesse momento, as pessoas observam principalmente o tamanho do desenho e a sua localização. Duda olhou e aprovou, agora era fazer a tatuagem.

Duda deitou sobre a cadeira, que estava o máximo que podia inclinada para trás. Alexandre pegou uma porção de vaselina sólida com um abaixador de língua e esticou uma parte dessa vaselina, uma camada de uns 15 cm de comprimento, sobre a mesa de apoio, deixando o que restou no final. A vaselina seria usada durante a tatuagem, passando sobre o trabalho de tempos em tempos para que as luvas cirúrgicas que utilizam não machuquem a pele do cliente com o atrito. Fixou três batoques na vaselina que estava sobre a mesa e colocou um pouco de tinta preta em um deles.

Antes de começar a tatuar, colocou as agulhas na máquina e a regulou, observando a freqüência das batidas das agulhas. Faz isso com “o ouvido”, é pelo som que sabe se a máquina está bem regulada ou não. Depois, pegou um saco plástico, fez um furo em uma das pontas do fundo, colocou a máquina dentro e passou a biqueira pelo furo. Disse-me que todo o material com o qual tem contato é envolvido com plástico ou com filme PVC (borrifador de álcool e água, tubos de tinta, máquina de tatuar, botão da fonte de energia etc.), menos o que é esterilizado.

Para começar a tatuar, borrifou água com sabão neutro<sup>69</sup> sobre o local que iria ser tatuado e passou um papel toalha. Depois passou uma fina camada de vaselina, com o auxílio de um abaixador de língua e começou a fazer o contorno da imagem, ou como eles dizem, começou a “riscar”. Colocou o original da imagem na sua frente, em cima da tampa do lixeiro, durante toda a tatuagem, ele tinha o original como um guia, mas não faz simplesmente uma cópia.

Ele começa a contornando a imagem de baixo para cima para não apagar o decalque. Vai aos poucos, num traçado lento e preciso. A mão esquerda dá uma leve esticada na pele e segura um pedaço de papel toalha, que vai usando para controlar o excesso de tinta e um possível sangramento, que durante a tatuagem é muito comum. Nas tatuagens que vi Alexandre fazendo, o sangramento era quase inexistente. Um dos motivos que faz uma tatuagem sangrar, segundo ele, é a “mão” do tatuador; disse-me que suas tatuagens quase não sangram porque sua mão é “leve”. Durante a tatuagem, falou pouco, o som da máquina e a *reggae* predominavam. Umas duas vezes, perguntou a Duda se estava sentindo dor. Durante a sessão Duda reclamou duas vezes, disse que sua perna estava ardendo.

---

<sup>69</sup> A água é mineral.

Depois de riscar uma parte da tatuagem, trocou as agulhas, colocando as próprias para pintura<sup>70</sup>. E começou a preencher o desenho com diferentes tonalidades de preto, que fez a partir da técnica do sombreado. As tonalidades de preto, são obtidos ou com a pressão da mão, ou então misturando um pouco de água destilada à tinta. De tempos em tempos, limpava a pele com a água e o sabão neutro e papel toalha, depois passava nova camada de vaselina<sup>71</sup>. Repetiu todo o procedimento até chegar ao final. Para uma “leiga” como eu, a tatuagem já estava pronta, mas ainda faltava uma outra sessão, onde Alexandre iria colocar outra cor e fazer o sombreado.

Terminada a sessão, Alexandre deu uma última limpada em toda a tatuagem e falou para Duda olhar no espelho. Duda ficou olhando a tatuagem por algum tempo, andando para frente e para trás, depois sorriu e fez vários elogios. O “momento do espelho” é o de reconhecimento do trabalho do tatuador; certa vez Leco disse-me que, quando o cliente olha no espelho, ele sabe se o seu trabalho agradou. Há a possibilidade do cliente, agora tatuado, fazer algumas sugestões antes que a sessão termine, nas que assisti não cheguei a presenciar tal momento.

O próximo passo era o “curativo”. Antes, chamou Natália para dar uma olhada<sup>72</sup>. Para o curativo, usa uma pomada cicatrizante. Com o auxílio de um afastador de língua passou uma camada da pomada sobre a tatuagem, que a cobriu. Em seguida, envolveu a perna duas vezes, na altura da tatuagem, com filme PVC e fixou os extremos com um

---

<sup>70</sup> Nessa tatuagem, Alexandre usou somente uma cor, o preto. Mas quando utiliza outras cores, precisa limpar as agulhas antes da troca. Faz isso, ligando a máquina com as agulhas dentro de um copo de água mineral, depois coloca as agulhas bem próximas a um papel toalha e liga novamente a máquina, fica virando a máquina de um lado para outro, para que a tinta que está agora misturada com água espirre das agulhas. Repete esse procedimento algumas vezes, até que não saia mais tinta. As cores azul escuro e vermelho são as mais difíceis de limpar. Patu (a secretária) disse-me que Alexandre algumas vezes, quando está utilizando tintas muito escuras (como o azul escuro e o vermelho) utiliza uma máquina somente para a tinta branca, para não haver mistura.

<sup>71</sup> Em tatuagens que duram muito tempo, o momento que o tatuador limpa a pele é, para a pessoa que está sendo tatuada, um grande alívio da dor que está sentindo. Entre as tatuagens que vi alguns dos tatuadores fazendo, presenciei algumas vezes a pessoa que está sendo tatuada, pedir para jogar água sobre a pele para aliviar a dor.

<sup>72</sup> Esse é um procedimento que presenciei em todas as sessões que assisti. Todos os tatuadores que vi trabalhando depois que terminam, chamam principalmente as esposas para olharem a tatuagem terminada.

esparadrapo. Enquanto fazia o curativo, já começou a fazer prescrições, como tirar o curativo somente no dia seguinte, pela manhã (era 18:30h quando ele terminou de tatuuar), depois lavar com água corrente e sabonete neutro e fazer outro curativo igual àquele e deixar até a noite. Nos próximos sete dias, deveria continuar a usar a pomada, mas não precisava mais envolver com o filme PVC<sup>73</sup>.

Depois de terminar a sessão, Alexandre começou a descartar o material. Retirou da haste as agulhas com o auxílio de um alicate e descartou em um recipiente próprio fornecido pela Vigilância Sanitária, o *descarpack*<sup>74</sup>. Retirou os filmes PVCs dos borrifadores, do botão de energia, do *clip-cord*, o saco plástico da máquina, colocou tudo sobre a mesa, junto com os batoques e restos de tinta, a vaselina não usada, o aparelho de barbear, os abaixadores de língua; retirou o material não descartável do local, tirou as luvas e juntou ao material que seria descartado, envolveu tudo com o filme que estava sobre a mesa e jogou na lixeira.

Enquanto descartava o material, Alexandre continuava a fazer recomendações a Duda. O resultado “futuro” do trabalho do tatuador depende grande parte dos cuidados que o tatuado vai ter com a tatuagem nos quinze dias seguintes. As perfurações feitas pelas agulhas devem ter a melhor cicatrização possível, pois influenciam vários ‘elementos’ da tatuagem como tonalidade e definição da imagem. Por esse motivo, sempre fazem as mesmas prescrições: não arrancar as cascas que criam por cima das escoriações; não molhar nem com água de praia, nem com água de piscina, assim como não pegar sol durante sete dias; sempre passar protetor solar sobre a tatuagem para não perder a cor<sup>75</sup>.

---

<sup>73</sup> Alexandre falou-me certa vez que atualmente já existe uma “pele artificial” que é utilizada como um curativo. O site <http://www.satattoo.com/index1.htm>, traz informações detalhadas sobre preço, como aplicar e indicações de uso dessa “pele artificial”.

<sup>74</sup> O *descarpack*, um recipiente também utilizado em hospitais, é uma caixa de papelão amarela, com um pequeno orifício na parte superior por onde colocam as agulhas. Quando está cheia, entregam a caixa na Vigilância Sanitária para que as agulhas sejam incineradas.

<sup>75</sup> O protetor solar, segundo os tatuadores, deve ser colocado sempre, por que o efeito que o sol causa sobre a pele sempre influenciará na tonalidade da tatuagem.

O final de todo o processo acontece na sala de espera, Duda assinou um termo de compromisso<sup>76</sup>, pagou a tatuagem e foi embora.



Parte de um processo de tatuagem, tatuador Alexandre.

Foto: Zeila Costa

### 3.2. A técnica na tatuagem

Dentre as categorias êmicas mais recorrentes estava a “técnica”. O domínio de determinadas técnicas é um dos elementos que qualifica os tatuadores<sup>77</sup>. Aprender essas técnicas, pode colocá-los no grupo dos “bons tatuadores”. Na descrição da tatuagem de Duda, é possível perceber as várias técnicas envolvidas em uma tatuagem, como a regulagem da máquina, a preparação das agulhas, o modo de fazer o decalque, a maneira de segurar a máquina, entre tantas outras. O relato de Anjo também destaca a importância da “técnica”:

<sup>76</sup> Em todos os estúdios, os tatuadores pedem para que os clientes assinem um termo de compromisso depois de feita a tatuagem. No termo de compromisso do *Studio Pirata*, há uma ficha cadastral, um questionário sobre condições físicas, e um termo no qual a pessoa declara estar ciente dos procedimentos higiênicos e de descarte, assim como o compromisso de seguir as prescrições do tatuador com relação ao período de cicatrização da pele, ao final assina o cliente ou responsável no caso da tatuagem ser feita em pessoa que tenha menos de 18 anos de idade (anexo 3).

<sup>77</sup> Como já visto no capítulo 2, há entre os tatuadores uma classificação, os “bons tatuadores” (os tatuadores-artistas) e os “tatuadores”, que só “marcam a pele” segundo Anjo .

É um círculo bem fechado da tatuagem. Por mais que agora tá abrindo um pouco. Mas é assim, até por tradição, muito fechado. Não são todos os que passam segredos pro outro. Tem muito segredo, muita técnica.

Mas as técnicas envolvidas na tatuagem vão além das descritas até aqui. O “meio” onde a tatuagem se realiza, o corpo, também demanda uma série de técnicas e saberes específicos, entre eles conhecer a diferença que existe entre as regiões do corpo. Diferença que pode estar na densidade ou na elasticidade da pele, assim como na própria localização no corpo. Anjo fala sobre isso:

**ENTÃO HÁ DIFERENÇAS ENTRE AS PARTES DO CORPO, UNS LUGARES SÃO MAIS FÁCEIS E OUTROS MENOS?**

Tem. Tem lugares que a costela, não a costela, a lateral, que a gente chama<sup>78</sup>. Mas é mais difícil porque é uma parte que pega próximo dos ossos mesmo. E, é muito elástica, então a gente põe o desenho assim, com a pessoa relaxada, pra fazer, ela tem que esticar [esticar o braço para trás, para o tatuador ter espaço para tatuar], sempre a pele tem que estar esticada, e o único jeito da pele esticar aqui [na costela] é assim [colocando o braço para cima], o que acontece é que o desenho fica bem maior, quando a pessoa estica. Então, na hora de fazer, ela vai ficar bem maior do que tava no papel, e quando ela [a pessoa] vai baixar [o braço], vai ficar do tamanho certo. Então, dá bem mais trabalho na hora de fazer, tem que fazer bem maior, pra quando ela baixar ficar do tamanho certo. Porque, eu esticar e botar o desenho, a hora que baixar, o desenho vai ficar bem menor. (Anjo)

Para Stoppa, a “costela” também está entre os locais mais difíceis de tatuar:

O lugar mais ruim de tatuar é aquela parte que você viu aqui no cara [a costela]<sup>79</sup>. Porque o cara mexe muito, ele contrai não tem como segurar. O peito do homem é muito dolorido, o cara movimenta muito. Você tem que ter muita concentração. A parte mais chata de tatuar é o peito, a costela e a barriga, essa parte aqui toda [mostrou no próprio corpo]. O resto tudo é bom. (Stoppa)

---

<sup>78</sup> O que Anjo quer dizer é que não é exatamente onde é denominado costela, mas a lateral do abdômen, logo abaixo do braço.

<sup>79</sup> Antes da entrevista que fiz com Stoppa, observei ele fazendo duas tatuagens, em dois rapazes. Um dos rapazes fez o brasão de um time de futebol argentino no braço, lado externo, e o outro fez um lagarto estilo tribal na costela.

A diferença que existe entre as partes do corpo, determinam diferentes pressões que o tatuador tem que fazer com a máquina quando está tatuado.

Não adianta o cara tatuar e não conhecer a ferramenta, ensino ele a montar a máquina, desmontar a máquina, ensino a profundidade da agulha na pele<sup>80</sup>, o lugar, cada lugar tem uma profundidade. Eu explico tudo isso pro cara. Como soldar agulha, o lugar que pode ser perigoso o cara tatuar.

**QUE LUGAR É PERIGOSO?**

Vários lugares são perigosos. Tem que saber não afundar a agulha, só encostar a pontinha da agulha, pra não pegar veia.

**E QUANTO ENTRA UMA AGULHA NA PELE?**

Depende do local da pele. Tem local que não chega a dois décimos, tem local que chega a um milímetro. (Stoppa)

Mas, assim como existem lugares que não são bons para tatuar, há também aqueles que os tatuadores preferem, geralmente lugares com pouca gordura, que tenha a pele mais esticada, um formato menos “acidentado”, e se possível um local em que o cliente sinta menos dor, pois a dor faz com que a pessoa contraia o corpo, dificultando o tatuar. Natália considera a panturrilha um lugar bom para tatuar:

Panturrilha é boa de tatuar, pelezinha bem esticadinho. Encaixa a mão direitinho embaixo da panturrilha [fez o gesto como se tivesse segurando uma panturrilha e tatuando]. (Natália)

Já Anjo prefere o tornozelo, mas o motivo parece ser o mesmo, a elasticidade da pele:

Tornozelo eu gosto bastante, porque é uma pele esticadinho, facilita bastante o trabalho. O trabalho é bem mais superficial, bem mais sossegado. (Anjo)

---

<sup>80</sup> Um site de tatuagem que oferecia agulhas para vender tinha a seguinte informação: “A Literatura médica afirma que o tinta da tatuagem fica aproximadamente 1,5mm abaixo da superfície da pele para melhores efeitos. A precisão da agulha usada é muito importante para que você atinja a camada exata de pele com o melhor diâmetro da agulha”. Retirado do site <http://www.satattoo.com/index1.htm> em 25 de maio de 2003.

O resultado final do trabalho do tatuador, como visto no capítulo anterior, é uma “tatuagem perfeita”, as técnicas são vistas como facilitadoras e essenciais para a realização do trabalho perfeito.

### 3.3. O tempo da sessão

O tempo de uma sessão de tatuagem depende de vários elementos, entre eles o tamanho. Tatuagens grandes como a de Duda exigem mais de uma sessão para se terminar. Além do tamanho, também influenciam no tempo da sessão, o número de cores, as dificuldades dos traços, que estão relacionadas ao estilo do desenho. O estilo *cartoon* por exemplo demora menos tempo para ser feito que o estilo *macabro*, devido à menor complexidade da imagem. A habilidade do tatuador e a qualidade do material que utiliza também têm grande influência.

Um outro elemento que também pode interferir na duração de uma sessão é a dor, ou melhor, o tempo que uma pessoa agüenta a dor causada pelas perfurações das agulhas. Como já referi anteriormente, a tatuagem é resultado de muitas perfurações na pele feitas com agulhas e tradicionalmente sem nenhum tipo de anestesia. Nos trabalhos que tratam de tatuagem no ocidente, a temática dor sempre acaba surgindo. Fonseca (2003) relaciona a dor a desafios pessoais e a momentos que devem ser superados, e quando superados produzem prazer e satisfação. Já Krischke Leitão (2003) ressalta a relação entre dor e representações de masculino e feminino, suportar a dor estaria ligado à virilidade. Da mesma forma, pude observar a centralidade que a temática da dor tem nos estúdios. Mas particularmente quanto à relação entre dor e representações de gênero, no caso dos estúdios onde estive, a maior resistência à dor era relacionada à mulher, cujo corpo é visto pelos tatuadores como mais “preparado” para a dor.

Na maioria dos discursos de tatuados e tatuadores que ouvi, a dor é vista como fazendo parte desse processo, algo inevitável mas suportável. Assim como no universo cultural das “terapias alternativas”, pesquisado por Maluf (2003), onde noções como crise e sofrimento são valores que motivam mudanças, a dor também se mostra como

um valor para o “universo cultural” da tatuagem de estúdio, é parte constitutiva da tatuagem. Uma declaração do cantor Edson Cordeiro num programa de televisão<sup>81</sup> me pareceu paradigmática sobre o assunto: “Se não doer, qualquer idiota faz. Você tem que pagar esse preço”. É quase possível antever a dor como fazendo parte desse “rito de passagem” que é fazer uma tatuagem, uma forma de marcar um momento. Há uma certa sugestão dos tatuadores de que as pessoas, no geral, agüentam aproximadamente uma sessão de três horas. Depois disso, podem começar a se mexer e a inviabilizar o trabalho. É claro que essa duração varia de pessoa para outra.

Contudo, o que me pareceu interessante com relação a essa temática é um novo elemento que começa a surgir nos discursos dos tatuadores, a contestação da relação dor/tatuagem, sugerindo ou pelo menos vislumbrando a possibilidade de uma tatuagem sem dor. Para Alexandre, diminuir ou acabar com a dor seria mais uma “evolução” da tatuagem:

Mas é tudo questão de evolução. A medicina quando começou não era assim, fazia sangria, hoje já com a evolução tem UTI [...]. Então, a tatuagem, acho que também tá em fase de evolução, ainda tá em fase de evolução, ainda não chegou em 50% do que é pra evoluir, em termos de dor, de cicatrização. (Alexandre)

Já é possível também encontrar em *sites* e revistas de tatuagem divulgações de tatuadores que estão utilizando anestesia:

Você quer a sua tattoo ou o seu *piercing* sem dor alguma? Então venha para o Jean Paul Zilli Tattoo, o primeiro e único a usar anestesia intradérmica, para o seu maior conforto – desde 1994, mais de 2000 cirurgias realizadas com anestesia<sup>82</sup>

Assim já começam a aparecer sites que estão incluindo, no material de tatuagem, pomadas anestésicas. Entre os tatuadores que entrevistei, um já está usando anestesia em forma de pomada, que é feita em uma farmácia de manipulação.

---

<sup>81</sup> Programa *Sem Censura*, na TV Cultura no dia 13 de junho de 2003.

<sup>82</sup> Propaganda de um estúdio de tatuagem, que está na contra capa da revista *Tattooart*, n.4, ano 2, editora Price, s/d.

### 3.4. Tempos modernos: a higienização na tatuagem

A década de 90 marca a incorporação de novos elementos na tatuagem feita em estúdio. Elementos que fazem parte de outro universo simbólico, a biomedicina<sup>83</sup>. Começam a aparecer nos estúdios de tatuagem: luvas descartáveis de uso único, máscaras cirúrgicas, procedimentos baseados em princípios da biossegurança e utilização de alguns medicamentos como cicatrizante após o término da tatuagem, ou mesmo as pomadas anestésicas.

A higiene dos estúdios e do processo da tatuagem também passa a ter um espaço central nos discursos dos tatuadores, como é possível observar nos seguintes relatos:

É muito importante pra gente também que a pessoa tenha uma definição, que a pessoa tenha uma certa educação, uma certa cultura, pra que ele venha pra um estúdio de tatuagem e tá sabendo aonde ele tá entrando, de que maneira o tatuador trabalha, de que maneira o tatuador tem higiene, e é tudo isso, e eu acho muito bom isso, a educação das pessoas. As pessoas estão dizendo o que é, não é qualquer lugar, porque antes era qualquer lugar. Lá em São Paulo tinha um cara, ele tatuava em cima de um bar, bem no banheiro [perto], no corredor onde tinha o banheiro, a pessoa entrava, aquele cheiro horrível de banheiro de bar, sabe? Lá em São Paulo isso, pô bicho, era fogo. (Edu)

Leco relacionou a higiene ao preconceito que há com relação à tatuagem:

O preconceito saiu por aí também. Vai fazer uma tatuagem, mas eu quero lá ver, como é que é. Ele chega e vê como é o negócio, já muda completamente. Vê que é uma coisa séria. Não uma coisa feita na rua. Uma coisa sem higiene, sem nada. (Leco)

A preocupação que os tatuadores demonstram com a tatuagem, está também relacionada à idéia de um trabalho seguro (ou seja, livre da possibilidade de contaminação). Como é possível observar na resposta de Alexandre quando o indaguei sobre os materiais descartáveis:

---

<sup>83</sup> Estou entendendo “biomedicina” como Azize (2002): “um conjunto de saberes, práticas e técnicas sobre doença/saúde, hegemonicamente dentro da cultura ocidental contemporânea [...]” (p.10)

PERCEBI QUE HÁ MUITA PREOCUPAÇÃO COM MATERIAIS DESCARTÁVEIS  
Tem que ter, quanto maior for a tua higiene, melhor vai ser a segurança. (Alexandre)

A centralidade da higiene no processo da tatuagem também aparece em propagandas dos estúdios, inclusive como forma de divulgação, como nesse caso:

Trabalhamos dentro dos padrões de assepsia hospitalar internacional.  
Esterilização feita em ultra-som digital com autoclave (sistema obrigatório nos EUA e Europa). Aceitamos cartão de crédito.  
[Propaganda do estúdio *Ivan Tattoo Studio*, retirado da revista *Tattooart*, ed. Price, n.4, ano2, s/d]

Contudo, a tatuagem não está isolada nesse processo. Como a bibliografia vem salientando, a higienização que envolve a tatuagem feita em estúdio, marca a sociedade moderna.

Sennet (2001), referindo-se à constituição das cidades modernas, nos faz retornar ao período da Revolução Francesa, onde o autor salienta que o processo de higienização esteve ligado ao de uma maior circulação de pessoas. Na Inglaterra, as ruas começaram a ser pavimentadas, as carroças começaram a circular e, ao mesmo tempo, os porcos foram afastados do convívio familiar. A concepção de saúde relacionada aos poucos banhos (um pouco de esterco misturado com lama na pele era considerado benéfico à saúde) muda para a liberdade de respiração do corpo.

A palavra ‘limpo’ passa a ter conotações morais, um povo limpo é um povo ordeiro e disciplinado. Rodrigues (1999) diz que a Europa passou, a partir do século XVIII, por um processo de higienização e desodorização. O objetivo era encontrar um lugar para cada coisa e acabar com os amontoados (p.111).

No Brasil, um processo semelhante ocorre no final do século XIX e início do XX, início da República. A cidade do Rio de Janeiro, na época capital do Brasil, sofreu um grande aumento de imigrantes, causando um caos habitacional, de saneamento e de higiene. Nessa época, houve o maior surto de epidemias da história da cidade. O médico

e pesquisador Oswaldo Cruz foi nomeado, pelo então presidente Rodrigues Alves, para uma das funções que passou a ter o maior destaque no governo dessa época, diretor do Serviço de Saúde Pública. O projeto de Oswaldo Cruz, para o Rio de Janeiro era o de higienização da cidade e das pessoas. Casas e ruas deveriam ser desinfetadas, e mendigos deveriam ser retirados das ruas da cidade. (Carvalho, 1987). Também a cidade de São Paulo dos anos 20 passou por esse processo. O projeto era acabar com os cortiços que representavam locais perigosos, sujos e de fácil contágio, e criar vilas operárias, “lugar da ordem, da civilização e da higiene (...)” (Marques, 1994, p.26).

Essa concepção de higiene que determinou os comportamentos das pessoas e cidades foi utilizada também nas conhecidas teorias raciais, podendo até ser considerada como um processo de ‘higienização’ étnica. No início do século XX, médicos eugenistas, dentro das discussões sobre a construção de uma identidade brasileira, propunham soluções eugenistas para o que consideravam um problema para o Brasil, a miscigenação. A proposta era a criação de leis para garantir uma seleção conjugal, sendo o médico o especialista competente para analisar se os cônjuges correspondiam aos requisitos do matrimônio, a procriação de filhos saudáveis. O controle sexual passou a ser central nas “políticas de controle das raças”, como ressalta Ramos Flores (1999).

Izilda Matos (2003), analisou as representações do corpo feminino em São Paulo, entre 1890 e 1930. Segundo a autora, esse foi um momento de forte urbanização e higienização da cidade. A mulher foi concebida nesse processo como o grande “agente familiar da higiene social”: educando os filhos, limpando a casa, higienizando o lar (p.110). O cientificismo que imperava na época, procurava normatizar procedimentos e corpos.

Observando a descrição da tatuagem que Alexandre fez em Dida, assim como o ambiente onde foi feita, parece-me que a importância recente dada à higiene na

tatuagem feita em estúdio marca um novo momento desta, que sai da marginalidade e ingressa no projeto da modernidade.

O que fica mais evidente, quando comparado a processos que não tem a higiene como um aspecto a ser observado, como é o caso das primeiras tatuagens feitas em Anjo:

**QUAL FOI A SUA PRIMEIRA TATUAGEM?**

Essa aqui em 1989. Foi o Borracha. Hoje ele nem tatua mais. Ele é daqui, ele é de Palhoça. Ele toca na banda “Homem Tribal”. Ele nem é mais tatuador. O cara desenhava muito, pintava, fazia grafite, tatuava pra caramba. Aí, quanto eu tive oportunidade, eu disse: eu vou fazer com esse cara aí. Foi no porão da casa do meu amigo. Na época, era um lance bem *underground*. (Anjo)

Ou então, quando começou a procurar tatuadores para aprender a tatuar:

[...] Vê que, pra mim aprender, eu cheguei a trabalhar com um cara que trabalhava no meio da Praça XV. Era uma coisa totalmente anti-higiênica ali. Mas era o jeito ... eu nem tinha começado a tatuar ainda. Mas eu queria aprender, eu gostava. Eu falei pra ele: Pô, eu queria aprender a tatuar, cara. Pode me dar uns toques? Porque a gente não tinha noção de autoclave, de estufa ...

[...]

**QUE ANO FOI ISSO?**

Já era 1990, acho que ... 90 ou 91, por aí.

Os caras ... no meio da figueira, embaixo da figueira, eu tenho uma tatuagem que foi feita embaixo da figueira. Hoje em dia eu já cobri com outra. [Mostrou a tatuagem] Eu tenho um restinho dela aqui embaixo ainda. Isso aqui [apontando para o “restinho” da tatuagem que tinha feito na figueira], era eu sentado num caixote de madeira, ele numa cadeirinha dobrável, pequeninha, embaixo mesmo da figueira, pra mais de 50 pessoas em volta, ele com um tubo de nanquim, de papelaria, porque [em determinado momento falou]: Pô, acabou a minha tinta, vou na papelaria, ali comprar. Comprou “Faber Castel” ainda. E a maquininha, improvisada ali [...]. (Anjo)

Se compararmos as experiências de Anjo com suas primeiras tatuagens e a descrição do processo da tatuagem descrito, é possível perceber o quanto a tatuagem se inseriu no projeto de higienização que marca a modernização das cidades.

Os tatuadores reconhecem alguns fatos que podem ter levado a essa apropriação de elementos e símbolos da biomedicina pela tatuagem, um deles é o advento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Para Edu, o que levou a essa nova configuração, pelo menos em São Paulo, no final da década de 80, foi o advento da AIDS, que teria reprimido a demanda por tatuagem. Além disso o Estado passa a prescrever normas de higiene para os locais e procedimentos de tatuagem, como é possível observar em seu relato sobre os efeitos das medidas tomadas pelos órgãos públicos do estado de São Paulo:

[...] a Vigilância Sanitária, a Secretaria da Saúde baixou um decreto de que todos os estúdios tinham que ter uma norma de higiene, tinha que ter estufa, paredes pra poder lavar, tinha que usar *descarpack*, isso muito tempo atrás em São Paulo. E luva, máscara. E o pessoal começou a voltar nos estúdios, o pessoal começou a investir muito alto, era Convenção, era divulgação. E agora meu, tá bem evoluído mesmo, e parece que vai evoluir bem mais ainda. Hoje se você estiver entrando em um estúdio lá em São Paulo, você vai tá entrando numa clínica mesmo. Tem a sala de recepção, um ambiente de esterilização, só de esterilização, tem um outro ambiente que é pra colocar *piercing*, e o outro ambiente pra fazer tatuagem, pra colocação de tatuagem. Pô é uma clínica, são vários tatuadores trabalhando, é uma equipe. (Edu)

Em Florianópolis, existem exigências para retirar o alvará de funcionamento, e todos os estúdios que visitei, durante o trabalho de campo seguiam o modelo descrito por Edu. Há uma vigilância dos órgãos públicos sobre a prática da tatuagem de estúdio na cidade, como já ressaltei no capítulo anterior.

O alargamento do público consumidor de tatuagem também pode ser considerado como um dos fatores que levaram à maior preocupação com a higiene e assepsia do local de tatuar. Nos últimos anos, é possível observar a presença, cada vez mais “visível” da tatuagem nos centros urbanos brasileiros. As camadas médias e altas da sociedade passam a freqüentar mais os estúdios de tatuagem. Para Alexandre, a demanda de “filhos de burgueses” (referindo-se a pessoas oriundas das camadas médias e altas da sociedade) levou à exigência de certos procedimentos, como a assepsia. Para

ele, enquanto a tatuagem era feita na marginalidade, quando era relacionada especialmente a presidiários e “marginais”, não havia preocupação com limpeza. Diz ele que hoje o “burguês” vê que o amigo de seu filho tem uma tatuagem e acaba aceitando que o seu filho também faça uma, mas faz exigências sobre as condições do local e prática. E essa não é uma opinião particular de Alexandre.

Certa vez, estava na sala de espera do estúdio de Leco e, conversando com uma garota de aproximadamente 19 anos, ela disse-me que de seus amigos quase todos tinham tatuagem. E em todos os estúdios, ouvi uma mesma história, a de que na época em que passou uma minissérie na televisão, onde uma das personagens tinha uma tatuagem atrás da orelha, os estúdios começaram a receber várias meninas procurando fazer a mesma tatuagem, chegando muitas vezes em grupos de amigas.

A tatuagem, que por muito tempo foi um símbolo de identidade de grupos urbanos marginalizados, como os punks e os hippies, já não está tão restrita. Quando indagava os tatuadores sobre o perfil de seus clientes, as respostas, na maioria das vezes, iniciavam com uma lista onde estavam nos primeiros lugares médicos e advogados. O que não deixa de ser uma forma de evidenciar, no próprio discurso dos tatuadores, uma certa legitimização da tatuagem hoje.

Alexandre considera o processo de higienização que está acontecendo com a tatuagem positivo. Em sua opinião, os estúdios devem se equipar para oferecer um trabalho bom e seguro. E essa é a opinião de todos os tatuadores que entrevistei.

Em Florianópolis, os tatuadores foram se apropriando desses novos elementos a partir do contato com tatuadores que já os utilizavam. Alexandre começou a usar máscara cirúrgica para tatuar, por exemplo, depois que viu tatuadores utilizando as máscaras na Convenção Internacional de tatuagem que aconteceu em São Paulo em 1997.

Assim, falar em “biossegurança”, “microcirurgia”, “segurança do cliente”, faz parte de um discurso que está permeado pela preocupação com o “trabalho seguro”. Sabendo que eu estava ali como pesquisadora, todos os tatuadores fizeram questão de mostrar como a tatuagem que praticam não tem nenhuma relação com aquela tatuagem feita sem nenhum tipo de higiene, a “tatuagem de rua” ou a “tatuagem de cadeia”. O que mais chamavam atenção era para os materiais descartáveis e a esterilização dos não descartáveis, apesar da evidência que o próprio espaço demonstra, com suas paredes brancas e o mobiliário odontológico<sup>84</sup>.

Se compararmos a descrição da tatuagem que Alexandre fez em Duda, com o relato de Anjo de uma de suas primeiras tatuagens feita no meio de uma praça no centro da cidade, é possível observar quanto mudaram os procedimentos na tatuagem e quanto a higiene e os procedimentos assépticos tornaram-se centrais quando passou a ser realizada em estúdios.

Enquanto estava escrevendo esse capítulo, folheando uma revista de tatuagem, a *Metalhead Tattoo*<sup>85</sup>, encontrei uma reportagem sobre tatuadores que me pareceu o mais paradigmático das informações que obtive até o momento sobre o processo de higienização da tatuagem. Uma reportagem com o tatuador Marco Antônio, dono do estúdio *Clínica Descarttoo* que fica na cidade de São Paulo. Marco é tatuador há 15 anos, e está inaugurando esse estúdio em São Paulo. Também é dono de uma fábrica de bicos descartáveis para tatuagem (o bico ou a biqueira, como já salientei anteriormente, é um dos instrumentos esterilizados). Na reportagem chama atenção tanto o discurso desse tatuador, quanto sua foto, preparado para tatuar, além do próprio nome do estúdio, que inclui na sua designação o título de Clínica e o uso de material descartável.

---

<sup>84</sup> Em alguns casos, a cadeira do cliente é uma cadeira projetada para sessões de massagem, que nesse caso está sendo adaptada para a prática da tatuagem.

<sup>85</sup> *Metalhead Tattoo* é a revista de tatuagem de maior circulação nos estúdios que fui. Trata-se de uma revista nacional de circulação bimestral.



Tatuador Marco – Clínica Descartoo

Fonte: Metalhead Tattoo, nº.37 , s/d.

Marco além das luvas descartáveis e da máscara cirúrgica, que já simboliza o processo de higienização da tatuagem, incorpora à sua performance uma viseira de proteção e um jaleco descartável, além de uma biqueira descartável na máquina. Em seu discurso fica mais evidenciado ainda esse processo, Marco tem como objetivo uma assepsia “total”, para isso utiliza o máximo de material descartável, inclusive as biqueiras que fabrica e ainda projetou móveis feitos especialmente para a prática da tatuagem, alegando que as adaptações que os tatuadores costumam fazer prejudicam a assepsia do local. Nesse artigo, é possível vislumbrar o quanto o projeto de higienização influenciou a tatuagem, e quanto já está incorporada a essa prática.

O processo de higienização da tatuagem parece estar buscando legitimidade para uma prática que ainda está, de certa forma, na marginalidade. O passado da tatuagem relacionado à margem e à criminalidade, pode ser um dos fatores que levam a uma maior preocupação em divulgar um trabalho asséptico, que teria uma função simbólica

de retirar as marcas de impureza e “perigo” relacionadas à prática de tatuar. Douglas (1976), discutindo a questão da religião e de interdições, diz que a sujeira está relacionada à desordem (p.12). Parece paradigmático que a higienização da tatuagem esteja acontecendo ao mesmo tempo que a demanda por essa arte esteja se alargando, como foi ressaltado anteriormente. A “limpeza” dos procedimentos e espaços estaria dessa forma retirando a tatuagem de um lugar de “perigo”, de “marginalidade”?

O processo de higienização da tatuagem estava muito evidente nos espaços onde fiz meu trabalho de campo. Nesses espaços, conversar sobre tatuagem sempre leva, em algum momento à discussão sobre higiene e assepsia. Ouvi várias vezes a comparação de tatuadores com dentistas, ressaltando que há “tatuadores muito mais assépticos do que muitos dentistas”, e essa comparação estava sempre relacionada aos procedimentos de esterilização dos materiais utilizados durante a tatuagem, como já citei anteriormente, a biqueira e a haste das agulhas, e à utilização de um aparelho de alta precisão para esterilização, o autoclave.

A centralidade do processo de higienização, como pôde ser observado, envolveu a prática da tatuagem a ponto de extrapolar a observação das normas prescritas pela vigilância sanitária. A higiene passou a fazer parte dos valores e do *ethos* da tatuagem feita em estúdio.



# Considerações Finais

---

*Sobre o tema*

Ao longo desse trabalho tentei evidenciar que, tatuagem e tatuador, passaram por um processo de transformação em muitas de suas características distintivas. Entre elas, está a passagem da clandestinidade – e seus significados metafóricos associados à marginalidade – para a visibilidade, seja dos *estúdios* – um espaço de sociabilidade - ou dos corpos tatuados que circulam pelas ruas.

No primeiro capítulo, o espaço onde a tatuagem é realizada foi apresentado e contextualizado como um ícone desta construção da tatuagem de estúdio. Essa nova configuração, a institucionalização do *estúdio*, leva o tatuador a ter um endereço fixo, o que implica, entre outras demandas o alargamento da clientela e a submissão às prescrições do Estado.

Aquilo que chamei de passagem do *Porão* ao *Estúdio*, está intimamente ligada a transformações como o nascimento de um novo profissional – o tatuador - e a contribuição que a tecnologia trouxe para a sua especialização como alguém que tenta sua legitimação profissional enquanto um artista. Portanto, ser artista, nesse contexto, liga-se, entre outros aspectos, com possuir *jeito*, mas também com a melhor qualidade que os novos instrumentos e materiais de tatuar trouxeram para o trabalho do tatuador. Ao mesmo tempo, como discuti no capítulo 2, um tatuador não nasce tatuador, ele se torna um. Esse ‘tornar-se’ denota o caráter relacional constitutivo do tatuador. Ele se sentiu atraído pela tatuagem ao ver um tatuador trabalhando e, logo em seguida ou pouco tempo depois, procurou alguém para ‘aprender’ a ser um também.

No relato ainda dos tatuadores, percebe-se que esse período de aprendizado o coloca em um estado de liminaridade, onde ainda não é tatuador mas está aprendendo a sê-lo, e isso é possível se um tatuador já profissional se dispõe a recebê-lo em seu estúdio. Aqui entra um novo elemento denotativo da relationalidade presente no processo de formação do tatuador. A informalidade do aprendizado estabelece um vínculo entre *aprendiz* e tatuador baseado numa relação de reciprocidade, na tríplice

aliança maussiana do dar-receber-retribuir. A observação de um ‘outro’ vai construir as bases desse novo tatuador.

Mas é inegável também, como discuto ainda no capítulo dois, que esse mesmo processo que é *relacional*, é também singularizador e individualizador. Essa *passagem*, de aprendiz a profissional envolve uma ruptura; em breve esse *aprendiz* alçará vôo, como me disse Stoppa, ele vai em busca de construir o seu espaço, o seu estúdio. Uma configuração hierárquica dá lugar a elementos individualizadores e singularizadores que falam basicamente de igualdade, algo que Dumont já chamou atenção ao dizer que “igualdade e hierarquia estão necessariamente combinados, de uma forma ou de outra, em todo sistema social” (Dumont, 2000, p.15). É discutindo as alternativas individualizadoras presentes em todo o sistema social, que Velho fala da existência de um “campo de possibilidades”, pois “o processo de individualização não se dá fora de normas e padrões por mais que a liberdade individual possa ser valorizada” (1987b, p. 25).

Isso serve para pensar a trajetória de construção do tatuador enquanto profissional, que tem como ápice de sua individualização e singularização o estúdio. É desse tatuador de estúdio que falo aqui e que tem como característica de sua formação um processo relacional e singularizador. Entre os elementos que o singularizam está o seu *traço*, seu *estilo*. É com a especialização que chegam a construir um ‘nome’, garantia de seu trabalho; como me disse Anjo, não há necessidade de um bom artista assinar uma tatuagem, já que o próprio traço, a própria cor, o próprio estilo é um tipo de assinatura entre os tatuadores. Após a passagem de *aprendiz* a *profissional*, ‘fazer o nome’ é fundamental para a construção da carreira do tatuador.

Certamente, por estar presente numa sociedade ocidental contemporânea, esse processo evidencia elementos de uma ideologia individualista. Durante o trabalho alguns elementos se mostraram centrais. Em primeiro lugar, a tatuagem feita em estúdio se diferencia e é diferenciada constantemente pelos tatuadores de outras tatuagens como

a “tatuagem de rua” ou a “tatuagem de cadeia”. As narrativas das trajetórias e experiências dos tatuadores que entrevistei estavam boa parte do tempo marcando essa fronteira. Há nesse universo uma espécie de “mito de origem” da tatuagem no Brasil que vem sendo contado e re-contado pelos tatuadores e por pessoas que estão mais próximas desse universo, como as que trabalham nos estúdios. Também encontrei exaustivamente esse “mito” em *home pages* sobre tatuagem e em trabalhos que falam da tatuagem de estúdio no Brasil, mesmo que não dêem ênfase a essa diferenciação<sup>86</sup>. Esse “mito de origem” é marcado pela chegada do tatuador dinamarquês Lucky no porto do cais da cidade de Santos, no estado de São Paulo em 1959. Lucky é visto como o tatuador que trouxe a máquina de tatuar para o Brasil, assim como tintas e agulhas para tatuagem. Além disso, Lucky fazia um tipo de tatuagem que se diferenciava de outras. Como já ressaltei no capítulo 2, Stoppa quando viu em 1978 uma reportagem sobre Lucky na antiga revista *O Cruzeiro* disse: “era um trabalho artístico, quando eu vi na revista um trabalho artístico ... [eu disse] é isso que eu quero, não quero aquela tatuagem de cadeia, de bandido que é feita com agulha”. Stoppa identifica o trabalho de Lucky como “artístico” em oposição à tatuagem feita em “cadeia”, manualmente. A partir do relato dos tatuadores, é possível perceber que no universo da tatuagem especialmente nas grandes cidades brasileiras, há fronteiras estabelecidas entre diferentes tipos de tatuagem, ou seja, não existe “a tatuagem”, mas vários tipos de tatuagem que compõem o fenômeno tatuagem, uma delas é a “tatuagem de estúdio” abordada aqui, que em determinados momentos também chamo de “tatuagem-arte”.<sup>87</sup>

Esse “mito de origem” da tatuagem feita em estúdio parece-me uma das formas que os tatuadores buscam para legitimar os seus trabalhos. Assim como, no decorrer dessa pesquisa, foi possível observar que em vários outros momentos há iniciativas por parte dos tatuadores em legitimar a tatuagem que fazem, legitimação tão cara a uma

---

<sup>86</sup> Ver Krischke Leitão, 2003; Fonseca, 2003; Marques, 1997; Ramos, 2001.

<sup>87</sup> Lembrando que, além dos diferentes ‘tipos’ de tatuagens que há nas sociedades ocidentais contemporâneas, também há aquelas feitas em outras sociedades, como as tatuagens feitas pelo povo Matis e tantos outros.

prática que ainda carrega um grande estigma, o da marginalidade associado à criminalidade.

Nesse sentido, outra característica importante que marca a tatuagem de estúdio é o processo de *higienização* em que ela está envolvida. Esse processo, que de outra parte marca grande parte da sociedade moderna contemporânea<sup>88</sup>, como já discutido nesse trabalho, é que legitima publicamente a tatuagem de estúdio, sendo constitutivo do discurso de todo tatuador. A proximidade ao campo biomédico tornou-se ainda mais explícita por todos os elementos simbólicos presentes no estúdio: o estilo *clean* da sala de tatuar, combinada a um profissional que trabalha de máscara e luva cirúrgica, que fala em agulhas descartáveis e realiza incisões sobre o corpo, coloca-o num limiar bastante tênue.

Mas a tatuagem de estúdio fala sobretudo de arte, ela se pretende uma tatuagem-arte, tão arte como qualquer outra e com singularidades, como toda arte. Certamente não é enquanto um conceito hegemônico de arte que ela pode ser entendida, mas ela carrega em si valores hegemônicos em seu discurso. Um deles o conceito de ‘artista’, que vem do renascimento. São esses novos eventos que configuram o que estou chamando de entrada da tatuagem na modernidade.

Resta a certeza de que esse é apenas um início. Deste ponto, é que começo a sentir quantos aspectos estão presentes na tatuagem, ou melhor, nas ‘tatuagens’. A difusão e propagação da tatuagem a ponto de torná-la um *fenômeno*, acontece no mesmo momento em que vivemos um outro fenômeno já caracterizado como ‘culto ao corpo’.

Como pensar a tatuagem nesse contexto, assim como os diálogos com a cultura da boa forma física e os discursos da ‘qualidade de vida’, são elementos que o tempo restrito deste trabalho não permitiu abordar. Ou então, a partir de uma perspectiva de gênero, tomar as mulheres tatuadoras como ‘sujetas’ da tatuagem de estúdio e as

---

<sup>88</sup> Conforme Sennet (2001), Rodrigues (1999), Carvalho (1987), Matos (2003).

implicações no universo da tatuagem, assim como a concepção da tatuagem enquanto arte muito teria a ser aprofundado, entre outros, podem ser temas interessantes.

Por ora, resta afirmar que o *estúdio* foi um advento central para a transformação que a tatuagem vem passando, dando-lhe crescente reconhecimento e aceitação no universo do qual passou a fazer parte.



# Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena W. *Cenas Juvenis*: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

AZIZE, Rogério. (2002). *A química da qualidade de vida*: um olhar antropológico sobre uso de medicamentos e saúde em classes médias urbanas brasileiras. Florianópolis, 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade*: a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

CAILLÉ, Allain. Nem holismo nem individualismo metodológicos. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, vol. 13, n. 38, p. 5-37, 1998..

CARVALHO, Murilo de. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.

DANUSCH, Hubert. Artista. *Encyclopédia Einaldi*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v.3, 1984. p.66-90.

DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência*: gangues, galeras e o movimento Hip Hop. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

DOUGLAS, Mary. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976. p.11-17.

DUMONT, Louis. Introdução: Um estudo comparativo da ideologia moderna e do lugar que nela ocupa o pensamento econômico. In: \_\_\_\_\_. *Homo Aequalis*: gênese e plenitude da ideologia econômica. Bauru, EDUSC, 2000. p.13-44.

ERICSON, Philippe. Toque final: los tatuajes. In: \_\_\_\_\_. *Sello de los antepassados, marcado del cuerpo y demarcación étnica entre los Matis de la Amazonía*. ABYA-YALA, 1999. p. 385 – 400.

FONSECA, Andréa L. P. *Tatuar e ser tatuado*: Etnografia da Prática Contemporânea da Tatuagem. Estúdio: Experience Art Tattoo – Florianópolis – SC – Brasil. Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina.

GEERTZ, Clifford. A arte como um sistema cultural. In: *O Saber Local*. Rio de Janeiro: Vozes. 1997.

GEERTZ, Clifford. Ethos, Visão de Mundo e a Análise de Símbolos Sagrados. In: \_\_\_\_\_. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1994.

GOLDENBERG, Mirian. *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

KRISCHKE LEITÃO, Débora. *O Corpo Ilustrado: um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea*. Porto Alegre, 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LE BRETON, David. *Signes d'identité: tatouages, piercings et autres marques corporelles*. Paris: Éditions Métailié, 2002.

LE BRETON, David. *Tatouages, piercings: Rite personnel de passage?* (s/d).

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. In: \_\_\_\_\_. *Antropologia Estrutural*. RJ: Tempo Brasileiro, 1996)

MALUF, Sônia W. Inventário dos males. Crise e sofrimento em itinerários terapêuticos e espirituais nas culturas da Nôra Era. In: *Debates do NER*, ano 4, n.4, PPGAS/UFGRS, 2003, p.63-72.

MALUF, Sônia W. *Les enfants du verseau au pays des terreiros. Les cultures thérapeutiques et spirituelles alternatives au sud du Brésil*. Tese. Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales, 1996.

MARQUES, Toni. *O Brasil tatuado e outros mundos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARQUES, Vera R. B. A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1994.

MATOS, Izilda S. de. Delineando corpos. As representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In: MATOS, Izilda S. de; SOIHET, Rachel (org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

MAUSS, M. Uma categoria do Espírito Humano: A noção de pessoa, a noção do “eu”. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974a. v.1, p. 209-241.

MAUSS, Marcell. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão de troca nas sociedades arcaicas. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974b, v.2, p. 37-182.

RAMOS FLORES, Maria Bernadete. A medicalização do sexo ou o amor perfeito. In: SILVA, Alcione L. da; LAGO, Mara C. de S.; RAMOS, Tânia R. O. (org.). *Falas de Gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.

RAMOS, Célia M. A. *Teorias da Tatuagem*. Florianópolis, UDESC, 2001.

RODRIGUES, José Carlos. Higiene e Vigilância. In: \_\_\_\_\_. *O Corpo na História*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TURNER, Victor. Planos de classificação em um ritual da vida e da morte. In: *O processo Ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VELHO, Gilberto. Prestígio e Ascensão Social: Dos Limites do Individualismo na Sociedade Brasileira. In: \_\_\_\_\_. *Individualismo e Cultura*. Notas pra uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1987a. p.39-54

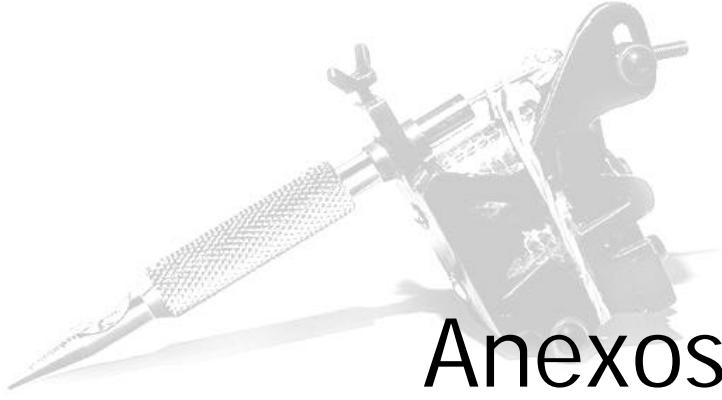
VELHO, Gilberto. Projeto, Emoção e Orientação em Sociedades Complexas:. In: \_\_\_\_\_. *Individualismo e Cultura*. Notas pra uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1987b. p.13-37

WEDEKIN, Luana M. *Ser artista*: uma abordagem antropológica da produção erudita de arte contemporânea no Brasil. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFSC.

### Revistas:

*Tattooart*, ano 2, n.4. Ed. Price, São Paulo.

*Metalhead Tattoo*, ano VIII, n. 37. Ed. Escala, São Paulo.



## Anexos

---

## *Anexo 1*

### Kit de tatuagem

1 Máquina Nacional  
1 Fonte de Energia  
1 Biqueira  
1 Pedal com Clipcord  
10 Tubos de Tinta - 15 ml  
10 Folhas de Desenhos Color A4  
6 Hastes Soltas  
3 hastes Montadas - Pintura  
3 Hastes Montadas - Contorno  
50 Agulhas Soltas  
1 Tubo de Ácido - 15 ml  
50 Batoques  
10 Pares de Luvas  
250 g de Vaseline Sólida  
20 Abaixadores de Língua  
6 Máscaras  
1 Borrifador  
1 Limpador de Biqueiras  
1 Capa descartável

Fonte: <http://www.satattoo.com/index1.htm>  
Capturado em 25 de maio de 2003

*Anexo 2*



Batoques



Biqueiras

## Anexo 3

### ASSOCIAÇÃO DOS TATUADORES E PIERCERS DE FLORIANÓPOLIS

Studio Pirata

CADASTRO DE CLIENTES FICHA N°\_\_\_\_\_

#### DADOS PESSOAIS (Letra legível)

Nome completo: .....  
Data de nascimento.....Idade.....Sexo: F: \_\_\_ M: \_\_\_  
Endereço.....  
Bairro..... Cidade..... CEP:.....  
RG:..... CPF:.....  
Telefone de contato:.....comercial:.....  
E\_MAIL.....

#### QUESTIONÁRIO

	S	N		S	N
Diabetes.....	( )	( )	Doenças infecto-contagiosa.....	( )	( )
Epilepsia.....	( )	( )	Histórico de convulsões.....	( )	( )
Hemofilia.....	( )	( )	Problemas de cicatrização.....	( )	( )
Vitiligo.....	( )	( )	Reações alérgicas (corantes etc..).....	( )	( )
Marcapasso.....	( )	( )	Hipersensibilidade a composto químico.....	( )	( )
Pressão.....	Alta ( )	Baixa ( )	Propensão a formação de queloides	( )	( )
Efeito ou dependência de Álcool ou Drogas...	( )	( )			

**OBS:** Em caso de menor de idade (18 anos) necessita da assinatura dos pais ou responsável legal, autenticado em cartório caso o mesmo não esteja presente.

Eu.....RG.....CPF.....

Autorizo.....RG.....CPF.....

Fazer: Tatuagem ( ) Piercing ( )

#### Responsável

Eu.....portador do Local de Aplicação da Jóia ou Tatuagem

Modelo da jóia ou desenho: .....

Parte do corpo: .....

Eu, acima identificado e assinado, declaro para os devidos fins que recebi do profissional acima identificado, todas as informações referentes ao procedimento utilizado, aos cuidados a serem dispensados tanto antes, quanto depois da realização do mesmo.

Verifiquei que os materiais utilizados pelo profissional são devidamente higienizados, como exigem as posturas legais regulamentares, bem como verifiquei pessoalmente, que os materiais são descartados após procedimento.

Estou ciente de que a remoção posterior de tatuagem é um procedimento médico altamente complexo e custoso. Por fim, comprometo-me a seguir as instruções repassadas pelo profissional, a fim de que a cicatrização seja melhor possível, estando ciente de que cada pessoa possui um tempo específico e próprio de reação.

Sendo o acima indicado teor de verdade, assino:

Florianópolis.....de.....de.....

\_\_\_\_\_  
Ciente ou responsável

\_\_\_\_\_  
Tatuador ou piercer

Anotações internas: